

MÁRIO FILIPE GOUVEIA MONIZ

**O SERVIÇO EDUCATIVO COMO DINÂMICA E
PROCESSO DE RENOVAÇÃO DE PÚBLICOS EM
PONTA DELGADA**

TRABALHO DE PROJETO EM
PRÁTICAS CULTURAIS PARA MUNICÍPIOS

MARÇO 2011



O presente trabalho foi redigido tendo em conta o novo Acordo Ortográfico de 2011.

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Práticas Culturais para Municípios, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor António Camões Gouveia.

Declaração

Declaro que este trabalho projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no textos, nas notas de rodapé e na bibliografia.

O Candidato

Lisboa, ___ de _____ de _____

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas

O Orientador

Lisboa, ___ de _____ de _____

AGRADECIMENTOS

À Carolina,

Pela prontidão e preciosa ajuda.

À Mariana,

Pelos conselhos, compreensão, paciência e sabedoria.

Ao André,

Pelo seu tempo, disponibilidade, e motivação.

À Íris e Galileu,

Pela companhia e apoio nos momentos chave.

Aos meus Pais,

Por acreditarem, pela compreensão e pela motivação.

Ao Professor Doutor António Camões Gouveia,

Por ter aceite orientar-me, por toda a disponibilidade demonstrada
mesmo à distância de um oceano.

O SERVIÇO EDUCATIVO COMO DINÂMICA E PROCESSO DE RENOVAÇÃO DE PÚBLICOS EM PONTA DELGADA

Mário Filipe Gouveia Moniz

RESUMO: A cultura é um bem que, nos dias de hoje, se direciona para todas as classes sociais. Neste sentido, surgem os serviços de extensão cultural, cujo objetivo consiste em conquistar e aproximar novos públicos para a cultura. Para concretizar este propósito há a necessidade de estudar e compreender essa população-alvo e neste contexto tornam-se pertinentes os estudos de públicos. Em Portugal este tipo de trabalho é escasso. Em S. Miguel, mais concretamente em Ponta Delgada, os estudos deste género são inexistentes. O presente trabalho pretende contribuir para a alteração deste panorama e deste modo pretende perceber a forma como funcionam os três principais equipamentos culturais desta cidade e sugerir estratégias que visam criar, renovar ou mesmo fidelizar novos públicos. É ainda intenção deste trabalho apresentar alternativas simples e práticas que possibilitem a criação de bases de dados que possam, num futuro, auxiliar um estudo mais aprofundado e específico acerca dos públicos da cultura da cidade de Ponta Delgada.

PALAVRAS-CHAVE: Equipamentos de Cultura, Serviço Educativo, Público, Trabalho em Equipa, Divulgação, Comunicação.

EDUCATIONAL SERVICE AS A DYNAMIC AND A RENEWAL PROCESS OF CULTURAL AUDIENCES IN PONTA DELGADA

Mário Filipe Gouveia Moniz

ABSTRACT: Nowadays, culture is an asset that is aimed to all social classes. To achieve it, there are cultural extensions services, which goal is to conquer and bring new audiences to culture. To reach this purpose there is a need for studying and understanding this target population, which makes the audience studies quite relevant. In Portugal this type of work is scarce. In S. Miguel, more specifically in Ponta Delgada, studies of this kind are non-existent. This work aims to contribute to change this scenario and understand how the three major cultural facilities in this town work, and, at the same time, suggest strategies to create, renew and retain new audiences. It is also the intention of this work to introduce simple and practical alternatives to enable the creation of databases that can, in the future, help further specific studies regarding the cultural public of the town of Ponta Delgada.

Keywords: Cultural Facilities, Educational Services, Audience, Teamwork, Divulgation, Communication.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I. CONTEXTUALIZAÇÃO	
I.1. Problemática	5
I.2. Objetos de Estudo	
I.2.1 A Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada	7
I.2.2 O Museu Carlos Machado	10
I.2.3 O Teatro Micaelense	12
I.3 Objetivos	16
II. A ORGÂNICA DOS OBJETOS DE ESTUDO	
II.1 A Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada	
II.1.1 A Orgânica da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada	19
II.1.2 Programação e Público-alvo	20
II.1.3 Mecanismos de Divulgação	22
II.1.4 Investimentos e Receitas	23
II.1.5 O Serviço educativo	23
II.2 O Museu Carlos Machado	
II.2.1 A Orgânica do Museu Carlos Machado	25
II.2.2 Programação e Público-alvo	26
II.2.3 Mecanismos de Divulgação	29
II.2.4 Investimentos e Receitas	30
II.2.5 O Serviço educativo	31
II.3 O Teatro Micaelense	
II.3.1 A Orgânica do Teatro Micaelense	32
II.3.2 Programação e Público-alvo	34
II.3.3 Mecanismos de Divulgação	36
II.3.4 Investimentos e Receitas	36
II.3.5 O Serviço educativo	37
CONCLUSÃO	39
BIBLIOGRAFIA	46

ANEXOS

Anexo I: Mapas e Imagens	50
Anexo II: Caracterização estatística da população micalense/açoriana	58
Anexo III: Missão, visão, objetivos e outras informações acerca da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada	62
Anexo IV: Missão, o projeto móvel e outras informações relativas ao Museu Carlos Machado	68
Anexo V: Caracterização Técnica e Serviços do Teatro Micalense	72
Anexo VI: Transcrição das entrevistas realizadas aos responsáveis pelos equipamentos estudados.	83

LISTAGEM DE ABREVIATURAS UTILIZADAS

BPARPD – Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada

MCM – Museu Carlos Machado

NSA – Núcleo de Santo André

NSB – Núcleo de Santa Bárbara

TM – Teatro Micaelense

S.E. – Serviço Educativo

DRC – Direção Regional da Cultura

RAA – Região Autónoma dos Açores

Portugal Cont.al – Portugal Continental

INTRODUÇÃO

Até meados do século XX a cultura era um bem acessível apenas às elites. Após este século, tal como afirma Rico, “esta ideia tem mudado graças às políticas de aproximação da cultura à população”¹. Assim surge uma ideia fundamental que percorre todo o sistema cultural: aproximar a cultura de todas as classes sociais da população. É neste contexto que emergem os mais variados serviços culturais disponibilizados pelas instituições, nomeadamente, o serviço educativo (SE) com programações para os tempos livres de carácter educativo formal ou não-formal, os centros de documentação, as lojas, as cafetarias, os espaços de lazer como os jardins, entre outros. O interesse dos agentes culturais, de um modo geral, está “voltado para o enriquecimento da vida do individuo e para o bem-estar das comunidades que servem”².

A criação destes serviços, para além dos objetivos de democratização cultural e de dar resposta às novas exigências e necessidades da sociedade moderna, tem também como propósito possibilitar e potenciar o surgimento de novos públicos. A concretização desta meta torna-se de tal modo importante que os resultados “(...)parecem obedecer à necessidade de viabilização das próprias instituições. As preocupações de rentabilização são, numa grande parte, maquilhadas com enunciações educativas cujo fundamento nem sempre é muito claro”³. Para Rico, “antigamente a cultura teria um lugar reconhecido no seio da nossa sociedade, hoje parece que apenas poderá ocupar este lugar se demonstrar conseguir alcançar rendimentos económicos significativos”⁴.

A necessidade de desenvolver programas e estratégias que visam criar, renovar ou mesmo fidelizar novos públicos torna-se cada vez mais fundamental. Em Portugal, este trabalho ainda está a ser iniciado, visto que “(...)os inquéritos realizados [no nosso país] sobre a forma como as pessoas se relacionam com as

¹ Rico, 2008, p.120

² Neil, 2003, p.15

³ Ralha, 2003, p.91

⁴ Rico, 2008, p. 125

artes são muito poucos”⁵. Apesar de, presentemente, ainda serem escassos os trabalhos neste domínio, os responsáveis pelos equipamentos culturais têm presente essa preocupação, embora, por diversas razões, todo o seu conhecimento não se encontra publicado. Torna-se assim perceptível, que é nesta nova dinâmica sociocultural que o estudo dos públicos desempenha um papel fundamental na percepção da constante mutação do lugar que a cultura ocupa no seio da sociedade moderna.

É neste contexto que surge a motivação para escolher a problemática dos públicos, especificamente os de Ponta Delgada e desenvolvê-la no presente trabalho. Torna-se ainda pertinente esclarecer que, não é pretendido estudar os públicos numa perspetiva de caracterização e estudo estatístico. É, sim, pretendido perceber o que tem sido desenvolvido pelos gestores dos objetos de estudos relativamente a este assunto e sugerir novos meios de comunicação com o público da cultura em Ponta Delgada. Há a consciência de que no meio cultural açoriano, especificamente em S. Miguel, a rentabilização económica da cultura e, conseqüentemente, a afluência de públicos serão fundamentais para sua sustentabilidade atual, bem como, a médio/longo prazo.

Para desenvolver o presente trabalho, foram selecionados três equipamentos culturais que desenvolvem a sua atividade em áreas distintas mas complementares, nomeadamente, uma Biblioteca – Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada (BPARPD), um Museu – Museu Carlos Machado (MCM) e uma Sala de Espetáculos – Teatro Micaelense (TM). Todos são tutelados pelo Governo Regional dos Açores e localizam-se na cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel⁶.

Assim, o presente trabalho pretende, em primeiro lugar, contextualizar a problemática: de que forma pode a ação dos SE ser o motor de dinamização e renovação dos públicos da cultura em Ponta Delgada; apresentar os três equipamentos através da sua história e definir os objetivos deste estudo. No

⁵ Monteiro, 1992, p. 84

⁶ Ver anexo I, p. 50, Mapa 1

segundo capítulo – A orgânica dos objetos de estudo – foi elaborada uma descrição detalhada dos três equipamentos enfatizando a forma como se encontram organizados, quais os critérios seguidos para a sua programação, qual é o seu público-alvo, quais são os mecanismos de divulgação das atividades, quais são as políticas de investimento e as suas receitas, terminando com a exposição do trabalho desenvolvido pelos SE de cada um. Neste capítulo, devido à escassez de informação impressa, foram realizadas entrevistas aos responsáveis de cada equipamento. Finalmente, na conclusão, tendo em conta toda a informação recolhida de junto de cada instituição a pretensão é a de discutir de que forma será possível, através do SE, dinamizar ou mesmo renovar os seus públicos. Serão, também, expostas estratégias que poderão ser implementadas de modo a concretizar os objetivos do presente trabalho.

Relativamente à Bibliografia consultada importa referir que, existem muito poucas obras nacionais impressas relativas à área de estudo deste trabalho. No que toca à área geográfica de S. Miguel a existência é extremamente reduzida. Deste modo, foi necessário, como já referenciado, recorrer a algumas entrevistas. Outra bibliografia generalista que problematizasse questões relacionadas com os públicos da cultura em língua portuguesa também se revelou escassa. Para alargar horizontes e, de certo modo, aprofundar o estudo bibliográfico do tema, também foram consultadas obras editadas em outros países como Espanha e Estados Unidos da América.

Em último lugar é apresentada uma seleção de anexos que pretendem valorizar o presente trabalho. No anexo I – Mapas e imagens - é possível a consulta de mapas que localizam geograficamente os objetos de estudo bem como algumas imagens dos equipamentos sob a forma de fotografias; no anexo II – Caracterização estatística da população micalense/açoriana – é possível conhecer o público-alvo dos equipamentos através dos dados do Serviço Regional de Estatística dos Açores, em alguns casos comparar com a realidade de Portugal continental (Portugal Cont.al) ou a nível nacional; nos anexos III, IV e V é possível consultar informações extras que se consideram também importantes

para compreender, na globalidade, o funcionamento e os objetivos dos equipamentos culturais estudados.

I. CONTEXTUALIZAÇÃO

I.1. PROBLEMÁTICA

Foram variadas as questões que surgiram aquando da definição do tema deste estudo. Em primeiro lugar, é conhecido que a quantidade de públicos é o argumento chave para o financiamento das instituições culturais. É também conhecido que, a cultura atualmente é um bem destinado a todas as classes da sociedade. Inclusivamente, a exploração das suas potencialidades é cada vez maior havendo várias teorias de aprendizagem que reportam para a educação pela arte. Os equipamentos culturais, como por exemplo, os museus são “(...)locais com potencialidades ilimitadas no domínio dos diferentes tipos de aprendizagem”⁷. Tendo em conta todo este conhecimento, porque razão não surgem medidas para o aumento do número de pessoas usufruidoras do bem cultural? Que inovação pode apresentar um equipamento nesta área? Esta inovação terá de traduzir-se em alterações na programação? Na divulgação? Nos SE? O SE, munido das suas competências, poderá ser a valência dos equipamentos culturais responsável pôr por em prática esta possível inovação.

Os SE têm desenvolvido muito bem o seu trabalho com as escolas, nunca houve tanta afluência à cultura pela escola como hoje em dia. Esta ideia foi muitas vezes corroborada e partilhada pelos responsáveis dos equipamentos estudados aquando das entrevistas⁸. Existe a consciência de que as “(...)experiências de aprendizagem [pela cultura] são enriquecedoras através de um contacto direto com os objetos”⁹, afirma Brito. Então neste momento, este trabalho, realizado pelos SE com a população escolar, tem de ir ao encontro do restante público.

No caso dos objetos de estudo do presente trabalho, que embora tenham a porta aberta para todos os cidadãos, é a população das proximidades que mais facilmente os pode visitar. Contudo, o fator de proximidade nem sempre é válido

⁷ Brito, 2009, p. 1

⁸ Consultar Anexo VI, p. 83, Entrevista 1, 2 e 3

⁹ Brito, 2009, p. 2

relativamente à afluência de públicos. Então o que levaria este público próximo¹⁰ a frequentar estes espaços?

É considerado, à priori, que é a educação que despoleta o interesse pela cultura e, neste contexto, os SE são encarados como detentores das competências necessárias à renovação, fidelização e conquista de novos públicos. Na globalidade, é esta a premissa que o presente trabalho pretende explorar e validar.

Da análise do caso espanhol feita por Rico, é aferido que “(...)desde a década de 80, os museus contam com o Departamento de Educação e Ação Cultural o qual se dedica à aproximação dos conteúdos científicos do museu ao público.[As atividades deste departamento] atraíram o público real e potencial originando um aumento de visitantes”¹¹. O autor relata o sucesso obtido por um departamento comum àquelas instituições. No caso deste estudo, é pretendido perceber de que forma poderá um serviço comum a todos os equipamentos estudados obter resultados semelhantes aos apresentados no caso espanhol. De que forma pode um trabalho em equipa, partindo dos SE, esclarecer o público dos equipamentos estudados, acerca das suas atividades, bem como, aproximar o público da cultura, iniciando assim um processo real de democratização da cultura?

Finalmente, é necessário ter em conta os variados meios de ligação social de que, atualmente, dispomos sendo a internet e os *media* os principais veículos. Será que, atualmente, a cultura utiliza todos os meios disponíveis para manter ou conquistar novos públicos? Será que a cultura utiliza na sua plenitude estes novos meios de comunicação tão presentes e vinculados no seio da sociedade atual? A exploração destes meios para fins de dinamização de novos públicos será também tema questionável no presente trabalho.

¹⁰ No sentido de proximidade geográfica.

¹¹ Rico, 2008, p. 124

I.2. OBJETOS DE ESTUDO

I.2.1 Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada

Existe muito pouca informação editada sobre este equipamento que se autodenomina como uma “Instituição multifacetada que se caracteriza por ser uma biblioteca pública e arquivo regional que engloba as ilhas de Santa Maria e São Miguel. É uma instituição que pretende dar cumprimento aos objetivos do Manifesto da Unesco para a Bibliotecas Públicas [...], é também um repositório da memória histórica dos Açores em geral e, em particular, de S. Miguel e Santa Maria, tendo à sua guarda uma diversidade de documentação que deu entrada nas suas instalações quer por via das incorporações legais a que está sujeita, quer por aquisição, depósito ou oferta de arquivos e conjuntos documentais”¹².

Na Região Autónoma dos Açores existem três bibliotecas públicas e arquivos regionais com perfis semelhantes, tuteladas pelo Governo Regional dos Açores através da DRC. Estas bibliotecas são: Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo, Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Horta e BPARPD, a qual constitui o objeto de estudo do presente trabalho.

A instituição sediada no equipamento¹³ conta já com mais de um século e meio. Foi através da ordem decretada no “artigo 7º, parágrafos 1º e 2º do Decreto de 10 de Dezembro de 1841, emanado do Ministério do Reino e Publicado no Diário do Governo n.º 300, de 20 de Dezembro do mesmo ano,[que] foi criada a Biblioteca Pública de Ponta Delgada”¹⁴. O fundo desta instituição seria constituído pelos livros dos conventos suprimidos nos vários distritos, juntamente com os donativos de uma parte do Depósito Geral das Livrarias dos Conventos do Reino.

¹² <http://www.bparpd.azores.gov.pt/>, 26/01/11

¹³ Ver anexo I, p. 51, imagem 1

¹⁴ Pavão 1992: p. 269

Ordenou o mesmo decreto que, para as despesas de reparação do respetivo edifício e da organização dos serviços, fosse votada a quantia de 400 mil reis. O local de atividades seria o extinto Convento dos Gracianos, destinado provisoriamente àquele fim, cumulativamente com o funcionamento das aulas de ensino primário e secundário de Ponta Delgada. Este imóvel foi depois ampliado em 1942.

Por ordem da lei publicada em 1845 foi determinado que a administração, conservação e consequentes despesas de funcionamento da Biblioteca ficaria a cargo da Câmara Municipal de Ponta Delgada a qual será também responsável pela aquisição de materiais e sustentação do pessoal, um bibliotecário e um contínuo com ordenados anuais, de 300 mil Reis e 72 Reis (moeda insular) respetivamente.

Por força do Decreto-lei n.º 20.484, de 6 de novembro de 1931, publicado no Diário do Governo, I Série, n.º 258 de 7 de novembro de 1937 as competências até então exigidas à Câmara Municipal são transferidas para a Junta Geral do Distrito. No artigo 2º do referido diploma é criado, pela primeira vez um arquivo distrital para funcionar em anexo à biblioteca “(...)em modos idênticos aos daqueles que foram instituídos junto das Bibliotecas Públicas de Évora e de Braga”¹⁵.

O espólio deste equipamento é constituído por diversos fundos legados ou vendidos por particulares, dos quais se destacam grandes personalidades açorianas como “(...)Teófilo Braga e os dois irmãos José do Canto e Ernesto do Canto (rico em história açoriana); Eugénio do Canto; João Maria Aguiar; Marquês Jácome Corrêa; Conde dos Fenais; Livraria de Antero de Quental (a mais completa da Região) e a anteriana oferecida por José Bruno Carreiro”¹⁶. Podem também ser encontrados, arquivos depositados nomeadamente o da Câmara Municipal de Ponta Delgada ou o da família Praia e Monforte. O mesmo autor

¹⁵ Pavão, 1992, p.277

¹⁶ *Idem*

supracitado registou que, o arquivo desta instituição ainda estava longe de se encontrar totalmente estudado.

O espírito ativo e participativo desta instituição foi registado já em 1992 através da “(...)colaboração com iniciativas culturais, colaborações com a imprensa, rádio e sobretudo, com a televisão que ao mesmo tempo se tem constituído num excelente meio de divulgação das suas atividades e do valor e riqueza do seu espólio”¹⁷. Nesta época as exposições e mostras bibliográficas e iconográficas da sua responsabilidade, ou em parceria com o Museu Carlos Machado, ou com o Instituto Cultural de Ponta Delgada, eram frequentes.

Em 1992, Pavão regista que as obras do novo espaço que irá acolher a biblioteca e arquivo, o qual terá “(...)todos os modernos requisitos exigidos de modo a satisfazerem todas as necessidades nos vários sectores”¹⁸ já se encontrava em curso. As referidas obras tiveram o objetivo de adaptar um “edifício anexo à Igreja do Colégio”¹⁹ transformando-o para receber o equipamento em discussão. A inauguração do novo espaço ocorreu em 21 de Setembro de 2001, nove anos após o início das obras. A imprensa local fez referência ao acontecimento da seguinte forma:

- Diário dos Açores de 21 de Setembro de 2001 regista o seguinte: A abertura oficial da biblioteca é marcada pela exposição “Mátria Educativa” de Natália Correia. Ainda neste Diário pode ser lido o que então diretor da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Valter Rebelo, proferiu por esta ocasião destacando que a “inauguração marca um novo ciclo na vida daquela instituição” p.2;
- Correio dos Açores de 22 de Setembro de 2001 destaca a notícia de inauguração na primeira página com o título: “Depois de nove anos de obras a Biblioteca já está no Colégio”. Neste jornal diário pode, ainda, ser encontrada a transcrição de algumas palavras do discurso do Presidente do Governo Regional dos Açores, Carlos César, o qual em

¹⁷ Pavão, 1992, p. 278

¹⁸ *Idem*, p. 281

¹⁹ Sousa, 2008, p. 107

referência ao novo equipamento fez votos que este seja um “(...)espaço propício ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação”, p.2.

- Açoriano Oriental de 22 de Setembro de 2001 também destaca a inauguração da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada dando relevância à derrapagem orçamental que o projeto sofreu, “(...)inicialmente estava previsto gastar pouco mais de um milhão de contos, mas com os sucessivos atrasos acabou por ficar concluída por pouco mais de 3 milhões de contos”, p.2.

I.2.2 O Museu Carlos Machado

O MCM situa-se no centro da cidade de Ponta Delgada, sendo fácil o acesso a pé ou de outro meio de transporte a partir de locais emblemáticos da referida cidade, como a Igreja Matriz ou o monumento Portas da Cidade²⁰.

Atualmente, este equipamento compreende três edifícios próximos e não ligados diretamente entre si:

- Convento de Santo André (sede)²¹, o qual se encontra, atualmente, encerrado para obras de beneficiação;
- Igreja do Colégio dos Jesuítas, onde se encontra o núcleo de arte sacra²²;
- Núcleo de Santa Bárbara, (NSB)²³ local com funções museológicas.

O primeiro Museu da ilha de S. Miguel, constituído por uma coleção de Zoologia, foi criado em 1876 no âmbito do Liceu Nacional de Ponta Delgada, sito, no já extinto convento dos Gracianos. Este edifício foi também ocupado pela BPARPD e

²⁰ Consultar, anexo I, p. 50, Mapa 2

²¹ Consultar, anexo I, p. 51, Imagem 2

²² Consultar, anexo I, p. 52, Imagem 3

²³ Consultar, anexo I, p. 52, Imagem 4

é, atualmente, o local onde se desenvolvem as atividades letivas do Conservatório Regional de Ponta Delgada.

O referido equipamento foi fundado pelo Dr. Carlos Maria Machado, Professor de físico-química e história natural do referido estabelecimento de ensino. A 10 de Junho de 1880, o Museu abre as suas portas ao público em geral com o nome Museu Açoriano. Este Museu inicialmente pensado para uma função educativa, afeta ao liceu, rapidamente tomou outras dimensões.

A 25 de outubro de 1890 o Museu Açoriano passa ao estatuto de Museu Municipal e, torna-se assim, financiado pela autarquia de Ponta Delgada. A direção do Museu era constituída pelo Dr. Carlos Machado, Dr. Bruno Carreiro e pelo Capitão Francisco Afonso de Chaves.

Após o falecimento do Dr. Carlos Machado²⁴ e “(...)por sugestão do Coronel Afonso de Chaves o Museu passou a designar-se oficialmente, a partir de 1914, Museu Municipal Dr. Carlos Machado em homenagem ao seu fundador”²⁵. Entre 1901 e 1926 o referido Coronel desempenhou funções de diretor do museu.

O Engenheiro Francisco Xavier Castro foi o diretor subsequente, tendo exercido o cargo nos anos compreendidos entre 1926 e 1930.

Em 1930, o Museu Municipal é transferido para o convento de Santo André, após algumas obras necessárias para o desempenho da nova atividade. A partir desta data e até ao seu falecimento, em 1955, o Museu foi dirigido pelo Dr. Luís Bernardo Leite Athayde. No novo espaço as coleções estavam organizadas da seguinte forma:

- Secção de Arte;
- Secção de Epigrafia e Arquitetura Regional(subsecção de arte);
- Secção de Etnografia Regional;

²⁴ O Dr. Carlos Machado nasceu em Ponta Delgada a 4 de Novembro de 1828 e faleceu na mesma cidade a 22 de Abril de 1901.

²⁵ Oliveira, 1994, p. 19

- Secção de Etnografia Conventual e Arte Religiosa;
- Secção de Ciências Naturais;

Com o falecimento do Dr. Luís Athayde, a sua filha Luísa Ataíde Gomes ficou responsável pela secção de arte até 1974. Na sua vigência, o Museu teve um novo impulso cultural com a organização de exposições temporárias.

Entre 1961 e 1974 o Museu foi dirigido pelo Engenheiro José Maria Cabral.

Devido às transformações operadas com a revolução de 1974, a Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada tomou a tutela do Museu, tendo dispensado os serviços de todos os diretores afetos a este equipamento. Assim, foi nomeado para exercer funções de diretor o Dr. Nestor de Sousa²⁶. Sob a sua regência surge uma nova preocupação didática "(...)tendo sido organizados [na década de 1975 a 1985] exposições temporárias, concertos e palestras que contribuíram para as dinâmicas da instituição".²⁷

Com a constituição do Governo Regional da Região Autónoma dos Açores (RAA), em 1976, o museu passou para a dependência da Secretaria Regional da Educação e Cultura, através da Direção Regional dos Assuntos Culturais.

Atualmente, este equipamento da responsabilidade do Governo Regional encontra-se inserido na Rede Regional de Museus e é seu diretor o Mestre em Museologia Duarte Melo.

I.2.3 O Teatro Micaelense

Situado no centro histórico de Ponta Delgada²⁸, este equipamento²⁹ é hoje um centro cultural e de congressos dotado de equipamento moderno e versátil,

²⁶ Acumulou a função de diretor do museu com a docência na Universidade dos Açores.

²⁷ Oliveira, 1994, p.23

²⁸ Ver anexo I, Mapa 2, p. 50

vocacionado para responder com qualidade à realização de eventos culturais, profissionais e sociais.

A história deste equipamento é rica em diversos sentidos sendo um exemplo de mobilização social que remonta à segunda metade do século XIX. A primeira edificação distingue-se geograficamente da atual.

Em 1864 é inaugurado o Teatro Micaelense³⁰, “(...)um teatro de dimensões ímpares no contexto açoriano, construído e gerido por uma sociedade de acionistas – Sociedade Teatral Micaelense – e projetado para receber prioritariamente companhias de canto e declamação”³¹. Este equipamento foi o centro da atividade cultural da cidade de Ponta Delgada e da ilha até 1917, data da inauguração de uma outra importante casa de espetáculos, o Coliseu Avenida.

No século XIX, a cultura da laranja em S. Miguel foi um factor preponderante relativamente à prosperidade económica da ilha. Quando, em 1859, o Parlamento Inglês decretou a abolição dos direitos de entrada da laranja, o florescimento da economia micaelense eleva-se de tal modo que começam a surgir um considerável número de construções de palacetes e jardins, contribuindo, assim, “(...)para o crescimento de uma burguesia comercial.”³²

Em 1859, os burgueses da laranja criaram uma sociedade³³ com o objetivo de construir um teatro à imagem do que já havia sido edificado nas cidades da Horta, em 1856, e de Angra do Heroísmo, em 1860. O local escolhido para erguer o novo teatro foi área da antiga Igreja de S. José³⁴. Deste modo, em Junho de 1861 foi dado início à demolição da igreja, a qual termina seis meses depois. Logo de

²⁹ Ver anexo I, p. 54, Imagem 8

³⁰ Onde hoje existe o Jardim Sena Freitas. Consultar, Anexo I, p. 50, Mapa 2

³¹ Sousa, 2006, p. xi

³² *Idem*, p. 3

³³ Sociedade Teatral Micaelense.

³⁴ Profanada devido à abolição das ordens religiosas.

seguida, a construção do teatro tem início e a inauguração acontece em Outubro de 1864³⁵.

Após sessenta e seis anos, com muitas alterações realizadas para que o equipamento pudesse receber vários tipos de espetáculos, inclusive cinema, um incêndio a 9 de Fevereiro de 1930 destruiu por completo o teatro³⁶.

O “novo” TM renasce em 1946 graças a mais um período de prosperidade económica, desta vez relacionado com a Companhia de Navegação de Carregadores Açorianos. Esta companhia apresentou à Câmara Municipal de Ponta Delgada as suas intenções em financiar a construção de uma nova sala de espetáculos. Essas intenções foram calorosamente aceites ficando a aguardar apenas a indicação do local e respetiva doação do terreno para construção por parte da autarquia. Constituiu-se a Sociedade Particular Civil Teatro Micaelense com vista à construção do teatro. O Arquiteto escolhido fora Raul Rodrigues Lima.

O novo Teatro Micaelense é inaugurado em março de 1951 com um programa inaugural variado que começou com os discursos do Presidente da Sociedade Teatral, Dr. Francisco Luís Tavares, e do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Dr. Lúcio Agnelo Casimiro. Após os discursos, primeira parte, seguiu-se um momento teatral e na terceira parte, os espetadores puderam assistir a um momento musical da responsabilidade da professora de piano D. Margarida Magalhães de Sousa e do professor de violino Emílio Rodriguez, ambos afetos à Academia de Musical de Ponta Delgada. A quarta parte do espetáculo foi preenchida pela interpretação de peças corais de grandes óperas e o último momento, quinta parte, consistiu na projeção cinematográfica do *Danúbio Azul* interpretado pela Orquestra Sinfónica de Viena. Houve ainda um

³⁵ Ver Anexo I, p. 53, Imagem 5, 6 e 7

³⁶ “Por volta das 10 horas da noite, estando o operador cinematográfico e um ajudante a enrolar os filmes do espetáculo de domingo, num compartimento anexo à cabine, faíscas lançadas pelo motor elétrico em ação alcançaram o filme. Este era de resto um tipo de incêndio frequente nas casas de espetáculo, uma vez que até aos anos 50 [século XX] as películas continham um suporte químico altamente inflamável”. Dias, 2004, p.36

Baile de Gala no salão de festas. Como se pode verificar, este evento inaugural pretendeu demonstrar toda a versatilidade do novo equipamento cultural. No verso do boletim, com a descrição do programa inaugural do teatro é possível perceber que o TM será também um espaço de apresentação da cultura açoriana, dando lugar às vocações das gentes das ilhas³⁷.

Desde a sua abertura em 1951 e até ao seu encerramento em 2003, o Teatro Micaelense passou tanto por períodos áureos como por períodos sombrios. Os problemas financeiros foram estrangulando cada vez mais a vida artística do equipamento. No início dos anos 70, era o cinema que mantinha o teatro aberto com programação diária. Foi necessário alugar espaços do imóvel a outras atividades comerciais, como um restaurante e a uma discoteca. Na década de 80 e 90 a atividade do teatro era praticamente nula, “(...)o desinteresse do público, a acelerada degradação das instalações, a sua inadequação a novas exigências técnicas concorrem para que se instale um quadro desanimado.”³⁸

Em pleno século XXI surge um novo ciclo na existência deste equipamento, “(...)constituiu-se em 30 de Novembro de 2001 a Sociedade Teatro Micaelense, SA.”³⁹ Nesta sociedade o Governo Regional dos Açores detém a percentagem de 53,7%, a Fundação dos Botelhos 41,74% e por mais 350 pequenos acionistas que no total detêm o equivalente a 4,56%. Este método de privatização manteve o legado histórico da “(...)posse pública, ainda que em frações mínimas [4,56%] mas de grande valor simbólico”⁴⁰.

Em 2003 é dado início a mais uma revitalização no equipamento, sendo a aposta feita na modernização das infraestruturas e potencialização do espaço. Alarga-se a designação do Teatro Micaelense para Teatro Micaelense – Centro Cultural e de Congressos. O projeto de recuperação, da autoria do arquiteto Manuel Salgado, foi pensado para satisfazer várias funções: áreas de espetáculo, de exposição, de

³⁷ Consultar, Anexo I, p. 55, imagens 9, 10 e 11

³⁸ DIAS, 2004, p. 46

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ *Idem.*

congressos, de seminários e conferências. As maiores novidades são de ordem técnica.

O renovado Teatro Micaelense é inaugurado a 5 de Setembro de 2004, e no discurso do Sr. Presidente do Governo Regional dos Açores, Carlos César, é possível compreender a importância que este equipamento tem para a memória açoriana, especialmente a dos micaelenses e o papel que lhe foi destinado no seio desta sociedade:

“ O velho Teatro Micaelense esteve profundamente ligado à minha infância. Eu conhecia-lhe cada canto.[...] Por isso, quando surgiu a feliz oportunidade de o Governo Regional dos Açores, juntamente com a Fundação dos Botelhos promover a sua recuperação, senti pessoalmente uma enorme alegria. [...] O Centro Cultural e de Congressos de Ponta Delgada implicou um investimento de 8 milhões e 270 mil euros. [...] Confrontados com essa obra concluída, deparamo-nos com a sua beleza e a sua memória, mas detemo-nos perante a sua utilidade e as suas funções logo associadas à cultura e ao turismo. [...] é neste campo que se inscreve o sector de turismo de congressos. [...] O Centro Cultural e de congressos reabrirá as portas no próximo dia 17 de Setembro com um concerto inaugural de José Carreiras e a Orquestra Metropolitana de Lisboa. [...] Queremos que este espaço seja um poderoso incentivo para as mais diversas expressões artísticas [...] por isso, homens e mulheres como Zeca Medeiros, Natália Almeida, Aníbal Raposo, Milagres Paz, Rodolfo Vieira, na continuidade do que têm vindo a fazer, irão brevemente estrear aqui novos espetáculos”⁴¹.

I.3 Objetivos

O objeto do presente trabalho – o SE como dinâmica e processo de renovação de públicos em Ponta Delgada – revela-se como um campo de estudos alargado e

⁴¹ Sousa, 2008, pp. 128-131

demasiadamente abrangente. Assim, foi pertinente delimitar o âmbito desta investigação a três equipamentos de modo a torná-la viável sem menosprezar determinados critérios de adequação aos objetivos que aqui se pretendem alcançar. Estes objetivos passam pelo conhecimento das expectativas que cada gestor manifesta relativamente a à proposta de um possível trabalho em equipa que resulte numa mais valia para cada equipamento.

Neste sentido, é pretendido perceber de que forma poderá um SE comum a estes três equipamentos fomentar uma educação pela arte através da simplificação das diversas e diferentes correntes artísticas e conseqüentemente aumentar o número do públicos.

Assim, os objetivos deste trabalho são:

1. Descrever a forma como os equipamentos culturais, que constituem o objeto de estudo deste trabalho, são geridos tendo especial atenção à forma como são tratadas as questões relacionadas com os seus públicos. Deste modo, é fundamental perceber qual a linha de gestão dos equipamentos, quais os objetivos desta gestão para que as propostas apresentadas se coadunem quer com as capacidades financeiras, quer com a disponibilidade de meios humanos.

2. Sugerir processos de revitalização e fidelização de novos públicos. Não é objetivo deste estudo apenas descrever o que já é prática nos três equipamentos culturais relativamente aos seus públicos-alvo. É pretendido apresentar propostas concretas que tenham por base práticas já implementadas noutros países europeus com bons níveis de sucesso.

3. Perceber de que forma as estruturas já existentes nos equipamentos podem contribuir para a concretização do idealizado no objetivo anterior, bem como, se dispõem dos meios necessários para a sua concretização. Para que as propostas não sejam meras utopias é necessário adaptá-las à realidade geográfica, social, cultural e financeira do equipamento e do meio social em que se insere.

4. Encontrar a melhor forma para a execução das propostas apresentadas, isto é, perceber se o trabalho necessário deve ser executado de forma individual ou em equipa. É importante perceber se os representantes dos equipamentos

estão disponíveis para um trabalho de equipa que, forçosamente, passará não só pelos respetivos SE e pelos mecanismos de divulgação e comunicação com o público, mas também pela sua programação.

5. Finalmente, é proposto um processo viável, concreto e simples que consiga, a curto prazo, materializar os processos de revitalização e fidelização de novos públicos apresentados e defendidos ao longo do presente trabalho. É fundamental conseguir sugerir um meio que, não acarretando novos custos financeiros para os equipamentos, possibilite pôr em prática os objetivos deste estudo.

É fundamental que todas as propostas apresentadas na conclusão deste estudo tenham consideráveis níveis de viabilidade, quer financeira, quer ao nível dos recursos humanos. Este projeto, a ser concretizado desempenhará mais uma função essencial para o estudo dos públicos: a constante recolha de dados referente ao público com o qual se trabalha e ao qual se pretende chegar. Assim, é imperativa a criação de bases de dados relativas aos gostos pessoais, à formação e disponibilidade do público. Através da interpretação dos dados e da sua constante avaliação será possível perceber se o mecanismo utilizado surte o efeito desejado. É fundamental inculcar a necessidade de avaliação concreta dos eventos e do projeto proposto, em seguida neste trabalho, junto do seu público-alvo.

A sociedade atual encontra-se em constante mutação e, conseqüentemente, com ela os públicos da cultura. Desta mutação surgem novos meios de comunicação e novos interesses. Considera-se crucial que cada equipamento dê resposta a essas mudanças e que é através do conhecimento dos seus públicos que as respostas podem e devem ser adequadas.

II. A ORGÂNICA DOS OBJETOS DE ESTUDO

II.1.1 A Orgânica da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

A informação aqui apresenta relativamente à BPARPD foi recolhida, entre outras fontes devidamente identificadas, junto da Chefe de Divisão da Seção de Biblioteca, a Dr.^a Iva Matos, uma vez que o seu Diretor, Dr. Carlos Guilherme Riley, não se demonstrou disponível.

O edifício que alberga a BPARPD é constituído por três pisos. No piso térreo encontra-se a recepção, um auditório com capacidade para 149 pessoas, uma sala de exposições, a seção multimédia e uma sala de projeção com capacidade para 30 pessoas. O piso 1 encontra-se dividido em duas seções: a seção infantil que disponibiliza obras em livre acesso e onde são desenvolvidas as atividades do serviço socioeducativo, e uma seção das bibliotecas particulares composta por diversas salas. Esta seção é, atualmente de acesso restrito e as salas servem de depósitos. No entanto, estas salas tinham o intuito de serem salas temáticas dedicadas às bibliotecas particulares depositadas neste equipamento. Um dos projetos da BPARPD é o de devolver a esta secção o seu desígnio inicial, mas com pouco material exposto uma vez que estas salas, do ponto de vista da conservação das obras, não dispõem dos requisitos necessários. No último piso existe o Serviço de Leitura que se divide em três áreas: a zona de livre acesso, a zona de reservados e a sala dos periódicos, a qual é atualizada diariamente. A área de reservados é constituída por sete níveis de depósitos dos quais seis já se encontram cheios.

No que respeita aos recursos humanos o quadro deste equipamento é constituído por 39 funcionários distribuídos pelas categorias de técnicos superiores, técnicos profissionais e auxiliares de apoio. De seguida será apresentada a organização da BPARPD, bem como o número de funcionários que compõem as equipas: quatro funcionários são responsáveis pelos periódicos;

três funcionários são responsáveis pelas bibliotecas particulares; dois estão incumbidos do serviço infantil e outros dois técnicos têm, a seu cuidado, a secção socioeducativa; três funcionários são responsáveis pelo serviço de digitalização; quatro trabalham no fundo geral e dois são responsáveis pela secção de multimédia. Afectos ao Arquivo existem quatro técnicos superiores e quatro técnicos profissionais. Para além destes funcionários, os recursos humanos contam com outros onze elementos que cumprem a função de apoio ou secretariado. A BPARPD consegue acrescentar a este numero mais funcionários através de programas como, por exemplo, o Programa Prosa⁴², OTL Jovem⁴³ e programas de estágios. Segundo a Dra. Matos, 80 % dos lugares no quadro são preenchidos por pessoal com qualificação técnica e/ou superior para o trabalho que desenvolvem.

A gestão da BPARPD é da responsabilidade do Dr. Carlos Guilherme Riley, diretor geral, a Dra. Iva Matos é responsável pela gestão da secção da biblioteca; a secção do arquivo é, atualmente, coordenada de forma direta pelo Dr. Carlos Guilherme Riley em consequência da rescisão do cargo pelo antigo responsável da referida secção.

O horário de funcionamento deste equipamento foi criado tendo em conta varias experiencias da direcção neste campo. Assim, à data, no período de inverno, de 2^a a 6^a feira, a BPARPD abre portas às 9h e encerra às 19h; ao Sábado as atividades têm inicio às 14h e término às 19h; no verão, o horário é semelhante sofrendo apenas alteração à hora de encerramento que é às 17h e aos Sábados encontra-se encerrado.

II. 1. 2 Programação e Público Alvo

Apesar de não haver qualquer estudo realizado relativamente aos utilizadores da BPARPD os responsáveis do equipamento calculam que 10% sejam

⁴² Programa de ocupação para desempregados de longa duração

⁴³ Programa de ocupação de tempos livres dos jovens

investigadores da área de História; 60% estudantes do ensino secundário e universitário e os restantes 30 % sejam jovens até 6^a ano de escolaridade. Estes dados foram fornecidos pela Dra. Iva Matos. De um modo geral, os investigadores procuram as obras das bibliotecas particulares. Os estudantes utilizam ao espaço para estudar com os próprios livros. Os juvenis frequentam a BPARPD pelas atividades infantis.

Na base de dados informática existem 6000 utilizadores inscritos com cartão bibliotecário para empréstimo domiciliário. Destes, 5000 fazem, mensalmente, uso do seu cartão.

Relativamente às atividades, o seu público alvo é variado. Existem atividades programadas especificamente para públicos infantis e juvenis as quais contam, assiduamente, com a colaboração e interesse das escolas.

Para chegar ao público jovem/adulto, a título de exemplo, o equipamento organizou ciclos de cinema, contudo, a afluência deste público alvo ficou aquém das expectativas da direção.

Foi também referido que existe, por parte da direção da BPARPD, desconhecimento acerca das afinidades do público jovem/adulto tornando-se difícil conseguir chegar a esse universo. O único feedback advém do preenchimento de um questionário de satisfação solicitado pelo serviço socioeducativo aos participantes das atividades programadas. Graças a este processo, o serviço consegue adaptar constantemente a sua oferta aos interesses e necessidades dos participantes.

A BPARPD aposta também nas camadas mais jovens. Trata-se de um público já educado e assíduo. Segundo a direção do equipamento, os jovens que hoje frequentam o seu espaço para estudar são, na sua maioria, antigos participantes das atividades socioeducativas.

Ao nível da programação, esta surge da missão e visão do equipamento bem como das orientações do seu Diretor. Durante este processo são considerados o

número reduzido de funcionários para a dinamização das atividades e eventos bem como as limitações orçamentais do equipamento.

A BPARPD não dispõe, atualmente, de qualquer informação que permita perceber se o público que a conhece através das suas atividades agendadas se torna utilizador assíduo e/ou vice-versa.

II.1.3 Mecanismos de Divulgação

Relativamente à divulgação das atividades, o orçamento corrente é, segundo a Dra. Iva Matos, reduzido o que contribui para que a ativação dos mecanismos de divulgação tenha vindo a diminuir.

Outrora existiram agendas em papel, agendas em formato de cartaz, alguma informação, esporádica, na comunicação social e as *newsletters* que contam com cerca de 6000 inscritos. Presentemente, a divulgação das atividades da BPARPD recorre a alguns cartazes, a *newsletters* e a alguns contactos com a comunicação social mas, por iniciativa ou com a autorização da DRC.

Segundo a mesma fonte, para a divulgação de uma conferência, as *Newsletters* são a forma mais prática, rápida e direta de chegar ao público-alvo; se a atividade for direcionada aos mais jovens, o processo é diferente, sendo privilegiado o contacto direto com os pais, ou seja, o equipamento envia para as diversas escolas uma notificação em papel com a divulgação da atividade que será depois colocado nas mochilas dos alunos. Estes dois mecanismos de divulgação, orientados para públicos diferentes, têm sido utilizados de forma constante afigurando-se, no entender da direção, como procedimentos vantajosos que cumprem com os objetivos desejados.

A decisão de utilizar determinados meios de divulgação é sempre da responsabilidade da DRC. Uma vez que o orçamento para esta rubrica pode ser zero e a divulgação surge apenas sob a forma de *Newsletters*. Há a vontade, da

parte da direção do equipamento, de engrossar os meios de divulgação, nomeadamente, com a inclusão das redes sociais.

II.1.4. Investimento e receita

A BPARPD dispôs, para 2010, de um orçamento de quarenta mil euros destinados à concretização de atividades. Este orçamento, da responsabilidade da DRC, é atribuído ao equipamento de acordo com o plano de atividades apresentado àquela direção. Existem reuniões prévias nas quais o equipamento é informado relativamente ao montante previsto para financiamento de atividades e assim, tendo em conta esta informação, a BPARPD constrói a sua programação que será posteriormente apresentada.

O Governo Regional dos Açores é o responsável pela totalidade do orçamento deste equipamento visto não haver qualquer tipo de mecenato. Segundo a Dra. Iva Matos, esta lacuna no mecenato é justificada pelo facto de ser difícil competir, por exemplo, com a visibilidade de um Museu.

Ao nível da receita própria, o equipamento só auferir a que provém da passagem de certidões, fotocópias e do aluguer da cafetaria.

II.1.5. O Serviço Educativo

Presentemente, este serviço desenvolvido na BPARPD, traduz-se em atividades de promoção da leitura entre os mais jovens. Na época áurea, segundo a Dra. Iva Matos, este serviço dispunha de parcerias com a 3ª idade, com a AIPA⁴⁴ e a UMAR⁴⁵. Presentemente, com a redução dos meios o serviço concentrou-se essencialmente no público escolar.

⁴⁴ Associação dos Imigrantes nos Açores.

⁴⁵ União de Mulheres Alternativa e Resposta.

Este serviço, que pretende formar futuros utilizadores e públicos, trabalha com um universo de jovens em idade escolar deste o pré-escolar até ao terceiro ciclo. Assim, o contacto com as escolas é constante e próximo. No tempo em que a BPARPD dispunha de cartazes e agendas impressas, no início do ano letivo estes impressos eram enviados para as escolas e haviam muito interesse em participar nas atividades. Hoje em dia, com a redução do orçamento e consequente redução destes meios, são muitas vezes as escolas, que já conhecem o trabalho desenvolvido pelo Serviço, que o procuram.

A BPARPD, através do seu serviço socioeducativo desenvolve o projeto de promoção da leitura intitulado “Papa Léguas”. Este projeto envolve um conjunto de professores que utilizam apenas as obras disponíveis no equipamento para lecionar. Após a utilização das obras os alunos têm ainda a possibilidade de as levar para casa e aprofundarem o seu estudo. Este projeto, com término no corrente ano, tem a duração de quatro anos.

O serviço socioeducativo conta com duas funcionárias qualificadas para o desenvolvimento das suas atividades. Estas atividades seguem de perto o programa escolar dos seus participantes. As escolas do pré-escolar até ao segundo ciclo constituem o público-alvo deste serviço. Estas escolas são contactadas, pelo equipamento, no início do ano letivo com o objetivo de apresentar o plano de atividades e/ou projetos a desenvolver.

Apesar de todas essas dinâmicas, a Dra. Iva Matos, também responsável por este serviço, considera que muito mais se podia fazer caso existissem mais meios e recursos humanos. Refere ainda que, um serviço de extensão cultural que trabalhasse com outros públicos seria benéfico para a instituição podendo funcionar ainda como um fator de motivação do pessoal que trabalha no equipamento.

II. 2. 1 A Orgânica do Museu Carlos Machado

A informação de seguida apresenta relativamente à MCM foi recolhida, junto do seu Diretor o Mestre Duarte Melo.

Como já foi referido anteriormente, as atividades deste equipamento desenvolvem-se por três edifícios. De seguida apresenta-se uma descrição de cada imóvel.

O NSB é o local onde se encontram os serviços técnicos e administrativos, o centro de documentação e onde, futuramente, as reservas serão depositadas. Neste núcleo decorrem atualmente exposições temporárias nos locais destinados às reservas, uma vez que, as obras no NSA ainda não se encontram concluídas.

O Núcleo de Santo André (NSA): é, e será, o edifício por excelência do MCM. Aquando da sua reabertura ao público, este será o local apropriado às exposições de longa duração. Local que se encontra em preparação e que pretende conjugar as várias coleções do MCM numa única linguagem que valorize a identidade açoriana.

No Núcleo de Arte Sacra (NAS): encontra-se sediado na ICJ⁴⁶ que foi recuperada com o objetivo de albergar a coleção de arte sacra. Esta coleção encontra-se completamente integrada no contexto. Neste edifício são, ainda, dinamizadas exposições temporárias, bem como, concertos e teatro.

Não existem dúvidas que, ao longo dos largos anos de vida do MCM, cada diretor deixou a sua marca e, assim, verificamos que, a constituição do MCM, ao longo dos seus 134 anos de existência, foi sendo influenciada de acordo com o perfil de cada diretor. Atualmente, e sob a gestão do Dr. Duarte Melo, as coleções estão organizadas da seguinte forma: coleção de História Natural, coleção de Etnografia, coleção de Arte, coleção do Brinquedo e coleção do Traje.

⁴⁶ Consultar anexo I, p. 50, Mapa 2

O MCM, no que concerne a recursos humanos, traduz-se numa equipa constituída por 28 elementos. O presente diretor é também o gestor desta equipa que, futuramente, receberá mais dois elementos com formação nas áreas de História, vertente de arqueologia, e de História da Arte. Na orgânica deste equipamento foram delegadas funções de responsáveis de coleção; coordenadores na área de conservação preventiva – sendo que esta função é estendida a todos os funcionários deste equipamento; serviço educativo e de divulgação; comissários científicos responsáveis pela museografia, catálogos e iluminação e responsáveis pela área administrativa. Esta equipa multidisciplinar é constituída por pessoas provenientes de diversas áreas de formação, nomeadamente da filosofia e teologia passando pela história, sociologia, antropologia e biologia. Todos os funcionários desempenham funções no âmbito da sua formação. Deste modo, o quadro do equipamento é constituído por técnicos superiores, técnicos de museografia e técnicos auxiliares. O MCM, tal como acontece em outros equipamentos, contrata serviços de vigilância necessários à manutenção da segurança dos espaços.

O horário de funcionamento do MCM é: de terça a sexta-feira das 10h às 12h30 e das 14h às 17h30 e aos sábados e domingos das 14h às 17h, encerrando às segundas-feiras e feriados. De acordo com o Diretor, este é o horário que melhor se adapta ao reduzido número de funcionários existentes para a gestão dos três espaços.

II. 2. 2 Programação e Público-Alvo

A missão⁴⁷ do MCM, bem como a sua visão⁴⁸ estão na génese das suas linhas de programação. É também importante para o MCM, que este seja capaz de providenciar uma oferta cultural inovadora na cidade de Ponta Delgada. Para além destes aspectos é fundamental, aquando da elaboração da programação, a conseguir a verba necessária para a realização da mesma. O financiamento do MCM advém da DRC, o qual traduz-se num orçamento de 60 mil euros para o

⁴⁷ Consultar anexo IV, p. 68

⁴⁸ *Idem*

desenvolvimento das suas atividades. Contudo, é de salientar que, devido à produtividade e pró-atividade do MCM este consegue algum mecenato.

Todo o trabalho desenvolvido pelo MCM tem por objetivo chegar a um público que se sabe heterogéneo, apesar de não existirem, ainda, estudos que o comprovem.

O Diretor do MCM faz referência a quatro tipos de público que visitam o museu: público de superfície – aqueles que visitam o museu, geralmente, uma vez na vida; turistas – visitam o museu em número significativo na época de verão; público de inauguração – dirige-se ao museu aquando de inaugurações e raramente regressam ao equipamento - e o público permanente – constituído pelas escolas.

De forma a dar resposta ao seu tipo de público e na tentativa de dinamizar ações de sensibilização para a cultura, o MCM desenvolveu diversas estratégias. Será feita em seguida uma breve descrição de diferentes estratégias que o MCM tem vindo a desenvolver com o intuito de se dar a conhecer e dinamizar o seu público. No que respeita o público permanente o trabalho incide no serviço educativo. Para este caso o museu desenvolveu, em cada escola de S. Miguel, o projeto *Professor Representante do Museu na Escola* que pretende estreitar relações entre estas duas instituições. O professor selecionado pelo Conselho Executivo de cada escola tem a função de divulgar, no estabelecimento de ensino, as atividades do museu e preparar visitas de estudo ao mesmo.

No que concerne ao público constituído por turistas, o MCM edita os seus catálogos num formato bilingue, português e inglês.

O museu, através do livro de honra e dos questionários entregues aos participantes das atividades desenvolvidas no âmbito do serviço educativo, obtém informações importantes à caracterização do público que o visita.

Relativamente ao número de visitantes, aquando das inaugurações, o MCM recebe, segundo o Diretor, em média 200 pessoas. O museu é visitado mensalmente por, aproximadamente, 400 pessoas. Finalmente, um público educado, assíduo, aquele que atende aos concertos e frequenta a galeria de arte e o MCM, é ainda reduzido.

O projeto *Museu Móvel* pretende dar a conhecer o museu e as suas diferentes valências às populações distantes do centro da ilha. Esta iniciativa traduz-se em visitas feitas por uma carrinha adaptada que transporta e dá a conhecer algumas peças do espólio do MCM a escolas e freguesias rurais. Este projeto inovador a nível nacional é considerado, pela direção do MCM, como a sua quarta valência na medida em que se dedica, ainda, à recolha de património imaterial que permite o registo das tradições e costumes açorianos.

O *Professor Representante do Museu na Escola* e o *Museu Móvel* são os principais projetos que pretendem dinamizar, renovar e fidelizar novos públicos para o MCM. A direção do museu espera resultados significativos destas iniciativas num período de dez anos.

Ainda no que concerne às estratégias de sensibilização para a cultura o museu contou com o projeto *Museu em sua casa*. Este projeto teve a parceria do jornal diário Açoriano Oriental que permitia aos leitores colecionarem, com a edição de domingo, fichas de peças do museu; on-line, no site do museu existe um separador intitulado *Peça do Mês* que pretende dar a conhecer, mensalmente, uma nova peça do acervo. Todas estas são as estratégias que pretendem não só dar a conhecer o MCM como também dinamizar o seu público

O MCM assume, de acordo com o Dr. Melo, um lugar de referência e confiança no seio da população micalense para além de representar uma força cultural ativa que tanto se preocupa com o público cidadão que o rodeia como vai ao encontro da população rural que é, muitas vezes, culturalmente negligenciada.

II. 2. 3 Mecanismos de divulgação

A divulgação das atividades do MCM é feita através de spots televisivos que são transmitidos no canal RTP Açores, *outdoors*, cartazes, *newsletters*, jornais locais e iniciativas próprias (por exemplo, *Museu Móvel*). É, de seguida, feita referência a estes meios.

Relativamente aos spots televisivos, a direção do museu considera que os resultados não correspondem às expectativas desejadas. No entanto pretende dar continuidade à utilização de todos os meios referidos não havendo, por ora, a intenção de substituir ou acrescentar outros. É importante salientar que, dependendo da importância da atividade (por exemplo, exposições temporárias itinerantes⁴⁹) pode advir um aumento de investimento capital na divulgação e, conseqüentemente, uma maior ativação dos mecanismos já enumerados.

Aquando das inaugurações o MCM imprime, invariavelmente, 600 convites que distribui por convidados previamente definidos. De um modo geral, os convidados são pessoas do meio artístico, político e social da ilha de S. Miguel e/ou a nível dos Açores.

No que concerne às *newsletters* o museu dispõe de uma base de dados com 1100 endereços electrónicos. O envio de *newsletters* é considerado pelo diretor como sendo o mecanismo de divulgação por excelência que permite, ainda, o contacto mais próximo e imediato com o seu público.

Atualmente não existe um serviço específico no MCM que seja responsável pela sua própria imagem e divulgação das suas atividades. É o serviço educativo que procura colmatar esta necessidade sentida pelo museu. Existe, no entanto, a vontade da direção de criar uma equipa que seja responsável apenas por esta área libertando, assim, o serviço referido de mais esta incumbência.

⁴⁹ Ana Vieira: Muros de Abrigo – exposição itinerante que depois de inaugurada no Museu Carlos Machado segue para as Fundação Calouste Gulbenkian e de seguida para Barcelona.

De um modo geral, o MCM, procura utilizar todos os meios de divulgação disponíveis e que estejam ao alcance das suas capacidades orçamentais.

II. 2. 4 Investimento e Receita

A verba disponível para a realização das atividades do museu advém, em grande parte, da candidatura dos seus projetos ao financiamento pela DRC, de resto, como todas as outras associações culturais generalizadas em todas as ilhas. A principal diferença entre o MCM e as restantes associações culturais é a de que a DRC realiza reuniões preparatórias com o MCM e outras instituições culturais que dependem desta direção, nas quais são definidos os valores a serem atribuídos no próximo subsídio. Estas reuniões permitem, assim, que estes equipamentos tenham conhecimento do valor que será disponibilizado aquando da sua programação.

Atualmente o orçamento para o desenvolvimento e realização de atividades do MCM é de 50 mil euros subsidiados na totalidade pela DRC. A acrescer a este orçamento, o museu conta com o apoio de algumas empresas .

Os apoios do mecenato conseguidos são resultado da procura ativa feita pelo MCM junto de empresas locais do sector privado, bem como de outras entidades uma vez que a sociedade açoriana ainda não se encontra motivada para prestar este tipo de apoio que nem sempre se traduz em apoios monetários. O museu dispõe, a título de exemplo, de acordos com empresas como a SATA ⁵⁰, empresas seguradoras e outras parcerias com bancos.

No caso do apoio prestado pela SATA, este traduz-se em facilidades no transporte de carga aérea e de passageiros. No que concerne às seguradoras, o museu pode beneficiar da oferta dos seus serviços. Finalmente, no caso dos bancos, estes podem colmatar diferentes necessidades do MCM. A título de exemplo, o banco BANIF AÇORES patrocinou a conservação e restauro de uma obra do museu no valor de 15 mil euros.

⁵⁰ Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos

São também estabelecidas sinergias com outras secretarias regionais como, por exemplo, a Secretaria Regional da Habitação e Obras Públicas. Esta disponibiliza os seus funcionários para desenvolverem trabalhos de museografia, de obras para exposições.

O MCM angaria ainda fundos da União Europeia ao nível do restauro e recuperação de imóveis.

Uma outra fonte de financiamento do museu é a sua bilheteira que é atualmente explorada pelo núcleo de arte sacra. O custo de um ingresso é de 2€ para o público dos 26-64 anos; de 1€ para o público com idades compreendidas entre os 15 e 25 anos ou com mais de 65 anos; para o restante público, a entrada é gratuita. Esta bilheteira rende um total de 630 euros mensais. No entanto, este valor não reflete o número de visitantes, uma vez que, estes podem beneficiar de isenção do pagamento das entradas, como é o caso das escolas.

Ao nível do investimento, nos últimos 10 anos, o MCM apostou na melhoria das suas infraestruturas e na criação do núcleo de arte sacra e do NSB.

II.2. 5 Serviço Educativo

O Serviço Educativo do MCM, constituído por uma equipa de 3 elementos sob a direção da Dr.^a Maria Manuel Albergaria, pretende aproximar as pessoas do museu, bem como, simplificar a sua linguagem de modo a que esta se torne acessível a todos, fomentando o envolvimento de toda a comunidade micaelense. Este serviço procura desenvolver a sua atividade não só com os alunos das escolas como também com a restante população, em especial a da terceira idade. É este o público alvo do Serviço Educativo do museu, afirmou o seu diretor.

A sua programação surge do plano anual de atividades e das diversas solicitações das escolas. Este serviço desenvolve diversos projetos em simultâneo que pretendem dar resposta a todas as solicitações bem como percorrer todos os

locais da ilha. Assim, são agendadas visitas guiadas ao museu, a exposições e a deslocação do *Museu Móvel*. É através do *Museu Móvel* que o Serviço Educativo pretende sensibilizar o maior número de pessoas possível para a importância do seu património e conseqüente preservação, contribuindo para a criação de uma identidade cultural comum à população açoriana. O projeto *Professor Representante do Museu na Escola* é outra ferramenta criada por este serviço na tentativa de potenciar uma ligação estreita entre as escolas e o MCM. Um dos resultados deste projeto traduz-se num aumento das visitas escolares desde a sua implementação.

Para além destes dois projetos o Serviço Educativo desenvolve, ainda outros de forma pontual como, *Férias no Museu*, os quais se regem pelos mesmos objetivos.

Apesar das atividades do museu se repartirem por três infraestruturas, existe apenas um Serviço Educativo que se adapta a todos estes pólos. Desta situação resulta um desafio permanente à reduzida equipa deste serviço em termos de criatividade e flexibilidade.

A título de referência, o trabalho desenvolvido *pelo Museu Móvel* foi exaltado, em 2008, com o prémio atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia de Melhor Serviço de Extensão Cultural.

II.3.1 A Orgânica do Teatro Micaelense.

A informação aqui apresentada relativamente ao TM foi recolhida junto da sua Presidente do Conselho de Administração, Dra. Ana Teixeira da Silva.

O TM, Centro Cultural e de congressos, localizado numa zona central da cidade de Ponta Delgada, está estruturado de forma semelhante à dos seus congéneres nacionais e internacionais.

A nível institucional, este equipamento é uma empresa constituída maioritariamente por capitais públicos e capitais privados através de uma sociedade anónima.

O imóvel tem quatro pisos. No piso zero encontra-se a bilheteira, um *foyer*, o auditório com capacidade para 738 pessoas e instalações sanitárias. No primeiro andar encontra-se o Salão Nobre onde se desenvolvem espetáculos com um maior grau de intimismo, normalmente espetáculos musicais apresentados a uma plateia de, aproximadamente 200 pessoas. Ainda neste piso pode encontrar-se a cafetaria e salas polivalentes onde podem ser desenvolvidas diversas atividades como congressos, exposições bem como ateliers da responsabilidade do SE. No piso dois, encontram-se todos os gabinetes técnicos relativos à produção, projeção de filmes e tradução simultânea. Finalmente, no piso três, totalmente remodelado para albergar os serviços administrativos, pode encontrar-se a receção, a sala de espera, a sala de reuniões e os restantes gabinetes de trabalho como o da contabilidade, comunicação e imagem, serviço educativo e produção, direção técnica e o gabinete da Direção.

A equipa de trabalho, com formação específica para a sua área de ação, é constituída por dezassete elementos. A equipa é constituída por uma Presidente do Conselho de Administração que desempenha as suas funções a tempo inteiro e respectiva secretária; um funcionário responsável pelo SE; um técnico de contabilidade; na direção técnica trabalham cinco pessoas e na direção de produção duas; na direção de relações públicas e imagem trabalham duas pessoas; para além destes funcionários existem ainda duas funcionárias responsáveis pela limpeza e outros dois encarregados pelas atividades do Teatro Miramar.

Segundo a Presidente do TM, Dra. Ana Teixeira da Silva, a equipa do teatro é pequena, contudo tem o número mínimo de recursos humanos para mover um equipamento destes; o segredo está no trabalho de equipa. O aumento do número de funcionário, neste momento, não é prioridade da direção, uma vez que implicaria uma redução na programação. Para os dias de espetáculos, ou sempre que necessário, a direção recorre a reforços.

A administração do TM é ainda responsável por outro equipamento cultural, o Teatro Miramar, situado na vila de Rabo de Peixe, conselho de Ribeira Grande, na costa norte da ilha. Este equipamento é encarado pela direção como sendo a extensão social do TM. Segundo a Dra. Ana Teixeira da Silva a coordenação do Teatro Miramar foi-lhes atribuída por razões de economia de meios, isto é, os recursos de gestão que o TM dispõe torna possível a gestão de ambos os teatros. O Teatro Miramar é um equipamento recuperado onde funciona um academia de música com dois coros infantis, uma orquestra ligeira e uma orquestra de iniciação ao Jazz (Oi.Jazz). O objetivo desta academia é o de proporcionar às crianças da vila de Rabo de Peixe um local onde possam estar, como alternativa às ruas, providenciando-lhes, simultaneamente, oportunidades de educação cultural. É recorrente desenvolverem-se, neste equipamento, workshops preparatórios de alguns espetáculos do TM o que possibilita o envolvimento comunitário da vila com o meio cultural.

II.3.2 Programação e Público-alvo

A programação deste equipamento pretende chegar a um público-alvo generalista, com diversas faixas etárias e com uma grande necessidade de assistir a “bons espetáculos”, afirmou a sua diretora.

Apesar de não haver nenhum estudo de públicos que oriente a programação um dos indicadores de avaliação da programação que a administração dispõe, passa pelo número de ingressos adquiridos para os espetáculos. Existe ainda outra forma de conhecer o público que frequenta os espetáculos, o programa *Espetador Freqüente*. Aquando da sua subscrição os filiados preenchem um questionário que remete aos interesses culturais de cada um. Para além destes meios, a direção não dispõe de outros indicadores que lhes permitam conhecer as afinidades e o grau de satisfação do seu público. Não há o hábito de no fim de cada espetáculo solicitar a cada espetador o preenchimento de questionários de satisfação. Este processo é apenas realizado para os congressos. Os espetadores

dispõem ainda de outras formas de contacto direto com o TM, nomeadamente através do site do equipamento⁵¹ ou pela página do TM na rede social Facebook.

Relativamente ao programa *Espetador Freqüente*, o principal objetivo é dinamizar, renovar e fidelizar públicos. Este cartão oferece diversas vantagens, nomeadamente, desconto de 20% na aquisição de ingressos para espetáculos cuja produção seja da responsabilidade do TM. Este programa existe desde o ano de 2006 e o seu balanço, segundo a direção do equipamento, é positivo. Neste momento existem 2225 pessoas inscritas das 400 utilizam o seu cartão com frequência, isto é 3 ou 4 vezes por temporada. A faixa etária 30 aos 55 é aquela que tem um maior número de filiados.

Um dos públicos que o equipamento pretende conquistar é o público universitário. A estratégia encontrada consiste na celebração de um acordo com a Associação de Estudantes da Universidade dos Açores que se traduz num desconto de 20% na aquisição de bilhetes para os diversos espetáculos. Na sede desta associação existem ainda cartazes com a programação do TM.

A programação do TM é da responsabilidade da Presidente do Conselho de Administração, e é aprovada em reunião de Conselho de Administração. A programação pretende estar de acordo com os estatutos do equipamento, para além de ter em conta a formação, faixa etária do público que o frequenta.

O TM procura oferecer uma programação diversificada, com qualidade que evita cair em extremos elitistas. As artes de palco são privilegiadas em relação ao cinema, uma vez que, em S. Miguel existe já oferta nesta área contrastando, por exemplo, com a reduzida existência de salas que tenham programados espetáculos de dança, teatro ou outras artes de palco. O TM procura trazer “o que de melhor se faz com qualidade no nosso país”, afirmou a Dra. Ana Teixeira da Silva. A mesma, frisou que este é o objetivo do equipamento que gere. O principal obstáculo na programação é o orçamento disponível.

⁵¹ www.teatromicaelense.pt

Na temporada de 2010 foram apresentados 3 espetáculos cuja produção foi da responsabilidade do TM. Na temporada de 2011 a fasquia foi elevada para mais de o dobro de produção própria e co-produção. Este fator é, segundo a direção, um sinal de maturidade e credibilidade.

II.3.3. Mecanismos de Divulgação

O investimento em divulgação feito pelo TM é relativamente extenso.

Os mecanismos de divulgação utilizados para a promoção da sua agenda de espetáculos são: *Newsletters*, serviço de SMS, Spots na Rádio – RDP e TSF Açores – inserções no rodapé dos jornais locais, cartazes, agenda própria, Facebook e dois *outdoors*. Segundo a direção do equipamento estes meios são suficientes e inclusivamente, devido à conjuntura económica, já foram reduzidos. Um exemplo desta redução reflete-se nos *outdoors* que são utilizados na razão de três eventos por outdoor, ao passo que há um ano atrás cada *outdoor* era preenchido apenas com um evento.

Em média, são investidos para cada evento 1300 euros em divulgação contabilizando já os acordos que existem nesta área ,os quais se traduzem em preços favoráveis.

Na opinião da Dr. Ana Silva, o *Facebook* e as *newsletters*, cuja base de dados contem 4800 endereços de correio electrónico, são os meios de divulgação mais diretos para com o público-alvo.

II.3.4 Investimento e Receita

O TM contou, no ano de 2010 , com um orçamento de 800 mil Euros. Este valor foi concedido pelo Governo da RAA o qual advém diretamente do Orçamento Regional. O TM celebra com o Governo Regional um contrato de interesse

económico e cultural o qual é objetivado com a programação anual do equipamento.

Existem outros apoios conseguidos através da lei do mecenato, alguns monetários e a maioria sob a forma de serviços. Desde que a atual direção tomou posse, há seis anos, a busca de parcerias com o sector privado e com o tecido empresarial têm sido constantes.

Estas foram as únicas informações disponibilizadas pela diretora deste equipamento no que concerne a este tópico.

II.3.5. O Serviço Educativo

O SE surge neste equipamento por força de vontade da sua diretora. Quando a atual direção tomou posse e expôs o seu desejo e a necessidade de criar um SE no TM, a tutela governamental não compreendeu, no imediato, a sua importância. A verdade é que este serviço tem crescido e conquistado o seu lugar desenvolvendo um trabalho importante na formação de públicos, afirmou a diretora do TM.

Existem atividades permanentes⁵² as quais surgem diretamente dos recursos do TM. A título de exemplo, existem visitas guiadas ao edifício as quais são concluídas com a realização de ateliers como forma de complementar a visita. Ao longo do ano podem surgir outras atividades através de parcerias com artistas locais, ou incluídas em espetáculos.

O SE do TM é da responsabilidade da Dra. Ana Almeida, licenciada em Filosofia e com formação em Educação pela Arte. Este serviço está vocacionado para trabalhar com qualquer público, contudo, segundo a direção do equipamento, as crianças e jovens são o seu principal público. Deste modo, são frequentemente

⁵² Consultar anexo V, p. 80

contactadas escolas, A.T.L's, e instituições que acolhem jovens. Neste contactos o SE apresenta a agenda de espetáculos e as suas atividades programadas. Em conjunto com os vários responsáveis das diferentes instituições selecionam e agendam a atividade que melhor se adapta ao programa escola/educacional que está a ser desenvolvido.

Enquanto serviço público, o Teatro Micaelense tem por objetivo, através do seu SE, chegar a todos o micaelenses, optando pela via das escolas.

CONCLUSÃO

De que forma pode o SE de um equipamento cultural contribuir para o aumento do número de públicos, constitui a premissa central do presente estudo, isto é, validar e perceber a forma como um novo serviço, que fomente a aproximação dos públicos à cultura, e que surge do trabalho conjunto dos três SE dos três equipamentos, poderá revitalizar e renovar os públicos da cultura em Ponta Delgada.

A história dos equipamentos culturais, exposta no início deste trabalho, é riquíssima do ponto de vista da mobilização social e da salvaguarda de uma identidade açoriana. Na verdade, estes equipamentos fazem parte integrante da memória coletiva e cultural das gentes de S. Miguel e, de uma forma especial, da memória cultural dos habitantes de Ponta Delgada. Ainda no campo histórico, é possível verificar que todos os espaços culturais abordados tiveram determinados momentos de grande dinamismo e vistosa projeção social.

Uma vez que, a recolha de informação foi elaborada de forma a poder obter uma ideia uniformizada acerca de diversas questões relacionadas com os sucessos e as dificuldades experienciadas pelas entidades estudadas no campo do conhecimento e dinâmicas do seu público, foi possível observar a emergência de dificuldades partilhadas entre elas.

A necessidade de um maior apoio em recursos humanos foi, invariavelmente, referida. Outra dificuldade mencionada de forma transversal aos equipamentos, foi a de haver limitações económicas que comprometem as ações a serem desenvolvidas. Finalmente as entidades partilham a consciência da necessidade de obtenção de dados referentes ao público-alvo e ao potencial público. Neste sentido, Mendonça afirma que “(...) vários estudos sobre práticas culturais e públicos da cultura têm alertado para a necessidade de compreender e

caracterizar a procura, ligando-a à oferta”⁵³. É neste contexto que surge a proposta de uma ferramenta que possa colmatar esta dificuldade partilhada.

A referida proposta será de seguida apresentada, analisada e discutidas pormenorizadamente.

O presente estudo pretende propor e validar um serviço de divulgação e educação cultural gratuito e de fácil acesso a qualquer indivíduo. Este serviço estará sempre disponível na internet sob a forma de um *Site* dinâmico, constantemente atualizado que servirá tanto o público como os gestores dos equipamentos que constituem a equipa de trabalho, tal como será explicado no decorrer desta conclusão. Ainda relativamente ao uso da internet, Barrero afirma que “a internet converteu-se numa nova ferramenta única e cómoda ao alcance de cada um”⁵⁴.

Os SE dos três equipamentos estudados serão os responsáveis pelos conteúdos do sitio *web*. Estas valências terão a seu cargo todo o processo de apresentação do produto cultural no novo espaço. Para minimizar custos, inicialmente numa fase experimental, os equipamentos poderão criar parcerias com a Direção Regional da Ciência e Tecnologia da R.A.A. solicitando apoio na construção e manutenção do *Site*.

Para implementar este projeto será imprescindível haver uma forte divulgação do mesmo, através de todos os meios de divulgação já utilizados pelas instituições referidas.

Este novo serviço será inovador, isto é, utilizará a tecnologia mais recente de comunicação com o utilizador, apresentando-se com um *layout* atual e apelativo.

Em simultâneo com a criação do *Site* é inaugurado um novo canal de comunicação entre o público e os gestores culturais e/ou o público e os criadores. “(...) O conhecimento [e o contacto] minimamente aprofundado e

⁵³ Mendonça, 2001, p.19

⁵⁴ Barrero, 2009, p.1

atualizado [do público] (...) é uma condição imprescindível para avaliarmos a sustentação do relacionamento entre a oferta e a procura (...) qualquer que seja o interesse fundamental que nos mova: intervir como criador, produtor ou intermediário cultural (...).⁵⁵ Com este novo canal será possível aproximar o processo criativo e a própria cultura ao seu público, não só através deste meio como também através de diversas iniciativas de promoção deste espaço online ou de outros eventos.

Cada um dos três equipamentos estudados, e de acordo com as informações que foram apresentadas ao longo do capítulo II, é gerido de forma semelhante e dispõe de serviços próprios com o objetivo de servir o seu público. Neste conjunto de serviços inclui-se o SE que atualmente desenvolve um trabalho próximo essencialmente com a comunidade escolar.

Alguns dos SE apresentam mais vitalidade do que outros, ou seja, desenvolvem um maior número projetos como é o caso do MCM. De fato, através da comparação dos três equipamentos, tendo em conta os parâmetros selecionados na descrição do capítulo II, verificar que cada instituição se especializou numa determinada área em detrimento de outra. A título de exemplo, o TM é aquele que tem o melhor serviço de divulgação com as melhores parcerias e o que consegue mais facilmente mecenato; o SE do MCM é aquele que mais projetos desenvolve e que vai mais longe estabelecendo mais facilmente um contato com os públicos externos ao centro urbano; finalmente, a BPARPD é a instituição que diariamente acolhe um público mais diferenciado, desde alunos do pré-escolar até investigadores universitários.

É um fato que estas especializações estão diretamente relacionadas com a área de ação de cada equipamento, mas também será pertinente afirmar que, se os equipamento partilharem entre si as suas “especializações” de certo que o seu número de públicos provavelmente aumentará.

⁵⁵ Silva, 2000, p.7

Aquando das entrevistas com os responsáveis pelos equipamentos estudados, foi questionado se consideravam benéfico um trabalho em equipa na área do SE com o objetivo de aproximar os públicos à cultura. As respostas foram todas positivas havendo, contudo, algumas considerações: a responsável pela BPARPDL referiu que seria um trabalho interessante se houvesse o empenho de todos; a responsável pela gestão do TM acrescentou que, em vez do trabalho em equipa, no seu entender, optar por parcerias seria ainda mais vantajoso. É certo que, em determinados momentos será conveniente, para o bom funcionamento deste novo serviço, que os três equipamentos se complementem ao nível da programação originando, assim, um diálogo comum que surgirá de um fio condutor cultural similar a todos.

Todo este trabalho deverá apostar fortemente na divulgação, caso contrário, os resultados pretendidos poderão não ser alcançados.

O serviço proposto é encarado como uma forma bastante viável para a renovação dos públicos da cultura na cidade de Ponta Delgada. Este processo poderá ser desenvolvido através de um serviço de divulgação do objeto cultural com contornos educativo, isto é, um serviço que primando pela via de educação não-formal através de uma linguagem cuidada e simplificada conseguirá levar a informação a todo o público.

A aposta na educação não-formal é fundamental, uma vez que, é ela “(...)o principal instrumento de mobilidade social e socialização na maioria dos países a qual também contribui para a promoção individual e social dos indivíduos”⁵⁶. A educação não-formal, aqui entendida como um tipo de educação intencional, sistemática e estruturada desprovida de qualquer relação com as orientações académicas escolares oficiais, contribui para o melhoramento da formação pessoal dos diversos tipos de públicos.

Deste modo, o organismo que dispõe das competências necessárias para pôr em prática o projeto aqui defendido é o SE. Estas competências traduzem-se no perfil de comunicação próxima e adaptada ao público-alvo através da

⁵⁶ Rico, 2008, p. 122

simplificação das diferentes linguagens artísticas e culturais, bem como da adaptação do seu discurso à faixa etária e de cada indivíduo. É fundamental reforçar a ambição de que este novo serviço tenha um impacto a curto prazo no público-alvo.

Considerando a seguinte afirmação, “(...)com as novas tecnologias consegue-se uma maior participação do público através de publicações em CD-ROM ou mediante bases de dados acessíveis pela internet, páginas WEB, visitas virtuais etc”⁵⁷ é possível concluir que as inovações tecnológicas que, atualmente, estão já implementadas no seio da sociedade podem ser a chave para o sucesso deste projeto. Da análise ao gráfico 8⁵⁸ é possível aferir que a percentagem da população residente na R.A.A. com ligações à internet é, em alguns anos, superior à média nacional. A viragem ocorre no ano de 2008, contudo os níveis são sempre muito próximos. Com estes dados do Serviço Regional de Estatística dos Açores é validado o uso deste meio de comunicação com o público em geral. Voltando ainda ao dados estatísticos apresentados no anexo II é possível comparar a população-alvo com a média nacional, continental ou regional ao nível demográfico, socioeconómico e no que concerne ao acesso à cultura. Desta comparação é possível perceber que, à escala das dimensões regionais, S. Miguel e em especial Ponta Delgada apresenta níveis confortáveis relativamente ao número de equipamentos culturais e valores, algumas vezes superiores à media, no sector socioeconómico. Relativamente aos dados do acesso à cultura no meio regional, os valores apresentados estão ainda um pouco aquém das potencialidades que os equipamentos, no caso museológicos, dispõem.

A personificação do processo aqui debatido de revitalização e fidelização de novos públicos para a cultura na cidade de Ponta Delgada, num *Site* online será, sem dúvida, uma grande aposta. As potencialidades que esta tecnologia poderá oferecer aos equipamentos envolvidos, ao nível do conhecimento dos seus utilizadores será, sem dúvida, importante. Como já foi referido anteriormente,

⁵⁷ Rico, 2008, 124

⁵⁸ Consultar anexo II, p. 61

uma avaliação de todo o processo, bem como dos interesses dos seus utilizadores será uma constante.

Todos os equipamentos estudados dispõem de uma página própria na internet onde é possível aceder a diversos conteúdos como a sua programação e outros aspectos do seu funcionamento. Contudo, este meio não é utilizado na sua verdadeira potencialidade. Os responsáveis dessas instituições não dispõem de informações que lhes permitam caracterizar os visitantes das suas páginas na internet. O fato de não se encontrarem disponibilizados questionários online, nem serem conhecidos o número de visitas aos locais na internet contribui para a deficiente utilização deste meio. O serviço disponibilizado online fruto do trabalho em equipa dos três SE poderá corrigir estas lacunas. A internet nos dias de hoje é um meio de variadas oportunidades.

O novo espaço criado online pelos SE terá de renovar constantemente as formas de comunicação com os seus utilizadores. Este processo de renovação seria desde logo facilitado com a constante avaliação solicitada aos utilizadores através de mini questionários.

O vídeo e o *hipertexto* são vistos como os principais caminhos a seguir, tendo em conta que permitem uma comunicação mais direta e próxima com os utilizadores, bem como disponibilizam, no caso do *hipertexto*, a informação que cada utilizador procura. Os eventos culturais, através deste novo serviço não serão apresentados apenas por meios de textos ou imagens estáticas. A comunicação entendida como sendo a mais adequada deverá ser apresentada pelo responsável do evento, o qual deve expô-la de forma clara, simplificando as diferentes linguagens artísticas, adicionar, ainda, a sua paixão pelo trabalho, tudo isto exposto em formato vídeo.

Este processo iniciado no meio cultural da cidade de Ponta Delgada poderá facilmente transpor fronteiras geográficas e ser implementado nos meios culturais das outras cidades/ilhas podendo até culminar num serviço a nível regional. Os custos associados para este serviço podem ser minimizados visto

que as bases para o seu funcionamento já se encontram edificadas nas diversas instituições. No caso específico dos objetos de estudo do presente trabalho, já se encontram online através das suas páginas próprias, logo há já algum conhecimento desta tecnologia e os seus SE contam com variadas experiências no contacto com os diferentes públicos. Este projeto deverá ser encarado como mais um projeto do SE, não sendo necessário recorrer, numa fase experimental, a novos recursos humanos.

Este novo serviço poderá aumentar o número de públicos, na medida em que, a cultura terá mais uma forma de comunicação e divulgação, neste caso utilizando os novos recursos tecnológicos e trabalhando nas linhas da educação não-formal. Educando os públicos, de acordo com o que tem vindo a ser defendido neste trabalho, mais facilmente são criados hábitos culturais nos mesmos incentivando, assim e de forma educativa, a fruição cultural. Com o *Site*, o acesso à informação será melhorado, isto é, o público, ou potencial público, no mesmo sitio dispõe de toda a informação cultural acerca dos eventos dos três equipamentos.

No novo *Site*, em última instância, é possível levar a cabo uma avaliação do meio cultural de Ponta Delgada, graças à visão abrangente e inerente à divulgação de todas as atividades dos equipamentos envolvidos. O utilizador poderá encontrar informações acerca de diversos eventos culturais promovidos pela BPARPD, MCM e TM, nomeadamente na área da Música, da Dança, do Teatro, Cinema, Exposições, Conferências e notícias das diversas atividades dos equipamentos supracitados.

Não é demais reforçar que, todo o investimento efetuado neste novo serviço trará os seus frutos a curto prazo, constituindo mais um meio de educação de públicos.

BIBLIOGRAFIA

BLACK, Graham, 2005

The engaging Museum: Developing museums for visitor involvement,
Routledge, New York.

DIAS, Helena, FIGUEIREDO Guilherme, MAIA, Margarida, 2004

Teatro Micaelense – Centro Cultural e de Congressos SA, Ponta Delgada

ELAVAI, Augusto,

Anuário Estatístico da Região Autónoma dos Açores, Serviço Regional
de Estatística dos Açores, Angra do Heroísmo, 2010

FARIA, Margarida Lima de, 2003;

«A função Social dos Museus», in *A cultura em acção: impactos sociais e
território*, Edições aprofundamento, Porto, pp. 29-38

GONÇALVES, Maria Cristina Macedo, 1994

«A importância dos Públicos na vida do Museu in: *1º Encontro de
instituições Museológicas dos Açores*, Museu Carlos Machado, Ponta
Delgada, pp. 85-89

MATARROSO, François, 2003

“use or ornament: the social impact of participation in the arts” in *A
cultura em acção: impactos sociais e território*, Edições Afrontamento,
Porto, pp. 146-149

MENDONÇA, Carlos José, 2001

Políticas, práticas e públicos de teatro no Algarve, Edições Colibri,
Lisboa

NEIL, Stephen E., 2003

«Museums and communities; their changing relationship», in *A Cultura em acção: impactos sociais e território*, Edições Afrontamento, Porto, pp. 15-27

OLIVEIRA, António Manuel Silva, 1994

«O Museu Carlos Machado Mudança na continuidade», in *1º encontro das instituições museológicas dos Açores*, Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, pp. 17- 28.

OLIVEIRA, Maria Margarida Teves, 1994

«O Serviço Educativo no Museu Carlos Machado – Áreas de intervenção e desenvolvimento» in *1º Encontro das instituições museológicas dos Açores, Museu Carlos Machado*, Ponta Delgada, pp.77 – 83

PAVÃO, Almeida;1992

<< Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada>>, separata da revista *insulana*, Ponta Delgada

PRAÇA, J. Henrique 2003

«Sete pés: Projectos Artístico-culturais, Projectos de formação de públicos: Passado, presente e futuro» in *A cultura em acção: impactos sociais e território*, Edições Afrontamento, Porto, pp. 105-110

RALHA, Susana, 2003;

«Públicos escreve-se no plural» in *A cultura em acção: impactos sociais e território*, Edições Afrontamento, Porto, pp. 91-95

RICO, Juan Carlos (ed.), 2008

Como enseñar el objeto cultural, Sílex Ediciones, Madrid

SENEDO, Alice; Domingues, Alvaro; Lopes, João Teixeira, 2003

“Esboço de um projeto de pesquisa: os impactos sociais da oferta cultural”, in *A cultura em acção: impactos sociais e território*, Edições Afrontamento, Porto, pp. 66-67

SILVA, Augustos Santos, LUVUMBA, Felícia, SANTOS, Helena, ABREU, Paula, 2000
Públicos para a cultura na cidade do Porto, Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto, Porto

SILVA, Raquel Henriques da, 2003

«Museu em Acção: Os desafios necessários» in *A cultura em acção: Impactos sociais e território*, Edições Afrontamento, Porto, pp. 9-14

SOUSA, Ana Isabel, 2008

Ponta Delgada, tipografia Lda., Ponta Delgada, pp.101-150

SOUSA, Maria Borba Fonseca e Sousa, 2009

A Museologia na ilha de São Miguel: 1974-2008, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade dos Açores

SOUSA, Maria Isabel Albergaria, 2006

O Teatro Micaelense e a sua Actividade Músico-teatral entre 1864 e 1898, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PERIÓDICOS:

Diário dos Açores de 21 de Setembro de 2001

Correio dos Açores de 22 de Setembro de 2001

Açoriano Oriental de 22 de Setembro de 2001

INTERNET

BARRERO, Pedro Atencia, 2009

“Los Museos Virtuales de Bellas Artes: Nuevos instrumentos para la enseñanza-aprendizaje de la educación plástica e visual” in http://www.csi-csif.es/andalucia/modules/mod_ense/revista/pdf/Numero_23/PEDRO_ATENCIA_2.pdf, consultado em 23/11/2010

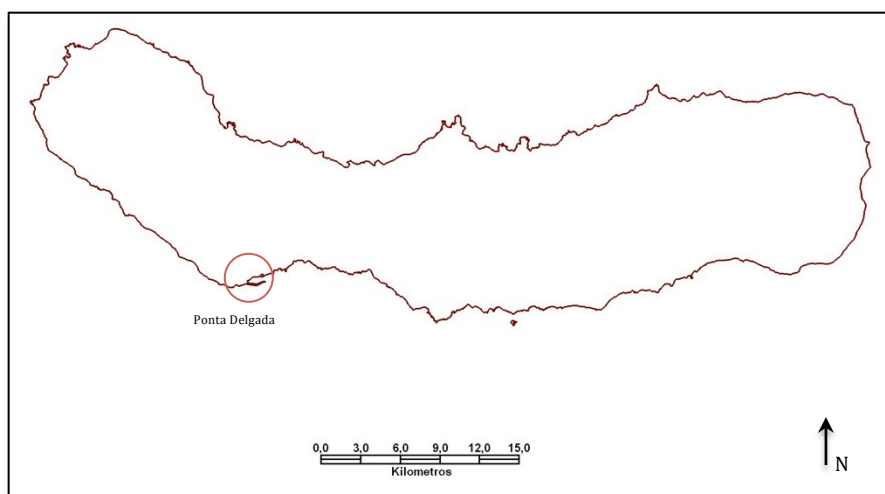
<http://www.bparpd.azores.gov.pt/>, consultado entre outubro de 2010 e março de 2011

<http://www.teatromicaelense.pt/>, consultado entre outubro de 2010 e março de 2011

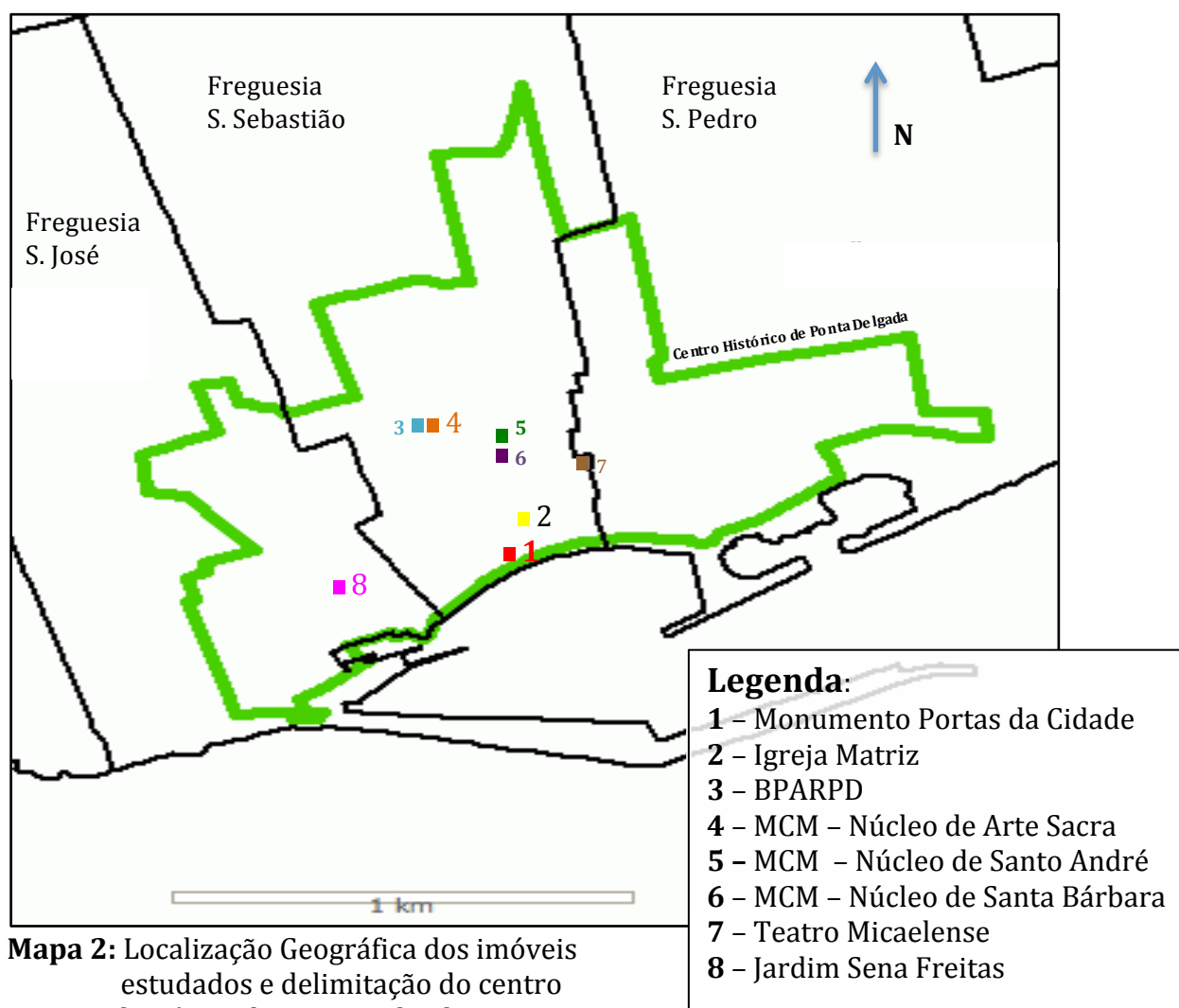
<http://museucarlosmachado.azores.gov.pt/>, consultado entre outubro de 2010 e março de 2011

<http://sigweb.mpdelgada.pt/>, consultado em 26 de março de 2001

Anexo I: Mapas e Imagens



Mapa 1: Localização geográfica do centro de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel



Mapa 2: Localização Geográfica dos imóveis estudados e delimitação do centro histórico de Ponta Delgada



Imagem 1: Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada



Imagem 2: Museu Carlos Machado – Núcleo de Santo André



Imagem 3: Museu Carlos Machado – Núcleo de Arte Sacra.



Imagem 4: Museu Carlos Machado – Núcleo de Santa Bárbara



Imagem 5: Facha do Teatro Micaelense em 1864

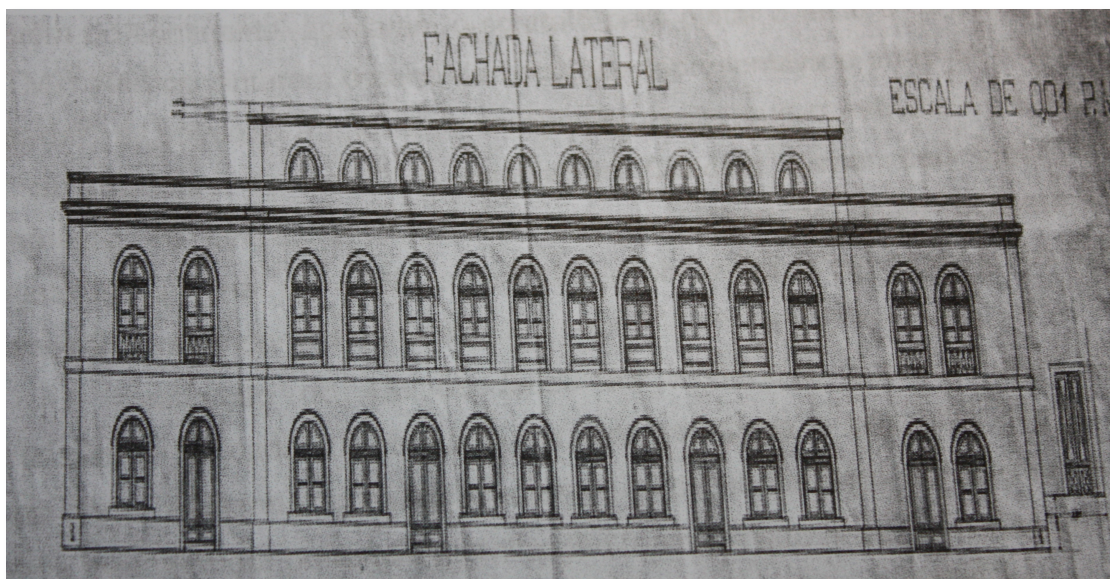


Imagem 6: Lateral do Teatro Micaelense em 1864

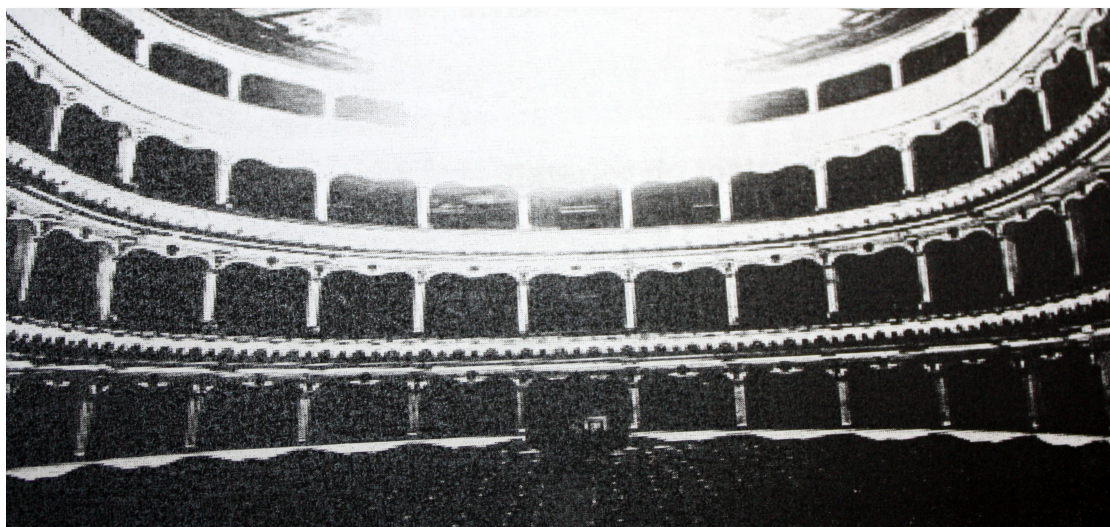


Imagem 7: Sala principal do Teatro Micaelense em 1864



Imagem 8: Teatro Micaelense presentemente.



Imagem 9: Capa do programa do espetáculo inaugural da reabertura do Teatro Micaelense em 1951.

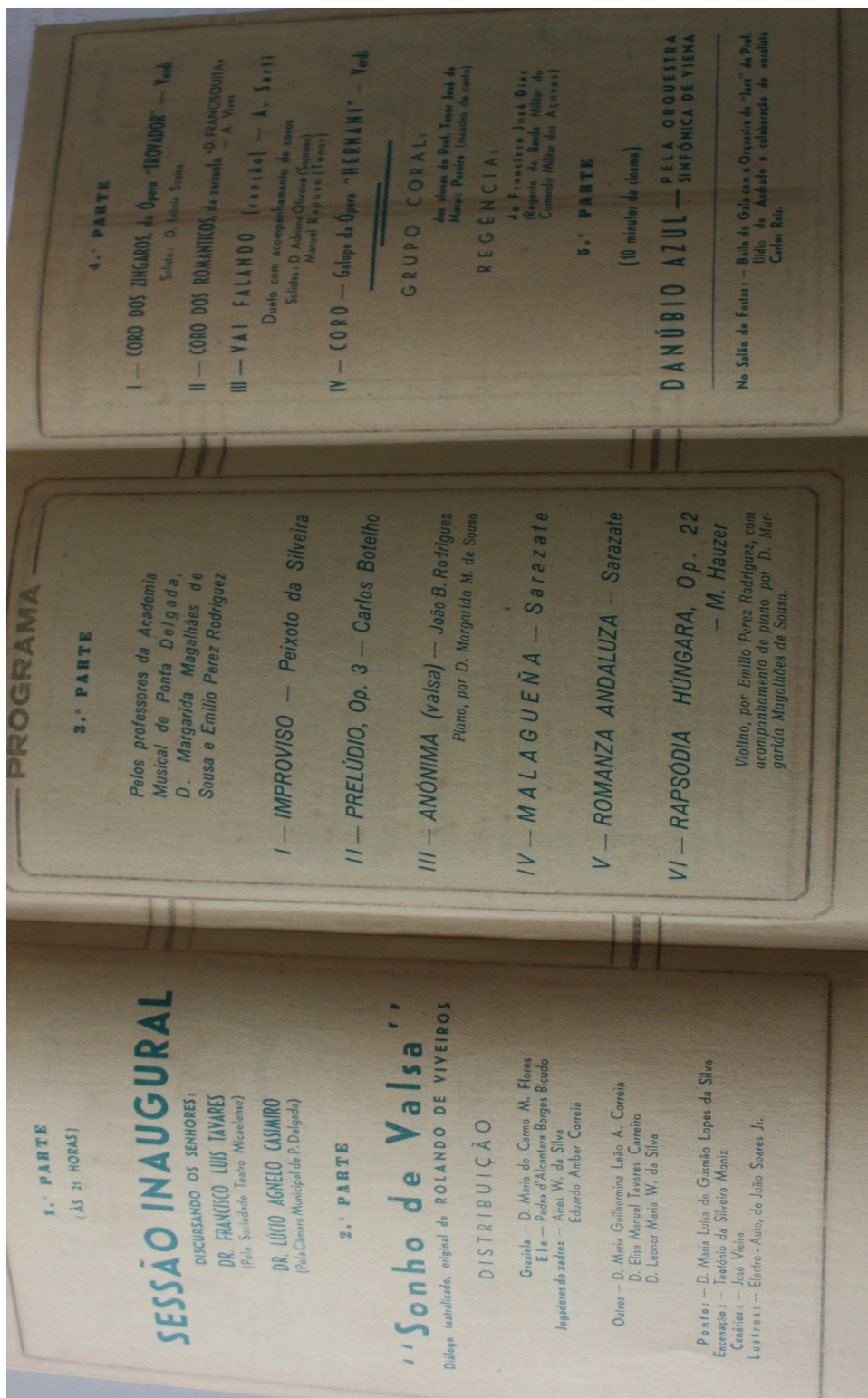


Imagem 10: interior do programa inaugural da reabertura do Teatro Micaelense em 1951

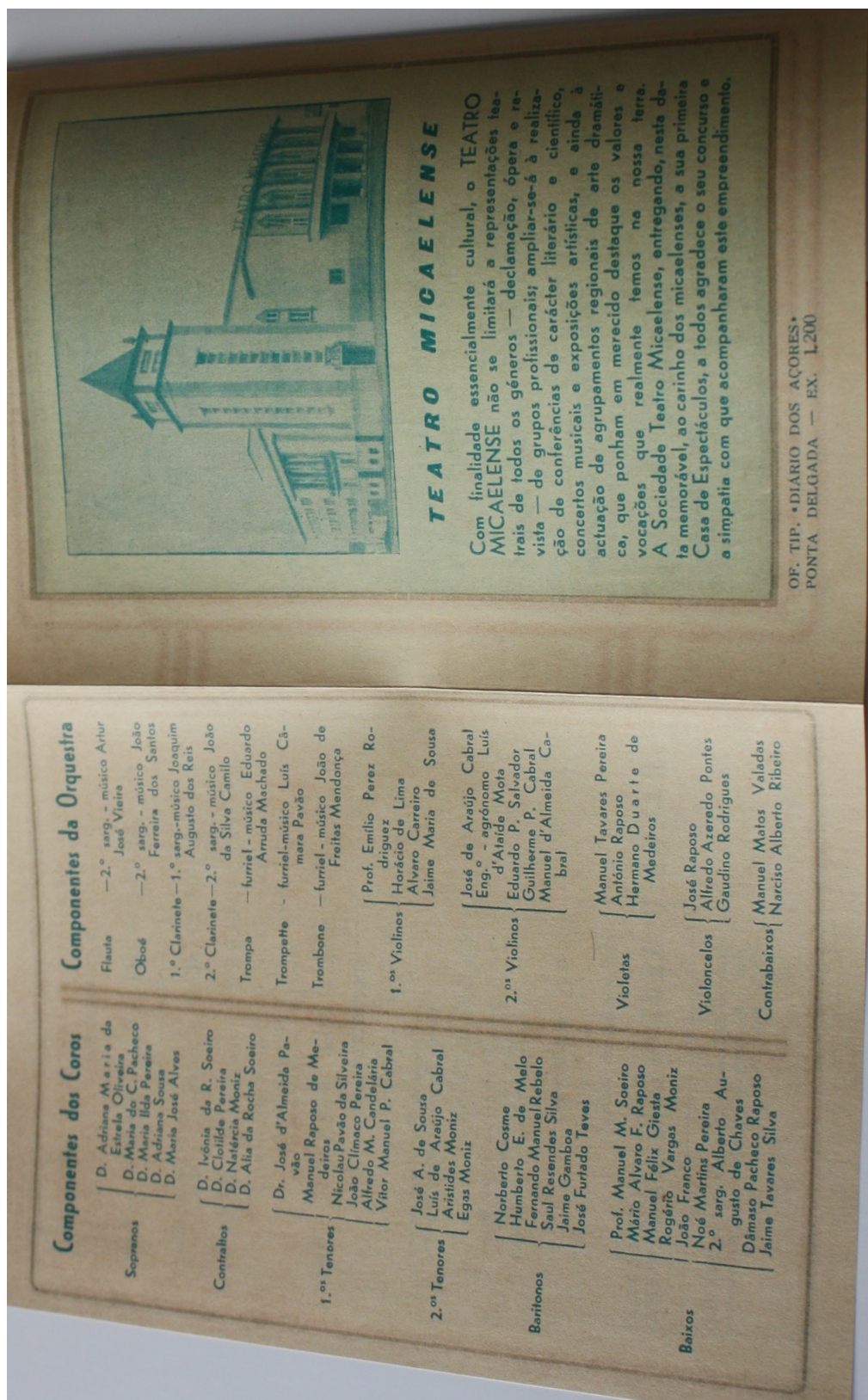


Imagem 11: Verso e contracapa do programa inaugural da reabertura do Teatro Micaelense em 1951

Anexo II - Caracterização Socioeconómica e Cultural da população de S. Miguel

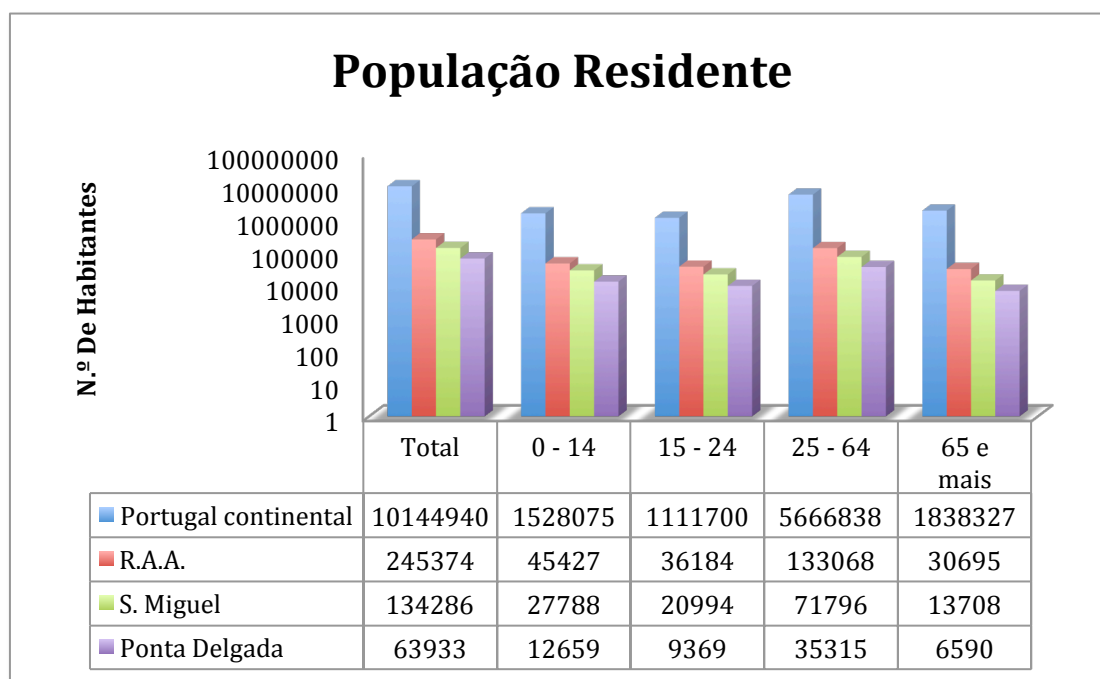


Gráfico 1 – População residente em Portugal continental, R.A.A., S. Miguel e Ponta Delgada

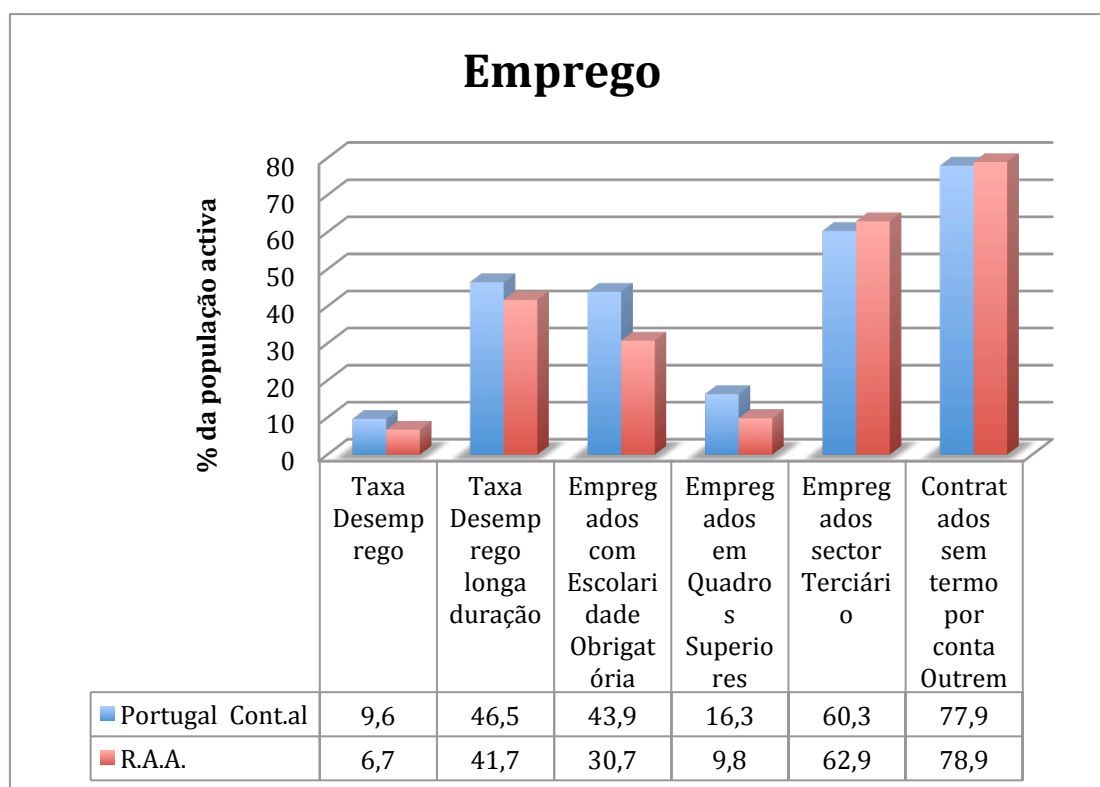


Gráfico 2 – Emprego; Taxas de desemprego, caracterização da população empregada e contratados sem termo por conta de outrem.

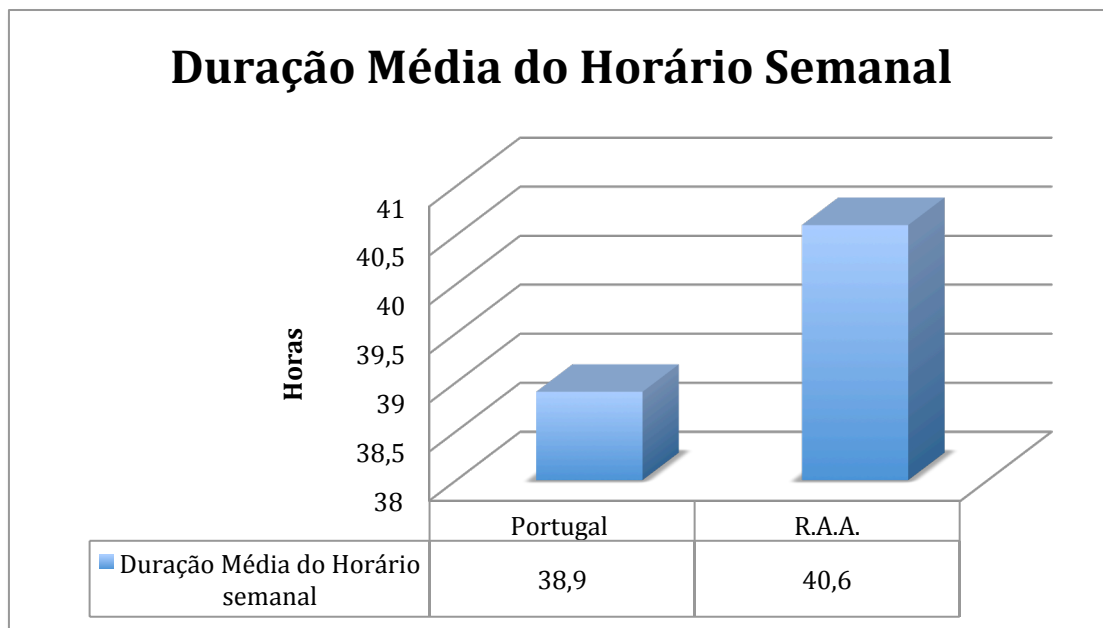


Gráfico 3: Duração Média do Horário Semanal

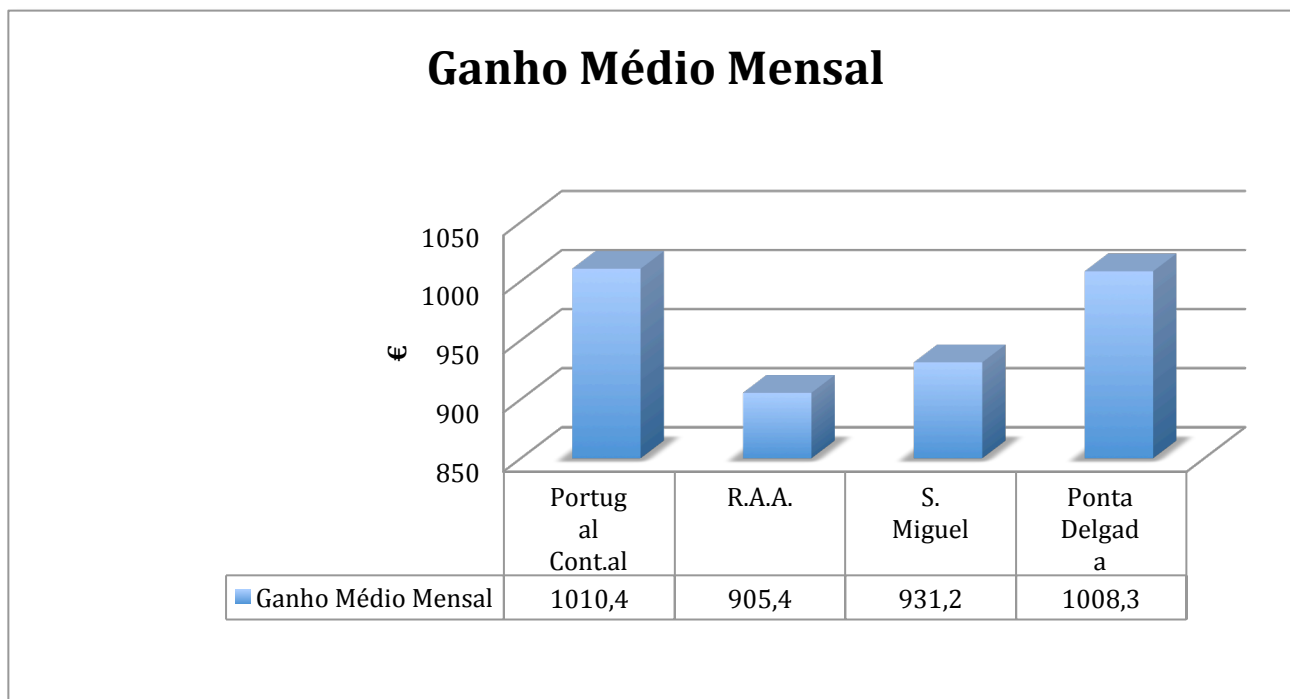


Gráfico 4: Ganho médio mensal em Portugal continental, R.A.A., S. Miguel e em Ponta Delgada.

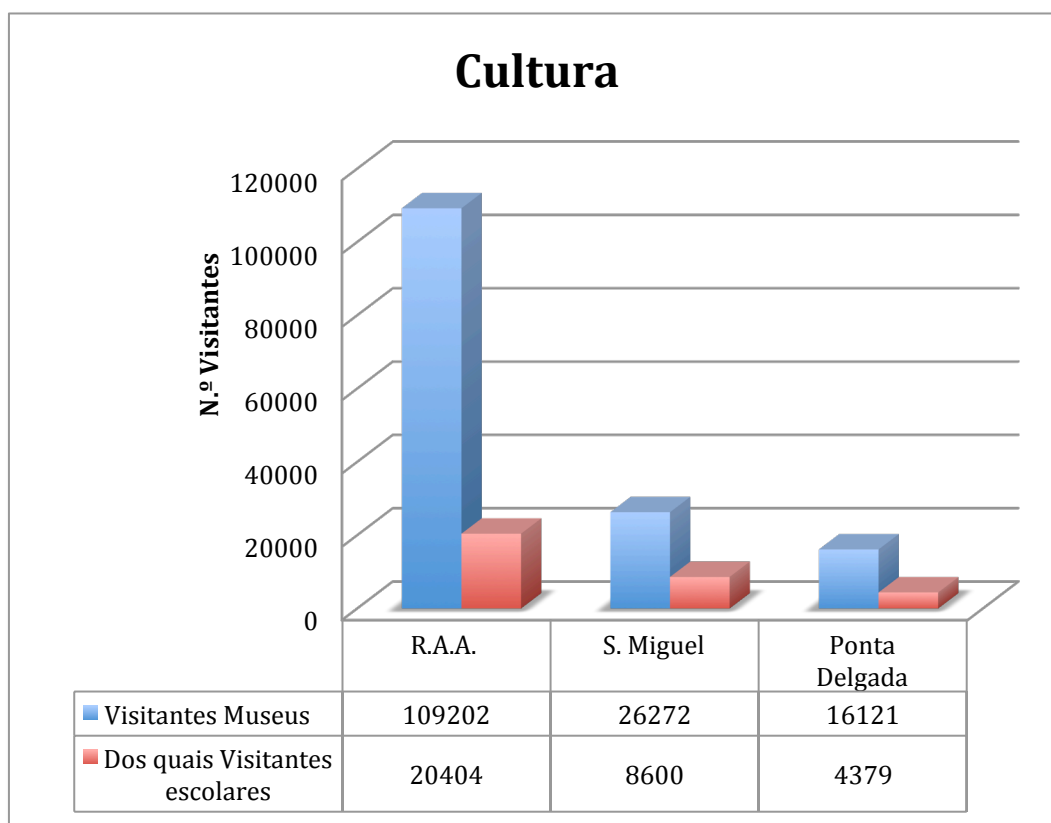


Gráfico 5: Número de visitantes a museus com destaque para os escolares na R.A.A., em S. Miguel e particularmente em Ponta Delgada

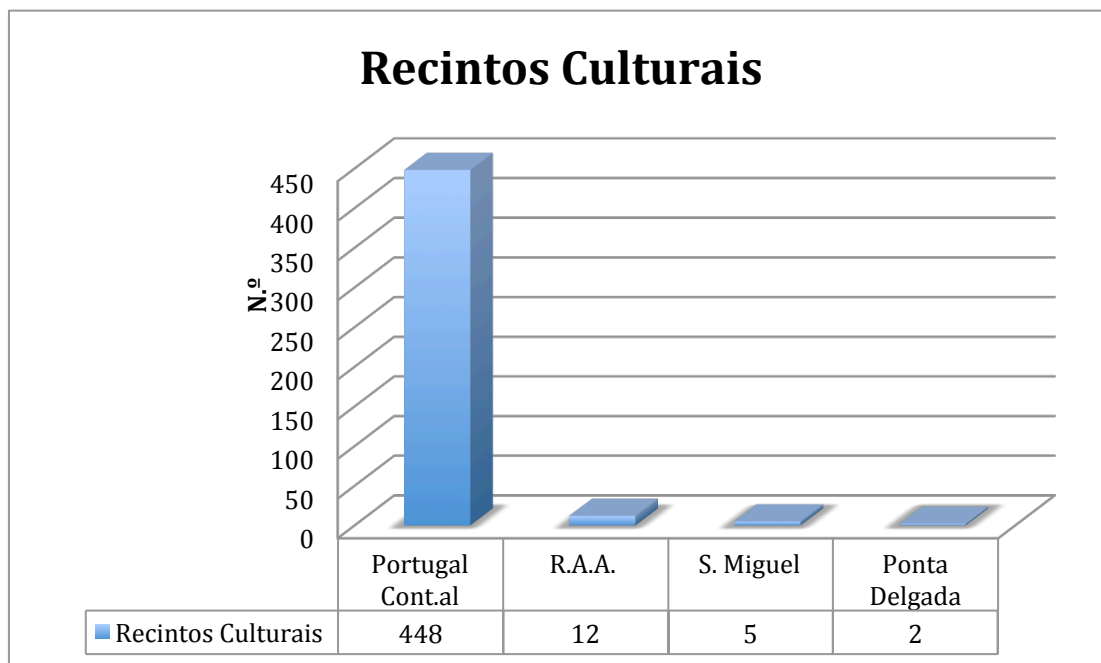


Gráfico 6: Número de recintos culturais existentes em Portugal Continental, R.A.A., S. Miguel e em Ponta Delgada

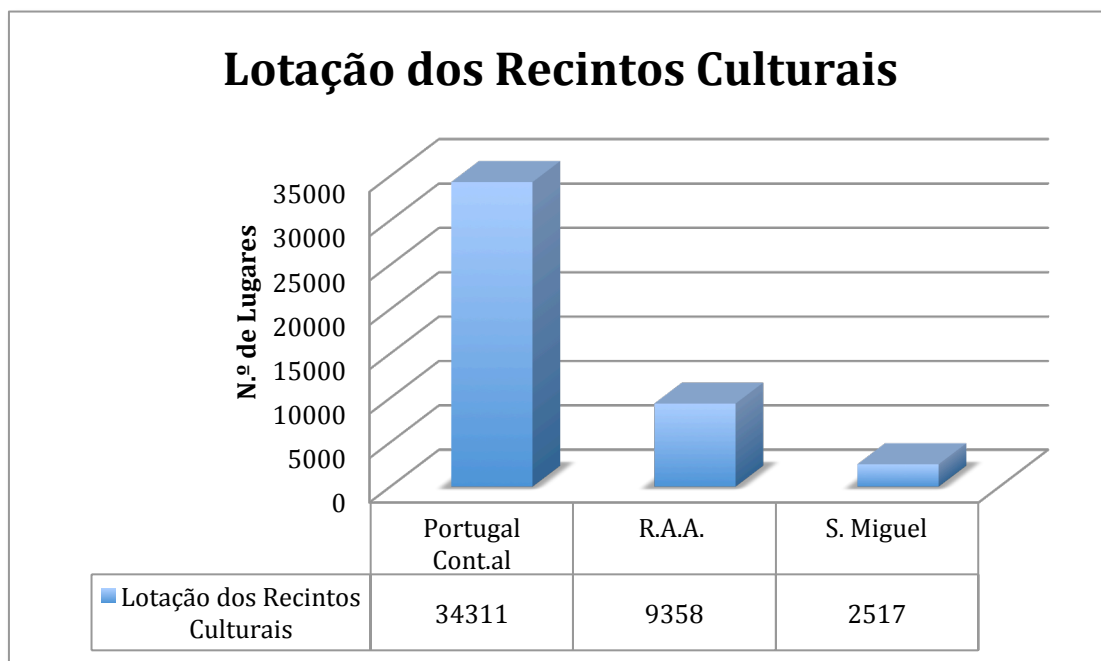


Gráfico 7: Lotação dos espaços culturais em Portugal Continental, R.A.A e em S. Miguel

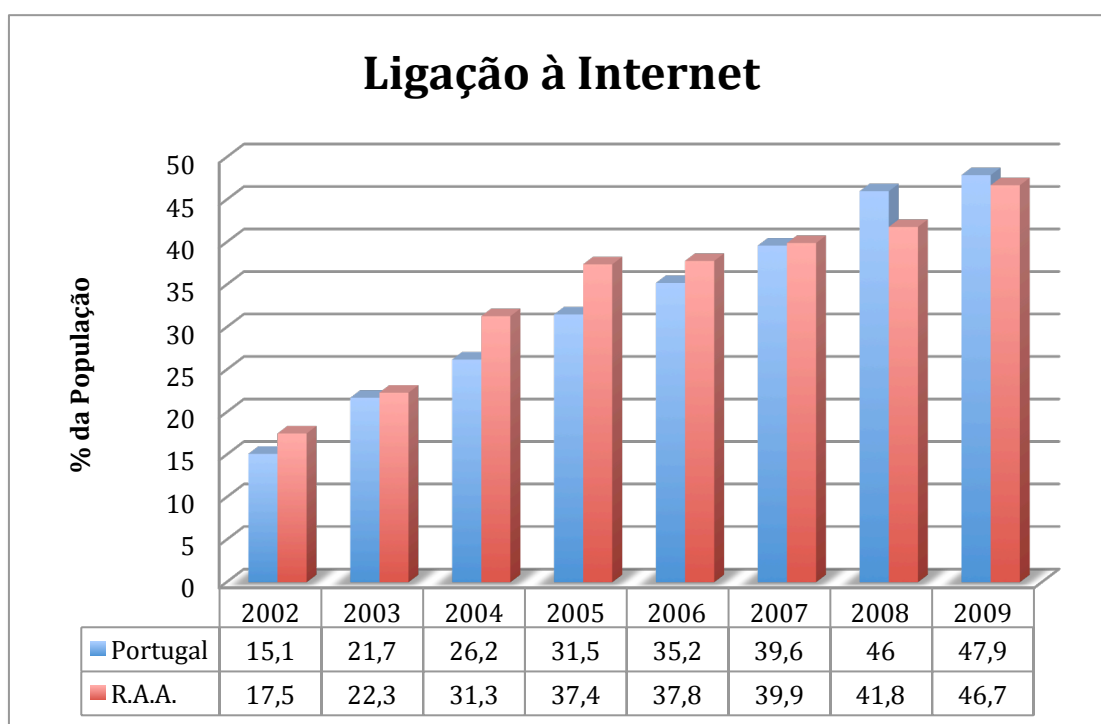


Gráfico 8: Percentagem da população com ligação à internet.

ANEXO III: Missão, Visão, Objetivos e outras informações acerca da BPARPD.

VISÃO: “O futuro olhará para nós como uma autêntica Comunidade participativa para a construção democrática. O serviço de cidadania terá sempre presente as missões-chave da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada relacionadas com a informação, a alfabetização, a educação e a cultura. A nossa prestação será reconhecida pela Comunidade como um serviço personalizado, dinâmico, criativo e como agente essencial para a promoção da paz, do bem estar espiritual e do desenvolvimento e em permanente adaptação às necessidades dos utilizadores/clientes. Seremos reconhecidos pela nossa atitude pró-ativa, de corresponsabilidade, eficiência e eficácia servindo como porta de acesso local ao conhecimento. A implementação das relações interpessoais, em contexto laboral, será a expressão de uma cultura transparente, positiva e de respeito pela iniciativa individual fomentando a autoestima e empatia”⁵⁵.

MISSÃO: “contribuir para o desenvolvimento do nível sociocultural da população, de modo a que estes acompanhem as rápidas mutações económicas, sociais e culturais, impostas pela Sociedade do Conhecimento e desenvolvam competências individuais que contribuam para uma maior autonomia e a participação social. Para tal, a BPARPD disponibiliza um conjunto apropriado e diversificado de serviços e de atividades na área da educação, da informação, da cultura e do lazer.”⁵⁶

OBJECTIVOS: “Possibilitar a plena integração social de todos os membros da comunidade, assumindo um papel de espaços pluralistas de encontro de pessoas e de ideias, de debate e de reflexão, de crítica e de participação ativa; Promover a literacia como capacidade de compreender, interpretar e julgar os processos e os significados da envolvente comunicacional, acentuando a complementaridade entre suportes documentais (impressos, audiovisuais, multimédia); Proporcionar as condições que possibilitem a autoformação dos

⁵⁵ <http://www.bparpd.azores.gov.pt/>, 26/01/11

⁵⁶ *Idem*, 26/01/11

indivíduos, disponibilizando recursos para aprendizagem ao longo da vida, dando especial destaque à utilização das tecnologias de informação e comunicação; Fornecer, a quem o solicitar, informações pertinentes e atualizadas, com rapidez e profundidade, recorrendo a todas as fontes de informação disponíveis a nível local, regional, nacional e internacional;”⁵⁷

As diversas áreas da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada e respectivas competências

ARQUIVO:

1. À Divisão de Arquivos compete, designadamente:

a) Elaborar e propor planos de conservação, organização, descrição e comunicação do património arquivístico recorrendo às novas tecnologias, nomeadamente no processamento de dados e na transferência de suportes;

b) Tratar os fundos documentais de acordo com regras uniformes de inventário, classificação e indexação e zelar pela sua conservação e segurança;

c) Propor e promover a aquisição dos fundos arquivísticos, nomeadamente a título de compra, doação, depósito, doação, incorporação, herança, legado, permuta ou reintegração;

d) Zelar pelo cumprimento das normas legais que regulam as incorporações obrigatórias;

e) Integrar a documentação relativa à administração regional, local e central descentralizada;

f) Aplicar critérios de gestão de documentos;

g) Assegurar ao público a consulta dos seus fundos, sempre que o estado de conservação dos documentos o permita;

⁵⁷ <http://www.bparpd.azores.gov.pt/>, 26/01/11

h) Fornecer aos utilizadores certidões e cópias das suas espécies documentais, nos termos da legislação em vigor;

i) Elaborar guias, inventários e catálogos e organizar bases de dados com informação de interesse científico-cultural;

j) Promover o conhecimento público dos acervos documentais.

2. No que respeita ao âmbito territorial, nomeadamente para efeitos de incorporação de documentos, o Arquivo abrange as ilhas de São Miguel e de Santa Maria

ESPAÇO INFANTIL

Incentivar e desenvolver o gosto pela leitura;

Promover o livro e a leitura infanto-juvenil;

Desenvolver atividades do Conto;

Dar a conhecer a vida e a obra de escritores de literatura infanto/juvenil;

Desenvolver o conhecimento e o gosto pelas variadas espécies literárias;

Dar a conhecer o espaço «Biblioteca».

Livre Acesso

Esta área caracteriza-se pelo atendimento e orientação dos utilizadores que frequentam esta Instituição fornecendo monografias, publicações em série e documentação de Arquivo, em vários suportes, para leitura de presença e domiciliária. Disponibilizar informação através da Web e permite o acesso à Internet. Fornecimento de fotocópias e atendimento a pedidos de certidões.

Apoio aos leitores na consulta de bases de dados internas e externas, apoiando os mais jovens através da indicação de bibliografia para elaboração de trabalhos escolares.

MULTIMÉDIA

Satisfazer as necessidades em mudança dos jovens da comunidade local, incluindo todos os grupos culturais e jovens com necessidades especiais;

Envolver os jovens no planeamento dos serviços e programas (grupos consultivos de curta ou longa duração, mecanismos de avaliação como painéis de parede, livros de opiniões, painéis de discussão electrónicos);

Disponibilizar aos utilizadores, informação em outros suportes não tradicionais (VHS, DVD, CD, DVD-ROM, CD-ROM, Disquete e Internet);

Visualização de filmes, audição de música e navegação na Internet com uma função não só educativa, como também, recreativa.

SERVIÇO SOCIOEDUCATIVO

Ao Serviço Sócio Educativo compete especificamente e, conforme o Decreto Regulamentar Regional 13/2001/A de 7 de Novembro, o seguinte:

- Implementar o apoio à aprendizagem não formal e à autoformação;
- Proporcionar condições que permitam a reflexão, o debate e a crítica, através das atividades de intervenção cultural da biblioteca;
- Organizar iniciativas de difusão cultural dos fundos da biblioteca e apoiar as que são solicitadas por outras entidades;
- Criar e fortalecer os hábitos de leitura e estimular a imaginação e criatividade das crianças e jovens;
- Promover o conhecimento público dos acervos documentais;
- Promover e incentivar, em colaboração com os estabelecimentos de ensino, as visitas de estudo e as sessões de trabalho individuais ou colectivas com pessoal docente e alunos de qualquer nível de ensino;

Esta secção organiza todas as atividades de promoção cultural da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada fazendo a sua planificação, contactos com os intervenientes, divulgação e realização das mesmas. Estas atividades são maioritariamente visitas de estudo, exposições, espetáculos e atividades

de animação da leitura. São realizadas na sala de exposições, auditório, sala de projeção colectiva e sala infanto-juvenil. Faz ainda um controlo posterior recolhendo o número de participantes e as apreciações dos mesmos.

SERVIÇOS DISPONÍVEIS:

- Acesso à Internet;
- Animação da Leitura;
- Emissão de certidões;
- Empréstimo domiciliário;
- Formação de utilizadores;
- Serviço de fotocópia e digitalizações;
- Livre acesso;
- Visitas guiadas.

HORÁRIO

Horário de Inverno

Sala de Leitura

Segunda a Sexta: 09h00 às 19h00

Sábados: 14h00 às 19h00

Sala Infantil:

Segunda a Sexta: 09h30 às 17h30

Sábados: 14h00 às 19h00

Sala Juvenil/Multimédia:

Segunda a Sexta: 09h30 às 17h30

Sábados: 14h00 às 19h00

Horário de Verão

Sala de Leitura e Sala Juvenil/Multimédia:

Segunda a Sexta: 09h00 às 17h00

Sala Infantil:

Segunda a Sexta: 09h30 às 17h00

CATÁLOGO

O catálogo online da Biblioteca Pública é constituído por cinco fundos distintos:

- Base Bibliográfica Geral;
- Infantil;
- Livraria dos conventos;
- Multimédia;
- Publicações Periódicas.

Direção

Carlos Guilherme Riley

Chefe de Divisão e Documentação

Isabel Iva M.M.Matos Congumbreiro Garcia

Contactos:

Institucional

bpar.pdelgada.info@azores.gov.pt

Telefone geral: 296 28 20 85

Fax geral: 296 28 12 16

Largo do Colégio

9500-054

Anexo IV: Missão, o projeto móvel e outras informações relativas ao MCM

Missão : o Museu Carlos Machado tem como missão estudar e preservar o património e, através dele, promover e divulgar a cultura e identidades açoriana, privilegiando um conjunto de atividades de cariz pedagógico, destinadas aos diversos públicos.

Sendo o Museu um lugar de confluências e convivialidade, deve promover a aprendizagem e o conhecimento, através da abertura a diálogos e confronto de ideias, proporcionando assim a criatividade. O Museu deve assumir-se como um espaço de envolvimento e construção de cidadania, na prestação permanente de um serviço público.

O Museu, sendo um lugar de todos, deve promover a inclusão de pessoas e culturas.

Manifesto do Museu Carlos Machado⁵⁹:

1. Museu é lugar de todos
2. Museu expressa identidade e fomenta diversidade
3. Museu preserva o património
4. Museu promove a aprendizagem e o conhecimento
5. Museu combate a exclusão de pessoas e culturas
6. Museu assume o passado e a contemporaneidade
7. Museu congrega gerações
8. Museu é local de abertura a diálogos e confronto de ideias
9. Museu refresca mentalidades e proporciona criatividade
10. Museu é espaço de envolvimento e cidadania
11. Museu é um serviço do público

⁵⁹ <http://museucarlosmachado.azores.gov.pt/museu/missao.aspx>, consultado em 23/02/11

Projeto Museu Móvel⁶⁰

Um dos projetos de maior relevo do Museu Carlos Machado para 2008 arranca já no próximo dia 4 de Setembro pelas 17:30, com a inauguração do Museu Móvel na freguesia das Sete Cidades. é um projeto inédito a nível nacional que conhece a sua primeira expressão precisamente na Região Autónoma dos Açores.

Consiste numa carrinha reformulada e adaptada para transportar, mostrar e divulgar peças e património do Museu Carlos Machado por toda a ilha de S. Miguel, iniciando a sua atividade pelo lado ocidental, justamente pela freguesia das Sete Cidades.

O Museu Carlos Machado vê assim concretizados mais dois dos pontos centrais da sua missão: primeiro, o de museu enquanto espaço de inclusão, onde não se excluem populações normalmente alheias ao conhecimento museológico, seja por diferentes níveis socioculturais ou pela distância; segundo, como um museu de território, que não se restringe à cidade onde está implantado, mas que se estende a toda a ilha de S. Miguel, da qual absorve e trabalha as identidades das gentes micaelenses.

Outro dos objectivos do projeto Museu Móvel será, com o contacto direto com as populações mais distantes dos seus núcleos centrais, sensibilizar os seus visitantes sobre o Património, a sua importância e a necessidade da sua preservação.

Sendo um projeto que aposta na mobilidade, o Museu Móvel pretende percorrer toda a ilha de S. Miguel, desde o lado ocidental até ao concelho mais oriental, o do Nordeste. Inicialmente o percurso entenderá duas viagens semanais, com arranque na freguesia das Sete Cidades, e percorrendo a costa norte da ilha, em direção a leste.

Para tal, estão a realizar-se um conjunto de parcerias com as entidades locais, entre as quais Juntas de Freguesia, Paróquias, Casas do Povo e outras associações, que têm acolhido de uma forma bastante entusiástica este projeto.

⁶⁰ A informação apresentada foi retirada na íntegra de <http://museucarlosmachado.azores.gov.pt/museumovel/projecto.aspx>, em 22/02/11

Outras instituições, públicas e privadas, também se associam ao Museu Móvel.



Representação 1: Esboço do veículo adaptado para a função de Museu Móvel



Representação 2: (veículo) Museu Móvel.

Outras Informações

Museu Carlos Machado

Convento de Sto André
Rua João Moreira
9500-075 Ponta Delgada

Núcleo de Arte Sacra

Igreja do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada
Largo do Colégio
9500-054 Ponta Delgada

Horário

Terça a Sexta entre as 10h00 e as 12h30
e das 14h00 e as 17h30
Sábados e Domingos das 14h00 às 17h30
Encerra Segundas e Feriados

Preço de entrada: 2 Euros

Entrada livre até aos 14 anos
Desconto 50% entre os 15 e os 25 anos,
reformados, aposentados e pessoas
com mais de 65 anos de idade

Núcleo de Santa Bárbara

Rua Dr^o Carlos Machado
9500-105 Ponta Delgada

Serviço Educativo do Museu Carlos Machado

Visitas orientadas à exposição permanente e às exposições temporárias, Ateliers temáticos com marcação prévia:

museu.cmachado.edu@azores.gov.pt

Telefone: 296 20 29 30/31
Fax: 296 692 504
museu.cmachado.edu@azores.gov.pt

ANEXO V: Caracterização Técnica e Serviços do Teatro Micaelense

O Teatro Micaelense a nível arquitectónico segue a linha de outros teatros⁶¹ projetados pelo seu arquiteto Rodrigues de Lima.

No seu interior há três espaços a destacar, a sala de espetáculos com 738 lugares dividida em dois pisos (plateia 478 lugares e o balcão com 260 lugares), o Foyer do piso térreo, o salão nobre e o bar. O Salão Nobre tem uma área de 286 m². Existem ainda 3 salas polivalentes, distribuídas por 2 pisos, com áreas que vão desde os 94 m² até aos 247 m² e salas de apoio, que permitem o ajustamento a diferentes escalas de necessidades.

Serviços dispensados⁶²:

1. **Serviço Educativo:** esta servência é apresentada no site do equipamento pela sua programação, não havendo qualquer descrição ou contextualização dos objectivos deste serviço, o utente pode consultar as atividades programadas as quais necessitam de marcação prévia estando todas a funcionar sempre que solicitado.

2. **Cartão Espectador Frequente:** Trata-se de um programa de dinamização de espectadores o qual oferece descontos e bilhetes nas produções próprias do Teatro⁶³. Ou seja, 20% de desconto na compra de bilhetes e Oferta de um bilhete para o titular do cartão e desconto de 50% para o acompanhante, após cada 3 ingressos

⁶¹ A título de exemplo, o Cinema Monumental e o Cinearte, ambos em Lisboa ou o cine-teatro Covilhanense, na Covilhã, entre outros.

⁶² De acordo com <http://www.teatromicaelense.pt> consultado em 12/01/11

⁶³ Existem produções que não são da responsabilidade do Teatro Micaelense, SA; Este equipamento pode ser alugado, sendo o Governo Regional dos Açores um dos principais clientes nesta área.

Rider Técnico

Palco – Cena

Altura: 1.20m Profundidade: 10.20m

Avanço plataforma: 4.25m

Boca de cena: 11.90m

Nota

Por questões de visibilidade das primeiras 3 filas, e sempre que o espetáculo o permita, o avançado de cena é rebaixado 20cm, formando um degrau.

Espaço cénico principal

Área: 276m² Carga distribuída: Cerca de 5KN/m²

Quarteladas: 1200x1200mm

Meias quarteladas: 600x40x1200mm

Elevador Montacargas

Dimensões: 3.00x2.00m

Carga estática útil: 5KN/m²

Carga dinâmica útil: 2.5KN/m²

Curso: cerca de 3.20m

Velocidade fixa: cerca de 3.00m/min

Nivelamento nas posições sub-palco e palco

Sistema de abertura do pano de boca

À Grega

Ciclorama

Dimensões: 9.00x17.00m

Tela branca ignífuga de PVC, sem costuras

Tule de Cena

Dimensões: 9.00x17.00m

Branco de algodão ignífugado com 80 g/m²

Pavimento para dança

LINÓLEO: Dupla face branco e preto Quantidades: 96m²

Praticáveis

Estrutura de alumínio/tampo contraplacado marítimo de 22mm, exp.

Dimensões: 2.00x1.00m

Carga útil de 700kg/m²

Nivelamento progressivo de 200mm em 200mm, até 1metro

Escada para montagens

Capacidade de carga de 110 kg

Sapatas e braços laterais de estabilidade/nivelamento

Altura máxima de trabalho – 5.00 m

Elevador Telescópico

Capacidade de elevação de 130 kg

Altura máxima de trabalho – 10 m

Pitons laterais de estabilidade/nivelamento

Mesa de direção de cena

Posicionada na lateral esquerda do palco

Consola móvel com os seguintes equipamentos:

Luz de trabalho regulável e direcional incorporada

Relógio digital Posto principal de intercomunicação

Posto principal de munção vídeo com 2 monitores de 11cm C.R.T. e 1 de 14”

Posto principal de munção áudio/chamada de artistas com microfone

Posto principal de “Cue Lights”/ luzes de deixas

Comandos da iluminação da sala

Comandos da iluminação de trabalho
Comandos da cortina abertura à Grega

Estante para Maestro

Com casseta amovível, regulável em altura

Estantes para orquestra: 64

Cadeiras baixas para orquestra: 56

Cadeiras altas para orquestra: 8

Sistemas de suspensão

Varas Contrapesadas

Varas contrabalançadas de curso simples

Varas de 17.00m de comprimento Curso de 15.00m

Carga útil de cada vara: 5KN

Pesos: 10.00Kg

Quantidades: 19

Varas motorizadas de velocidade variável (Cortina Régia)

Varas motorizadas de velocidade variável: 0.00m/s a 1.00m/s

Aceleração variável: de 0.00m/s a 1.00m/s

Precisão de posicionamento: +/-1mm

Varas de 17.00m de comprimento

Curso de 15.00m

Carga útil de cada vara: 5KN

Peso da própria vara: Max. 100Kg

Quantidades: **1**

Varas motorizadas

Varas motorizadas de velocidade fixa

Aceleração: arranque e paragem suaves

Precisão de posicionamento: +/-3mm

Varas de 17.00m de comprimento

Curso de 15.00m

Carga útil de cada vara: 5KN

Peso da própria vara: Max. 150Kg

Canais de dimmer: X 2.4 kw

Quantidades: **10**

Varas manuais

X 5 kw

Varas de 20m de comprimento.

Curso de 15m.

Carga útil de cada vara: (excluindo a vara): 3KN.

Quantidades: **11**

Proscénio

Fosso da orquestra - Posição para configurações proscénio e fosso Lotação para cerca de 45 músicos

Carga estática mínima: 5KN/m²

Sistema de varas motorizadas de velocidade FIXA

Varas motorizadas de velocidade fixa: 0.15m/s

Aceleração: arranque e paragem suaves

Precisão de posicionamento: +7-3mm

Precisão de repetição: +7-3mm

Varas de 11.00m de comprimento

Curso de 12m

Carga útil de cada vara: 5KN

Quantidades: **2**

Nota: Uma destas varas encontra-se fixa e indisponível para qualquer utilização.

Sala

Sistema de varas motorizadas – velocidade. fixa

Varas motorizadas de velocidade fixa: 0.15m/s

Aceleração: arranque e paragens suaves

Precisão de posicionamento: + / - 3mm

Precisão de repetição: + / - 3mm

Varas de 17.00m de comprimento

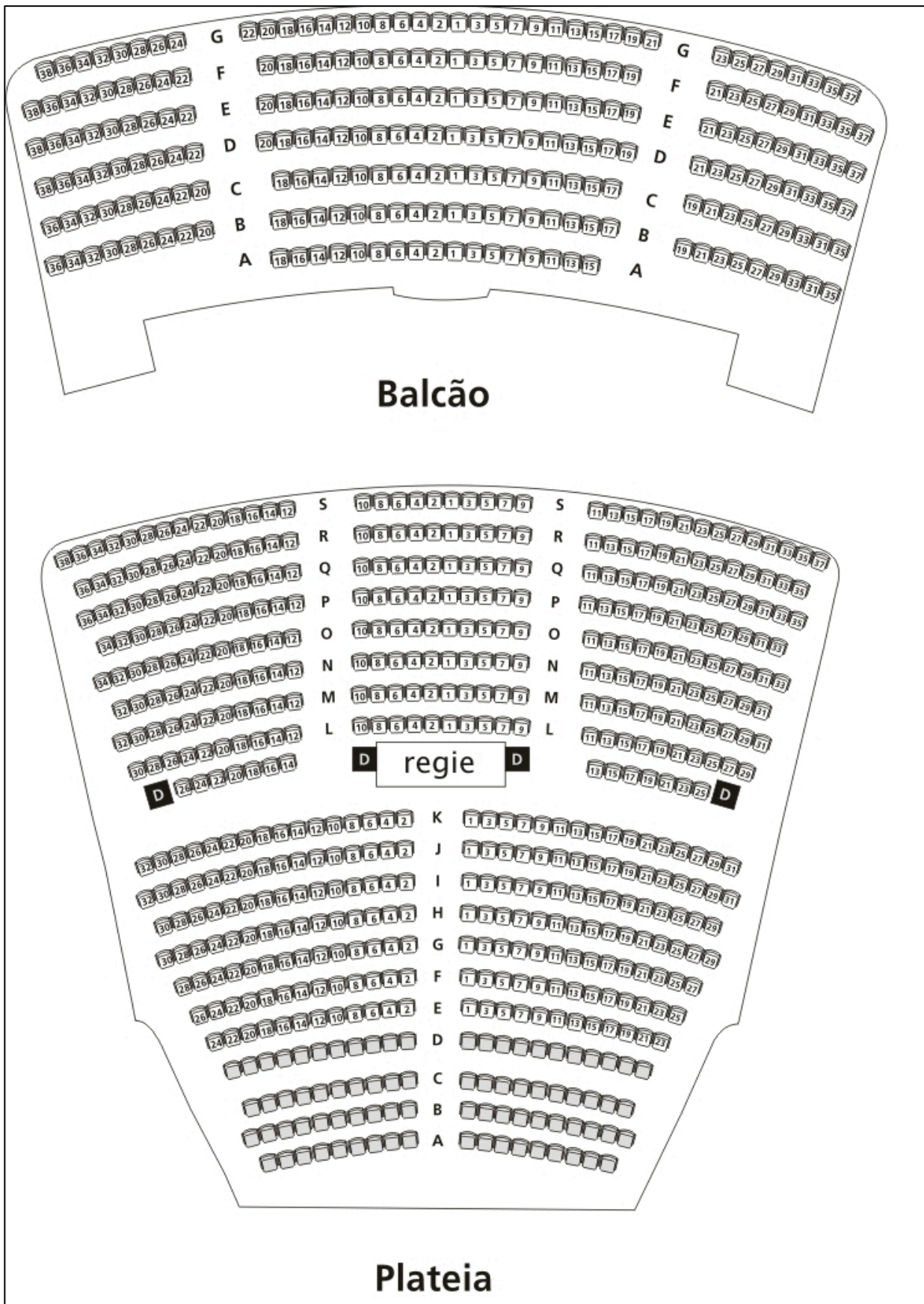
Curso de 12m

Carga útil de cada vara (excluindo a vara): 5KN

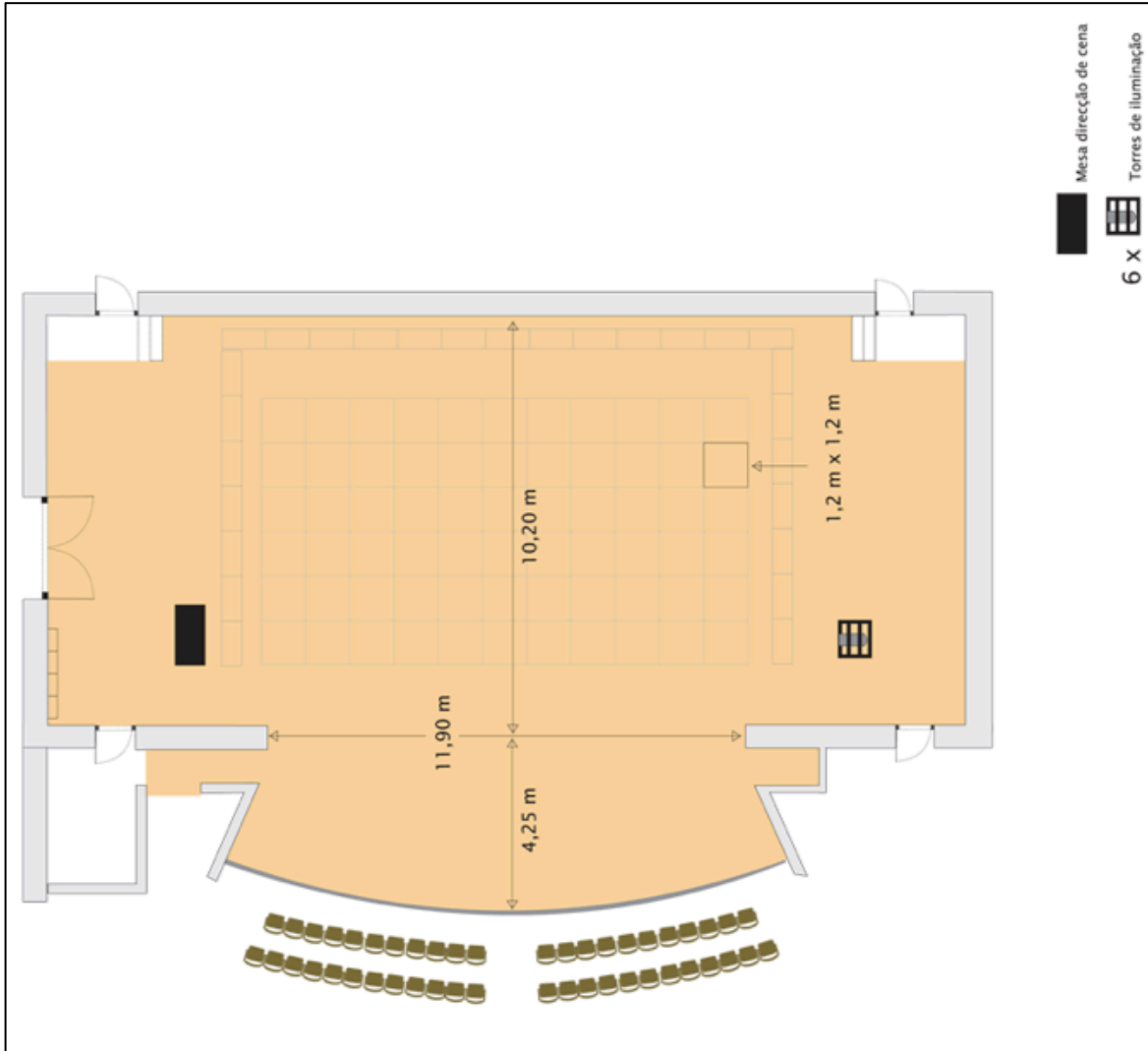
6 canais dimmer 2.4kw Quantidade: **2**

Relés de 16A Quantidades: **33**

Relés de 32A Quantidades: **6**



Representação 3: Esquema do auditório do TM.



Representação 4: Esquema do palco do Teatro Micaelense.

Atividades do Serviço Educativo

1. Visitas Guiadas ao Teatro Micaelense

Os participantes são guiados numa viagem ao Teatro Micaelense onde vão descobrir a sua história, características e bastidores... através desta visita pretende-se que os visitantes reconheçam este espaço como um lugar onde se vive, se sonha... e se criam momentos de fruição estética através da apresentação de espetáculos nas área da dança, música, teatro, artes plásticas e outros eventos.

Duração: 60m

Grupos: 10 pessoas (mínimo), 25 pessoas (máximo)

Público: Crianças e Jovens, público em geral

Criação: Ana Almeida (Coordenadora Serviço Educativo)

Preço: € 2

2. Ateliês

A) A minha Vinda ao Teatro expressão plástica

Os participantes vão exprimir através da cor, das tintas, dos lápis... a sua vinda ao teatro.

Duração: 60 m

Grupos: 10 pessoas (mínimo), 25 pessoas (máximo)

Público: Crianças e Jovens, público em geral

Criação: Ana Almeida (Coordenadora Serviço Educativo)

Preço: € 2

B) Jogo – a cada imagem o seu significado

Após a visita ao Teatro os participantes têm a oportunidade de fortalecer os conhecimentos através de um jogo em grupo!

Duração: 60 m

Grupos: 10 pessoas (mínimo), 25 pessoas (máximo)

Público: Crianças e Jovens, público em geral

Criação: Ana Almeida (Coordenadora Serviço Educativo)

Preço: € 2

C) Vamos Jogar às Personagens expressão dramática

Na magia dos camarins os participantes são convidados a construir uma personagem através da caracterização facial!

Duração: 60m

Grupos: 10 pessoas (mínimo), 25 pessoas (máximo)

Público: 4/6 anos

Criação: Ana Almeida (Coordenadora Serviço Educativo)

Preço: € 2

D) Espetáculos do Teatro

Visionamento de filme a partir da programação do Teatro Micaelense como exploração / exemplificação das diversas artes de palco.

Duração: 90 m

Grupos: 10 pessoas (mínimo), 25 pessoas (máximo)

Público: Crianças e Jovens, público em geral

Criação: Ana Almeida (Coordenadora Serviço Educativo)

Preço: € 2

3. O que Faz este Corpo? Oficina de Expressão Corporal

Que corpo é este que acartamos todos os dias? Será que conhecemos todos os seus pontos e todas as suas possibilidades? Conseguiremos contar uma história a partir do nosso corpo? Qualquer corpo dança? Mas o que é dança?

Duração: 1h45

Grupos: 25 pessoas (máximo)

Público: M/ 4 anos

Criação: Maria João Gouveia

Preço: € 2,5

Inscrições Marcação Prévia

4. Os segredos... do piano.

Afinal, como tocam os pianos? O que é que têm lá dentro? Porque há teclas brancas e pretas? Porque é que tanta gente gosta de pianos se eles são tão pesados? Porque é que tem três pedais como um carro?!... Será que também eu posso tocar num piano a sério? Nesta oficina, falaremos da evolução do piano, da sua origem até aos dias de hoje. Vamos espreitá-lo para ver como funciona e serão executados temas musicais do barroco ao moderno, que mostram a diversidade de repertório escrito para o instrumento. No final, todos poderão experimentar o peso das suas teclas e o sabor do seu som.

Duração: 60 m

Grupos :25

Público: m/6

Criação: Teresa Gentil

Preço: € 2.5

Marcações através do Serviço Educativo

Anexo VI: Transcrição das entrevistas aos responsáveis pela gestão dos Equipamentos Culturais estudados

Entrevista 1

Equipamento: Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada

Entrevistado(a): Dra. Iva Matos

Cargo: Chefe de divisão da biblioteca

Nota: antes de dar início à entrevista estabeleceu-se a distinção entre públicos e utilizadores. Públicos serão aqueles que participam nas atividades da BPARPD podendo também serem utilizadores. Utilizadores são aqueles que vêm a este espaço apenas para usufruir dos seus serviços.

- 1. Gostaria que fizesse uma breve apresentação sua enfatizando o seu percurso até chegar à direção da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada.**

R.: Chamo-me Iva Matos, Sou chefe de Divisão da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, sou eu que supervisiono, coordeno não só o pessoal, mas também as coleções da área de Biblioteca. Estamos divididos em duas áreas, a do arquivo e a da biblioteca, a qual sou responsável. Eu trabalho em bibliotecas desde 1989. Sou licenciada em Filosofia e tenho a pós-graduação em bibliotecas e documentação. Trabalhei na Biblioteca Universitária João Paulo II da Universidade Católica como tarefeira. Trabalhei também na biblioteca de um lar de estudantes. Trabalhava enquanto tirava o curso, depois fiz a pós-graduação aqui em Ponta Delgada, na Universidade dos Açores. Depois entrei para o Serviço de Documentação da Secretaria Regional da Economia , mas antes estive ligada às bibliotecas escolares durante dois anos. Quando acabei o trabalho na Secretaria Regional da Economia foi requisitada para aqui, para a Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada. Quando cá cheguei ainda não era chefe de Divisão mas Técnica Superior e fiquei responsável pela área de extensão Cultural que agora chama-se serviço socioeducativo. Essa área de extensão cultural

começou como uma área nova. Antes havia algum historial mas relativo a exposições. Quando cheguei, e como tínhamos um edifício novo, resolvi começar a desenvolver outras valências nomeadamente a incentivar o trabalho de promoção da leitura com o público mais jovem.

2. Qual é a sua função neste equipamento? O seu trabalho traduz-se em quê?

R.: Neste momento o meu trabalho é sobretudo de chefia de pessoal, das 20 pessoas que trabalham só na área de biblioteca mais o pessoal auxiliar que trabalha nas restantes áreas do atendimento, limpeza, entrega de expediente, entre outras. Tenho também a função de gestão de coleções, se podermos chamar assim. Porque esta biblioteca tem duas vertentes: a das bibliotecas particulares que são constituídas por livro antigo e livro não considerado antigo tecnicamente mas com muito valor. Temos então a área da biblioteca de memória; o fundo geral, o fundo infantil e o de multimédia tem mais a ver com a área das bibliotecas públicas.

3. Há quanto tempo exerce essa função?

R.: Sou chefe de divisão há 4 anos.

4. Qual é o enquadramento da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada no nosso panorama cultural local e/ou regional? Porquê?

R. A Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada depende diretamente da Direção regional da Cultura que por sua vez depende diretamente da presidência do governo. Existem mais duas bibliotecas do género, a Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Horta e a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo. Este edifício surgiu em 2001. A Biblioteca já tinha uma grande implementação no tecido cultural de Ponta Delgada, no antigo edifício. Era fortemente utilizada por investigadores da área de história, graças ao nosso fundo, mas também era utilizada por estudantes. Quando em 2001 mudou para este edifício as valências amentaram. Começamos a ter uma sala de multimédia, uma sala infantil bem apetrechada, o edifício novo trouxe novos espaços e uma nova dinâmica. Paralelamente a isso, o serviço socioeducativo começou a trabalhar muito com o público infantil e juvenil e assim ganhamos uma força nessas idades e na ilha, porque temos muitas visitas de toda a ilha, desde Nordeste a Calhetas e Capelas...

5. Como se encontra organizado o funcionamento deste equipamento?

Porquê? (serviços; salas etc...)

R.: Começando pelo pessoal, temos o diretor que é o responsável máximo e que depende diretamente do Diretor Regional da Cultura, logo a baixo do Diretor da Biblioteca, deviam estar logo de seguida um chefe de divisão de arquivo, que não tem, e um chefe de divisão de Biblioteca que sou eu. Dentro da área de biblioteca há: as Bibliotecas particulares com 3 funcionários, os periódicos que tem 4 funcionários, secção Infantil com 3 funcionários. A secção socioeducativo com 2 funcionários, secção do Fundo Geral que tem 4 funcionários e depois há a secção de multimédia que te 2 funcionários. O serviço de digitalização também com 3 Funcionários. Relativamente ao arquivo existem 4 técnicos superiores e 4 técnicos profissionais, o arquivo é mais uniforme. Depois temos o resto de pessoal de apoio, limpeza e telefonistas. No piso térreo existe a secretaria que dá apoio ao expediente geral da casa para além de emitir certidões, a cafetaria, a recepção, o gabinete de informática, uma sala de exposição, um auditório com capacidade para 149 pessoas, uma sala de projeção colectiva com capacidade para 30 pessoas, a secção de multimédia e um espaço que já foi restaurante. No primeiro andar desenvolve-se toda a secção infantil em livre acesso, de resto como tudo o que se encontra nas salas abertas aos utilizadores. No lado oposto a este andar existem várias salas que inicialmente foram projetadas para receber as bibliotecas privadas e transforma-las em salas temáticas. Contudo, atualmente são salas de depósito. Do meu ponto de vista, as bibliotecas privadas deviam estar no depósito em vez de estar nessas salas sem climatização com janelas de madeira. Contudo em termos de opinião publica esta mudança é complicada. Neste momento estamos a caminhar para a museografia destas salas, dando-lhes o objectivo inicial mas com pouca exposição de materiais. No segundo andar existe o serviço de leitura, dividida em 3 áreas: a zona de livre acesso, a zona de reservados, e a sala de periódicos atualizada diariamente. Existem ainda 7 pisos com documentação que são o nosso depósito. Neste momento existem 6 pisos cheios... estamos já com problemas de espaço.

6. Quantos funcionários atualmente trabalham nestas instalações?

Divididos em quantas áreas?

R.: Neste momento existem 39 funcionários no quadro. Também temos funcionários que advêm de programas, estagiários, programa de ocupação de tempos livres dos Jovens e programa PROSA que é um programa de ocupação para desempregados de longa duração no caso temos dois, um rapaz com problemas de autismo que está a fazer um excelente trabalho, está a introduzir dados numa base e depois temos outro que estamos a tentar coloca-lo em contacto com o publico que é um repatriado e que está a correr muito bem.

Então nos temos 20 funcionários na área da biblioteca, 9 de área do arquivo, mais 3 de secretaria, mais oito auxiliares administrativos.

7. Qual a sua formação?

R.: Neste momento temos todos os funcionários nas suas áreas de formação. Todos os técnicos superiores são especializados, depois temos os técnicos profissionais dos quais 90% tem formação específica e depois temos os auxiliares que... vão-se aguentando. No fundo 80% dos funcionários têm formação.

8. Acha que o número de funcionários é o suficiente? Porquê?

R.: Não. Acho que existe um grande desequilíbrio, temos muitos técnicos superiores e poucos assistentes técnicos o que cria aqui algum desnível, porque as funções são diferentes. Neste momento, talvez precisássemos mais de 3 ou 4 pessoas com formação para a biblioteca.

9. Costumam contratar mais alguns em determinadas alturas? Porquê?

R.: Não.

10. De que forma a missão deste equipamento é cumprida?

R.: ... através do plano de atividades. Há uma carta de missão da Direção Regional dos Assuntos Culturais na qual prevê a missão das 3 bibliotecas. A nossa missão segue as orientações da Direção Regional dos Assuntos Culturais. Esta missão acho que basicamente é cumprida através do plano de ação anual.

11. Qual o horário de funcionamento dos serviços? Porquê? Acha-os suficientes?

R.: existem dois horários o horário de Inverno que, essencialmente, de segunda a sexta abre portas às 09:00 e fechamos às 19:00 ao sábado as instalações abrem

portas às 14:00 e encerramos também às 19:00. No verão não abrimos ao sábado e encerramos sempre às 17:00. Nós já experimentamos várias alternativas. Uma das queixas era que a sala infantil devia estar aberta até mais tarde porque as crianças saem da escola às 17h00. A sala de leitura está aberta até às 19h00 e no meu ponto de vista é mais que suficiente porque a partir das 18:30 isto começa a ficar muito vazio. Já tivemos experiências no passado em que a sala ficava aberta até às 20:00 e até às 22:00 contudo a afluência continuou a ser muito pouca. Portanto eu acho que o horário 09:00 Às 19:00 é o suficiente isto no inverno porque no verão fechamos aos 17h00 porque novamente o n.º de utilizadores é muito reduzido.

Programação e Público Alvo

12. Qual é o perfil de utilizador que frequenta a biblioteca?

R.: Não temos um estudo feito sobre isso, tudo o que lhe vou dizer é “d’olho”. Talvez tenhamos 10% de investigadores da área histórica; 60% estudantes do ensino secundário e universitário e o resto 30% são crianças e jovens até ao 6º Ano. **[e o que é que procuram no equipamento?]** os 10% são as bibliotecas particulares; os estudantes utilizam-nos muito para estudar com os seus próprios livros. Há também empréstimo domiciliário que abrange os estudantes e crianças e neste âmbito temos cerca de 6000 com cartão de leitor para empréstimo domiciliário. Os outros 30% vêm pelas atividades do serviço socioeducativo e requisitar livros. A requisição de livros é um serviço que está fortemente implementado nesta faixa.

13. Em média quantos utilizadores frequentam as instalações do seu equipamento?

R.: eu tenho números... foram descendo drasticamente. Quando havia a lógica de biblioteca pública tínhamos uma afluência de 6000 pessoas por mês, depois foi descendo para os 5000 mês, em média.

14. Existe algum programa cujo objectivo seja alterar estes dados?

R.: Tudo depende das direcções e esta que se encontra cessante não tem orientações neste sentido.

15. Qual é o público-alvo das atividades da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada? Porquê?

R.: é variado. Se tivermos em conta as atividades, por exemplo, os ciclos de cinema começaram porque tínhamos uma grande afluência de públicos infantil e juvenil, sobretudo com escolas em grupos organizados e não conseguíamos chegar a um público adulto/jovem. Então começamos com a ideia de captar este público para utilizadores frequentes. Os filmes podiam ser o chamariz para este público. Nas outras atividades, como por exemplo, a promoção da leitura as atividades são dirigidas a um público infanto-juvenil e as atividades são pensadas para que eles se tornem leitores e utilizadores frequentes da biblioteca nomeadamente no empréstimo domiciliário.

16. A programação de atividades do equipamento vai de encontro às afinidades deste público? De que forma?

R.: Não disponho desta informação... estou mais ligada ao serviço socioeducativo e neste existe um questionário que pedimos geralmente aos professores que nos visitam com os seus alunos para perceber o grau de satisfação dos participantes e assim vamos constantemente adequando os atividades.

17. Existe algum estudo de públicos?

R.: Não. Mas conhecemos o universo.

18. Existe o hábito de realizar questionários de satisfação aos espectadores dos vossos eventos? De que forma?

R.: Apenas nas atividades do serviço socioeducativo.

19. Porque é que existe uma programação de atividades neste equipamento?

R.: para dinamizar o nosso espaço, para conseguir mais públicos e utilizadores.

20. Qual é o público efetivo que frequenta o vosso equipamento?

R.: O nosso público vai-se renovando. É engraçado perceber que muitos dos que vêm pra cá estudar são estudantes que no pré-infantil e primeiro ciclo participaram nas nossas atividades. Contudo, não há um público fixo. Dependendo das atividades temos públicos diferentes, mas mesmo assim são diferenciados à exceção do público infantil que sabemos que teremos sempre público. Contudo para os outros eventos o público é muito variado de maneira a que não conseguimos saber ao certo o que esperar... é muito difícil.

21. Existe um público “sensibilizado” que participe em todas as atividades programadas ou apenas para determinadas áreas? Como chegaram a essa conclusão?(Porque razão não dispõem desta informação?)

R.: Em todas não há. Apenas nas atividades de promoção da leitura é que existe um público fidelizado porque temos umas 10 a 20 pessoas que “brigam” para participarem em formações, conferências etc..

22. Quais são as vossas linhas de programação? Porquê?

R.: enquanto que na área infantil temos pessoas especializadas, nas outras áreas os nossos técnicos especializados têm pouca sensibilidade para com este pormenor. Esta é uma razão, a outra tem que ver com as orientações da direção da biblioteca. Comparando com a direção anterior tínhamos que fazer 3 exposições por ano com o objectivo de mostrar o fundo. Com este diretor nos apenas fizemos uma...

23. Porque não programar de outra forma tendo em conta outros aspectos?

R.: pois... como já disse depende das indicações do nosso diretor e das limitações do nosso pessoal.

24. Quais são os principais critérios e preocupações que têm em conta quando programam?

R.: ... o orçamento.

25. No que diz respeito aos públicos, existe alguma estratégia para dinamizar, renovar ou fidelizar um público específico ou geral?

R.: Não. Especificamente não. A atual direção está muito orientada para a dinâmica da biblioteca memória...

26. Qual é o público que gostava que frequentasse o seu equipamento de uma forma mais expressiva?

R.: Gostava de ver mais jovens leitores, que levassem livros.

27. O público que conhece a Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada através das suas atividades depois torna-se utilizador assíduo dos diferentes serviços oferecidos? Porquê?

R.: não sabemos porque não fazemos este registo, contudo, calculo que uma pequena percentagem se torne utilizador dos nossos espaços.

28.Os utilizadores deste equipamento são também o público das atividades agendadas? É esse o objectivo destas atividades?

R.: O objectivo é que os utilizadores sejam também público, mas sem esquecer outros públicos comuns. Na realidade nem sempre conseguimos.

29.No futuro, há algum objectivo em aumentar o n.º de utilizadores ou de públicos?

R.: Não posso responder porque não depende de mim depende da nova direção.

30.Existe alguma parceria com outra entidade/instituição social ou empresa na programação das atividades da biblioteca?

R.: Não, neste momento não.

31.Quais são as limitações de programação que tem de ter sempre em conta? Porquê?

R.: limitações orçamentais e limitações de espaço e pessoal. Porque muitas vezes queremos fazer mas não podemos, por exemplo, gostava de ter clubes de leitura para jovens e não temos por limitações de pessoal. Podíamos ir buscar este pessoal fora mas não dispomos de verba...

Mecanismos de Divulgação

32.A nível institucional qual é, na sua opinião, a imagem que a Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada tem fora das suas instalações?

R.: na minha opinião... acho que tem uma boa imagem, de credibilidade, de um espaço de encontro dos jovens e espaço de investigação para os mais velhos.

33.Qual é a divulgação que este equipamento dispõe para aumentar o n.º de utilizadores?

R.: além da página na internet, temos um serviço de newsletters que chega a mais de 6000 mil utilizadores que para a nossa realidade é bastante. Não temos nenhuma rede social ainda. Já tivemos a agenda-papel, agenda-cartaz. Esporadicamente temos alguma divulgação nos meios de comunicação social.

34. Quais são os meios de divulgação utilizados na promoção dos vossos eventos?

R.: *Newsletters*, alguns cartazes em papel, contactos com a comunicação social, mas centrados na Direção regional da Cultura.

35. Considera-os suficientes? Porquê?

R.: Não, eu acho que devíamos de ter mais autonomia para comunicar os meios de comunicação social, no fundo é um questão de orientação da Direção Regional dos Assuntos Culturais.

36. Há algum objectivo de acrescentar mais algum meio de divulgação?

R.: há, gostava imenso que estivéssemos nas redes sociais.

37. Em média qual é o orçamento disponível para divulgar um evento?

R.: Muito pouco, desde zero (só pela internet) até €100, €300 ... o nosso orçamento é da responsabilidade da DRAC. Em 2008 o orçamento para atividades era de 80 mil euros, e neste orçamento insere-se as atividades do serviço educativo, exposições, lançamentos de livros. No fundo tudo o que tem a ver com a imagem da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada e oferta de produtos culturais. Nesta altura havia muito público. Este orçamento tem reduzido bastante... atualmente dispomos de metade, e a nível de públicos também tem sido metade...

38. Há distinção na divulgação de eventos? Porquê?

R.: Às vezes. Mas quando há é sempre por parte da Direção Regional porque não temos muito manobra nesta área como já lhe disse.

39. Quais os mecanismos de divulgação que têm um efeito mais imediato para com o vosso público-alvo? Porquê?

R.: Depende do público-alvo... se for uma conferência eu sei que as *newsletters* chegam, porque as pessoas que veem às conferências gerem o seu email e não têm muito tempo disponível para ver cartazes. Se for um público infantil aí o contacto tem de ser mais direto com os pais, nos adotamos o envio de um recado para os pais, que mandamos para as escolas e que colocam na mochila e depois os miúdos vêm.

40. Têm acordos de divulgação? Quantos? Com quem?

R.: Não.

41. Quantas pessoas visitam o vosso site diariamente?

R.: não sabemos...

42. Quantos utilizadores estão inscritos para receber a vossa newsletter?

R.: 6000, mais ou menos.

Investimento/ receita

43. Qual é o orçamento da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada para o ano de 2010?

R.: Para atividades 40 mil.

44. Qual é a origem do capital? Existem indicações acerca da forma como investir o capital monetário?

R.: Da Direção Regional da Cultura. O montante é-nos atribuído de acordo com o agendamento de atividades com as quais concorreremos. Contudo temos reuniões prévias onde sabemos mais ou menos qual será o orçamento que nos será destinado e depois mandamos o nosso plano de atividades tendo aqueles dados em conta. As indicações existem na medida em que o orçamento é nos atribuído de forma discriminada, havendo uma verba para determinados pontos/objetivos e só pode ser gasta naquilo. Não há mecenato.

45. O Governo Regional é responsável por qual percentagem do orçamento da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada?

R.: 100%

46. Existe mecenato ou patrocínio? Como é que são conseguidos? Porquê?

R.: Não.

47. Qual é a percentagem do orçamento que advém do mecenato?

R.: Nenhuma.

48. Considera que esta forma de financiamento é a mais adequada?

R.: é a única possível. Podíamos ter mecenato, parcerias com empresas , mas também isto é mais comum nos museus que têm mais visibilidade que uma biblioteca.

49. Acha que esta política orçamental do equipamento permitirá que este sobreviva durante muitos mais anos? Que mudanças acha que devem surgir e de que forma?

R.: Como somos um serviço público, eu acho que é única política possível. Não vejo que se possa fazer a nível do orçamento...

50. Os apoios que recebem são apenas monetários?

R.: Não recebem apoios.

51. O Governo Regional é patrono, patrocinador ou patrão?

R.: É patrão. [eu entendo patrono como aquele que protege, patrocinador aquele que apoia mas quer visibilidade, Patrão o que dá ordens e não quer saber de mais nada; Todo financiam...] ...é um bocadinho dos 3. Às vezes temos ordens que temos de cumprir.

52. Quais são as metas para 2011 ao nível do investimento? Mais materiais, outros eventos, mais fundos disponíveis?

R.: renovação do parque informático, mais tratamento técnico documental realizado para disponibilizar-mos nas bases de dados.

53. Desde o seu primeiro dia no desempenho destas funções até hoje como tem sido o orçamento da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada? Aumentou, diminuiu? Porquê?

R.: Diminuiu, por causa da crise.

Serviço Educativo

54. Qual é o Objectivo do serviço educativo da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada?

R.: O objectivo é promover a leitura. Na época de ouro do serviço educativo tivemos parcerias com a 3ª idade, com a AIPA¹, UMAR².

55. Qual é o Público-alvo deste serviço? Porquê? Porque não outro?

R.: Escolar até ao terceiro ciclo. Porque o objectivo é formar utilizadores, públicos.

56. Quem é o responsável pelo serviço? Porquê?

R.: Acho que sou eu.

¹ Associação dos Imigrantes dos Açores.

² União de Mulheres Alternativa e Resposta.

57. Há contactos com as escolas? Quando? Porquê?

R.: Sim, Sempre. Há uma relação muito próxima com as escolas em especial as de Ponta Delgada

58. De um modo geral a iniciativa do contacto surge da vossa instituição ou das escolas?

R.: Inicialmente era da nossa parte, habituamo-los a ter uma programação mensal e ai choviam reservas; no inicio do ano letivo mandava-mos esta programação. Agora que não temos o cartaz já não fazemos este contacto mas como as escolas já sabem que temos sempre atividades elas procuram-nos.

59. Há cuidado em seguir o programa escolar? De que forma?

R.: Sim, não só adequando as atividades às diversas faixas etárias e também porque as pessoas que fazem este trabalho, uma já foi professora e a outra educadora. Mantemos também um contacto forte com os professores, aliás temos um programa “Papa Léguas” que recebemos sempre informação da escola que está envolvida neste projeto de 4 anos e recebemos a informação dos livros que eles querem e nós enviamos numa malinha. Esses alunos terão consigo os livros da biblioteca acerca de um determinado tema, inclusive as professoras não usam manuais, apenas os livro da Biblioteca e há ainda hipótese de os alunos levarem os livros para casa.

60. Quais são as escolas que contactam? Porquê?

R.: As de Ponta Delgada, e do concelho, tudo um público infanto-juvenil

61. Durante o ano escolar quantas vezes contactam as escolas?

R.: Obrigatoriamente no início do ano escolar e depois sempre que necessário.

62. Considera o serviço educativo oferecido pelo seu equipamento adequado à realidade do quotidiano açoriano? Porquê?

R.: Podia ser melhor, se tivéssemos mais meios, mais funcionários.

63. Qual é a sua opinião acerca dos serviços de extensão cultural?

R.: acho que é muito importante haver um serviço de extensão cultural para todos e dentro deste serviço haver um serviço educativo.

64. Considera que um serviço de extensão cultural na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada poderia aumentar o n.º de utilizadores e/ou público? Ou a sua própria renovação?

R.: Sim, poderia aumentar significativamente, poderia contribuir para uma maior motivação do pessoal porque quem trabalha gosta de ver o seu trabalho reconhecido...

65. Considera possível renovar os públicos da cultura através do serviço educativo? De que forma?

R.: sim como disse à pouco, se não trabalharmos com as crianças, sempre, vamos perder as gerações utilizadores da biblioteca.

66. Existem competição entre os equipamentos culturais em Ponta Delgada? Acha que é benéfico para a cultura?

R.: Já houve. No início houve um bocadinho, porque realmente acho que o primeiro serviço educativo com programação foi o da biblioteca nova em 2001. Já havia no antigo edifício e o Museu Carlos Machado também o tinha, contudo, em 2001 nós começamos com um serviço educativo organizado com programação. Com o novo serviço educativo do Museu, nós biblioteca preocupamo-nos em separar águas, e centramo-nos no livro.

67. Será possível, na sua opinião haver um serviço educativo comum a mais do que um equipamento cultural em Ponta Delgada, ou S. Miguel ou mesmo Açores? Porquê?

R.: Eu acho que isso não é muito viável. Do ponto de vista teórico poderia ser mais fácil, não haveria atividades repetidas, se calhar uma equipa única estaria mais preparada para estudar públicos, mas na prática acho que não funcionava, porque cada serviço tem a sua especialidade, a não ser que houvesse uma equipa multidisciplinar numa estrutura muito bem montada...

68. Aceitaria de bom grado que o equipamento que representa fizesse parte de um projeto comum na área do serviço educativo com o Museu Carlos Machado e o Teatro Micaelense? Que benefícios acha que haveriam? Porquê?

R.: Sim, acho que na sequência da resposta anterior, se houver uma estrutura muito bem montada com pessoas representativas de cada equipamento, não *"jobs for the boys"* podíamos estar a desenvolver um serviço nas artes plásticas, na leitura, na arte e dança que se complementavam.

Entrevista 2

Equipamento: Museu Carlos Machado

Entrevistado(a): Dr. Duarte Melo

Cargo: Diretor

12. Gostaria que fizesse uma breve apresentação sua enfatizado o seu percurso até chegar ao Museu Carlos Machado.

R.: O meu nome é Duarte Melo, sou natural da ilha de S. Miguel mais propriamente do conselho de Nordeste, depois de estudos que fiz na área da Filosofia da Teologia, também estudei as questões do Património e Museologia, e em Roma fiz mestrado ligado à Bioética, porque também já fui capelão do hospital. O meu percurso centralizou-se inicialmente nas áreas de exclusões sociais, depois saúde, e agora na vertente da cultura porque acredito profundamente que, pela cultura podemos fazer inclusão e construir cidadania, e, é com base nisso, que me propus a trabalhar para o Museu. No entanto, ao longo deste meu percurso aqui no MCM que já vai em dois mandatos, termino para Dezembro, julgo que ficarei por aqui, temos tido grandes desafios no âmbito da estruturação do próprio Museu, estruturação moderna e do próprio espaço, nomeadamente na estruturação das próprias coleções, na divulgação e na fidelização de públicos. Tem sido este o nosso trabalho.

13. Qual é a sua função neste equipamento? O seu trabalho traduz-se em quê?

R.: Diretor. O MCM é uma instituição mais que centenária, tem já algumas idades juntas, e como instituição é um lugar de vida, de memória de identidade de história de afetos e é com tudo isso, com esses ingredientes todos que podemos trabalhar as inclusões e a cidadania. O meu trabalho propriamente, aqui no Museu, tem haver com a gestão, gestão de uma equipa, não uma grande equipa, precisávamos de mais gente a trabalhar no Museu, no entanto, são o que são e estes são pessoas empenhadas. vamos admitir agora mais duas pessoas, um ligado à história vertente arqueologia e outra ligado à história da arte, e o que eu procurei fazer juntamente com a equipa, porque este trabalho de equipa tem de ser muito da base, muito democrático, procuramos fazer uma gestão coesa fluida

na informação e muito participativa. Portanto estes três vectores são fundamentais para a gestão do Museu, o que implica as pessoas na coresponsabilidade. Claro que há um plano de atividades que é delineado anualmente com os objectivos propostos e com as competências, aliás é assim que as pessoas são avaliadas, com as ferramentas de gestão assim como o relatório de atividades que nós temos de elaborar. Mas isto é sempre um trabalho muito coletivo. A perspectiva da minha gestão é muito essa, trabalho de equipa. Por outro lado, reestruturei um organograma para o Museu em termos da sua organização com funções, portanto há os responsáveis de coleção o Museu estrutura-se em várias coleções: História Natural, Etnografia, Arte, Brinquedo e Traje. O Museu foi-se construindo ao longo do tempo de acordo com o perfil dos seus diretores. Mas falava reestruturação de acordo com as funções: responsáveis de coleção, coordenadores na área da conservação preventiva, e todos estão envolvidos na conservação preventiva da instituição porque é feita por todos, na área do serviço educativo e divulgação que passa por exposições e tudo o que daí advém, comissários científicos, das museografias, dos catálogos iluminação, dos suportes museográficos. Isto funciona assim, tudo desta maneira. E Também criamos uma responsabilidade na área administrativa. Independentemente disto, há aquele trabalho normal que se faz num Museu, diariamente, na área do inventário, na monitorização das coleções, as solicitações que vão chegando, independentemente do plano de atividades, pareceres que são pedidos ao Museu, no fundo trata-se de um trabalho muito complexo e que envolve diversos saberes de áreas distintas. Aqui no Museu, meu caso sou das áreas de Filosofia e Teologias mas temos membros das áreas de História, Sociologia, Antropologia, Biologia, temos vários saberes aqui no Museu.

14. Há quanto tempo exerce essa função?

R.: Este é o segundo mandato que termina em Dezembro. Cada mandato tem a duração de 3 anos. Porque os tempos e as idades que vamos juntando por vezes podem-nos tornar inoperantes, acomodados, pouco criativos. Por um lado sinto algum desejo de terminar o nosso trabalho; Estamos a trabalhar no programa científico para a nova exposição de longa duração e que vai remeter para a questão das identidades e homenagear o povo destas ilhas de mar largo, e nós estamos a trabalhar nisto para a nova exposição que vai ser inaugurada no

núcleo de Santo André. Portanto o Museu tem 3 núcleos, Santo. André, Santa Bárbara e a Igreja dos Jesuítas, todos os núcleos tiveram funções eclesiásticas, ligadas à igreja, mas neste momento não estão, contudo mantêm este registo de memória e no Núcleo de Santa. Bárbara, temos os gabinetes técnicos, os serviços administrativos, o centro de documentação e vamos agora começar a instalar as reservas. Portanto, todas as reservas do Museu passarão para o N.S.B. porque as reservas têm de ser adaptadas às especificidades das coleções às tipologias e que ofereçam condições de durabilidade para os bens musealizados e para o próprio acervo, portanto há requisitos para isso. E é nisso que estamos neste momento a tratar. Na Igreja do Colégio dos Jesuítas, está o Núcleo de arte sacra, uma coleção completamente integrada no contexto, com muito boas obras. Também realizamos lá concertos, exposições de carácter temporário e já fizemos teatro. Há um conjunto de atividades que o Museu realiza sempre nesta perspectiva pela cultura que podemos incluir, a cultura põe as pessoas a refletir, é um bem fundamental para vivermos e consciencializa-nos de quem somos.

15. Como se encontra organizado o funcionamento deste equipamento?

Porquê? Quais as vantagens?

R.: O Núcleo de Santa Bárbara é o local onde se encontram os serviços técnicos e administrativos; e vão haver reservas. O Santo André terá a exposição de longa duração e as exposições temporárias.

Para além desta questão, no Museu temos uma outra valência que foi inovadora no país que é o “Museu Móvel”, que é uma carrinha adaptada que vai às freguesias às comunidades e trabalhamos públicos diferentes. Mas neste momento estamos a trabalhar muito escolas e idosos, e fazem também a recolha de património imaterial (vídeos da matança de porco etc.).

16. Cada núcleo tem o seu diretor/responsável?

R.: A nível da organização equipamento existe um único diretor, não há responsáveis por espaços, há responsáveis de coleção,

17. Para quando o funcionamento total de todo o Museu, com a exposição de todas as coleções ainda que por razões técnicas possa apenas ser parcialmente?

R.: Julgo que daqui a 3 /4 anos o Núcleo de Santo. André abrirá portas e terá a já referida exposição permanente que prende conjugar várias pelas de várias coleções do Museu numa única linguagem que valorize a identidade açoriana.

18.Quantos funcionários atualmente trabalham no museu? Divididos em quantas áreas?

R.: À volta de 28.

19.Qual a sua formação?

R.: Cada qual integrado na sua área de formação. Existem desde técnicos superiores, técnicos de museografia, a auxiliares.

20.Acha que o número de funcionários é o suficiente? Porquê?

R.: O número de funcionários não é suficiente, vamos agora admitir mais dois técnicos superiores, mas depois precisamos de mais pessoal para as vigilâncias para a museografia, para o jardim, claro que o Museu poderá comprar serviços, e é o que acontece nos Museus.

21.Costumam a contratar mais alguns em determinados períodos? Porquê?

R.: Uma empresa de segurança para a vigilância.

22.De que forma a missão do Museu é cumprida?

R.: Toda a nossa programação é realizada tendo em conta esse aspecto e como tal, é através desta que cumprimos a nossa missão.

23.Qual é o horário de funcionamento do Museu? Porquê?

R.: Terça a Sexta entre as 10h00 e as 12h30 e as 14h00 e as 17h30 Sábados e Domingos das 14h00 às 17h30 encerra Segundas e Feriados; Porque é o horário que se adapta ao número de funcionários que temos. Tentamos abrir o Museu na hora de almoço, chegamos a fazer conversas de almoço, mas depois tornou-se difícil manter a iniciativa porque não é fácil gerir 3 espaços com um n.º reduzido de recursos humanos.

Programação e Público Alvo

69.Qual é o público-alvo do Museu Carlos Machado? Porquê?

R.: O público-alvo do Museu é bastante heterogéneo. Há aquele público de superfície que normalmente vem ao Museu uma vez na vida e depois nunca mais

vem, são os turistas, e o Museu também procura dar resposta a este público através dos seus catálogos, fazemos sempre uma parte em inglês; temos os públicos que só vão às inaugurações e não aparecem mais; e temos públicos mais permanentes que são as escolas e estes são trabalhados pelo serviço educativo. Inclusivamente temos em cada escola o responsável do Museu, o professor responsável que faz sempre a ponte, no fundo é o embaixador do Museu, reunimos com eles no início de cada ano, apresentamos a nossa planificação, o nosso programa e esses professores depois fazem a divulgação na própria escola e todo o contacto com o nosso serviço educativo. Por tanto são os públicos que normalmente temos.

70. De que forma conseguem chegar a este público?

R.: Através dos nossos programas do serviço educativo, Museu móvel, professor embaixador do Museu, peça do mês...

71. A programação do equipamento vai de encontro às afinidades/espectativas deste público? De que forma?

R.: Em primeiro lugar o Museu tem a sua missão e a sua visão. E é de acordo com elas que se faz a planificação. Agora há muitas dificuldades orçamentais nós sentimos aqui grande aperto e a cultura normalmente é sempre a primeira a sofrer. O que nos tem salvo de certa forma são as parcerias locais e o trabalho em rede que vamos efetuando. Trabalhamos em rede e parceria com serviços públicos, porque se não com o orçamento que temos não iríamos longe.

72. Existe algum estudo de públicos?

R.: Conseguimos ter uma ideia daqueles que nos visitam através do site, mas propriamente estudo de público não temos. O que temos é um formulário entregue a quem nos visita, em especial as escolas, temos uma ficha em que ficamos a perceber mais ou menos a satisfação dos visitantes. É isto que nos dá um determinado conhecimento, porque estudo de público não temos.

73. Existe o habito de realizar questionários de satisfação aos visitantes das vossas instalações? De que forma?

R.: Sim.

74. Qual é o público efetivo que frequenta o vosso equipamento?

R.: Seriam as escolas mas não só, existem pessoas interessadas em especial os que vêm sempre às inaugurações, porque nas inaugurações temos uma média de 100 e tal 200 pessoas por inauguração. E depois há aquele trabalho que se vai fazendo a partir da exposição, são as escolas há um público mais ou menos estável. Com o Museu móvel têm aparecido novos públicos, pessoas que vêm à cidade e têm curiosidade de ir ao Museu, porque foram sensibilizadas para determinada peça. Temos notado muito este fluxo, porque a função do Museu Móvel é mesmo essa aproximar o Museu das comunidades.

75. Existe um público “educado” para toda a programação ou apenas para determinadas áreas? Como chegaram a essa conclusão? Porque razão não dispõem desta informação?

R.: São públicos reduzidos; Normalmente as pessoas que vão às exposições do Museu são as mesmas que vão aos concertos, às galerias de arte. No fundo é um sector da sociedade que está formatada para frequentar estes eventos, mas depois contraiamos a tendência, com a aposta nas escolas com o trabalho do Museu móvel nas freguesias. Uma das coisas que temos feito é a recolha do património imaterial, e essa recolha depois permite esta conversa interativa do Museu com as pessoas e com o contar histórias, com saberes. E há desejo de as pessoas depois virem ao Museu. São públicos que não eram habituais de vir ao Museu mas que o Museu móvel conquistou.

76. Quais são as vossas linhas de programação? Porquê?

R.: Vão de encontro à missão e à visão;

77. Porque não programar de outra forma tendo em conta outros aspectos?

R.: Para garantir o cumprimento da missão e visão.

78. Quais são os principais critérios e preocupações que têm em conta quando programam?

R.: Visão e missão; vão ao encontro das coleções, procuramos ir ao encontro do público porque a cidade de Ponta Delgada já dispõe de muita oferta e a nossa preocupação também é de diversificar esta oferta e também contrariar esta cultura massificada e de pimbalhada que anestesia os neurónios da racionalidade, é uma cultura de ruído poluidora, e o Museu tem de facto

procurado contrariar um pouco este tipo de cultura com os seus eventos e atividades.

79.No que diz respeito aos públicos, existe alguma estratégia para dinamizar, renovar ou fidelizar um público específico ou geral?

R.: O Representante do Museu na escola e o Museu Móvel. Há um objectivo de talvez daqui a 10 anos conseguirmos ter resultados muito maiores do que atualmente temos ao nível do público. Existem depois também outras atividades como as “Férias no Museu”. Também temos ido à prisão trabalhamos com emigrantes, o nosso objectivo é este aumentar o n.º de públicos.

80. Qual é o público que gostava que de frequentasse o seu equipamento de uma forma mais expressiva?

R.: Gosta que viesse mais gente das nossas freguesias rurais e mesmo aqui da cidade. Era um indicador civilizacional e ao mesmo tempo um patamar de qualidade elevado.

81.No futuro, há algum objectivo nesta área/novas estratégias? De que forma?

R.: Nós temos feito exposições fora do Museu onde levamos algumas peças de acordo com os procedimentos normais destas atividades. Vamos diversificando as estratégias mas há muito caminho ainda para andar.

82.Quais os critérios que tem em conta para o agendamento das exposições temporárias?

R.: São os que já referi. Primeiramente há que ver também o dinheiro que é fundamental. Nos chegamos a fazer a planificação, mandar pra DRC e eles respondia dizendo que só financiavam uma determinada percentagem, e lá nós tínhamos que alterar tudo e muitas vezes já tínhamos acordos e isto era dramático nos últimos anos, atualmente isto já não acontece mas o apoio é muito reduzido. Neste momento nos queremos divulgar e estudar mais as nossas coleções e dá-las a conhecer, dai que agora iremos ter uma nova exposição temporária a partir do traje, anos 60, trata-se de uma coleção que o Museu tem. Esta coleção está ligada a uma figura, a uma personalidade muito excêntrica mas que trouxe a moda para a ilha, que era a Gracinha Jácome Correia, que ia de propósito a Paris comprar roupa, e assim espatifou a fortuna, mas que acabou

depois por influenciar a forma de estar de um certo grupo de pessoas daqui que a “copiavam”.

83. Quais os objectivos destas exposições?

R.: Fidelização dos públicos; dar a conhecer os nossos espólios, fazer a ligação com a arte porque nós não queremos que isto fique cá, ainda à pouco tempo tivemos uma colaboração, “Ana Vieira” que foi uma exposição que foi feita em parceria com a Gulbenkian que foi feita cá, inaugurada cá e que agora está na Gulbenkian e depois vai para Barcelona, e o Museu tem um catálogo em comum. E esta é também a preocupação que temos, embora vivendo numa ilha, bastante periféricos, ou ultraperiféricos como nos chamam, queremos dizer que nestas periferias acontecem centralidades.

84. Qual é a exposição permanente que decorre atualmente?

R.: Apenas a de arte sacra porque as outras serão no Núcleo de Sto. André e para além de o núcleo ainda se encontrar encerrado nos estamos a trabalhar ainda no guião científico.

85. Qual foi a exposição temporária e a permanente que mais visitantes teve? Porquê?

R.: “Café Portugal”, foi uma exposição que foi à Eslovénia com o presidente da República (exposição temporária), a única de longa duração é a de Arte Sacra.

86. Quais são as limitações de programação que tem de ter sempre em conta? Porquê?

R.: Orçamental, porque não nos falta espólio para expor...

87. Os projetos, “Museu móvel”, “Museu em sua casa”, “Peça do Mês”, foram criados com que objectivo?

R.: Dar a conhecer o Museu, divulgar os nossos espólios, aproximar públicos...

88. Têm sido projetos vantajosos?

R.: Sim, sim, por exemplo o Museu em sua casa foi um projeto muito interessante porque as pessoas iam colecionando as fichas ao longo do ano...

89. Qual o grau de satisfação dos públicos que participam nestes projetos?

R.: O retorno que temos é sempre através de fichas de satisfação na participação em atividades, ou o livro de honra, com os comentários que normalmente são

favoráveis. Nas escolas também são favoráveis, mas estamos a falar de um universo ainda reduzido.

90. Existe algum programa de fidelização ao museu? Qual?

R.: Não, não. Temos os amigos do Museu, que têm facilidades nos catálogos, entradas, e qualquer pessoa pode ser “amigo” do Museu. Apesar de ser um grupo externo ao Museu, foi o Museu que os abraçou e que propôs que se criasse este grupo.

Mecanismos de Divulgação

91. Quais são os meios de divulgação utilizados na promoção dos vossos eventos?

R.: Spots televisivos, *outdoors*, cartazes, *newsletters*...

92. Considera-os suficientes? Porquê?

R.: ... Agora já se falam em outros meios de divulgação mas nós ainda não estamos “nessa”... temos o site, temos a peça do mês que vamos atualizando no site...

93. Há algum objectivo de acrescentar mais algum meio de divulgação?

R.: Não... neste momento não...

94. Em média qual é o orçamento disponível para divulgar um evento?

R.: 10 mil euros... a exposição é divulgação... mas agora só em termos de *outdoors*, cartazes, de spot televisivo... Cada exposição tem a sua rubrica. A rubrica para o comissário científico, para seguros, para divulgação que passa por spot televisivo, convites, cartazes, *outdoors*, e o catálogo. O Valor depende muito da exposição... mas para catálogos geralmente é à volta de 5000 euros... mas é fundamental.

95. Há distinção na divulgação de eventos? Porquê?

R.: há de acordo com o a nossa aposta na projeção do Museu para fora das suas instalações.

96. Quais os mecanismos de divulgação que têm um efeito mais imediato para com o vosso público-alvo? Porquê?

R.: eu acho que são os *email*... porque mesmo o spot televisivo, não sei se as pessoas ligam muito; e são os *outdoors* que as pessoas olham; mas os emails são aqueles que vão diretos.

97. Têm acordos de divulgação? Quantos? Com quem?

R.: Televisão, mas é gratuito. O Jornal Açoriano oriental, realizou um acordo connosco a quando do programa “Museu em sua casa”.

98. Quantas pessoas visitam o vosso site diariamente?

R.: agora não sei assim, mas essa informação é possível de ter. Temos acesso a ela.

99. Quantos utilizadores estão inscritos para receber a vossa newsletter?

R.: À volta de 1100 assinantes. Também costumamos imprimir 600 convites.

100. Qual é a imagem do museu na “praça pública”?

R.: Eu acho que o Museu ainda está muito arredado... tem a imagem de um local onde se guarda as coisas velas... esta é a ideia geral das pessoas porque vão ao Museu e dizem que viram as coisas velhas... os Museus estão muito muito periféricos das pessoas dos seus públicos...

101. Existe algum departamento/gabinete responsável pela divulgação? Quem é o responsável? Porquê?

R.: Tem sido o serviço educativo mas vamos agora admitir mais uma pessoa que vai ficar encarregue deste serviço.

Investimento/ receita

102. Qual é o orçamento para atividades do Museu Carlos Machado para o ano de 2010?

R.: 50 mil euros... uma miséria...

103. Qual é a origem do capital? Existem indicações acerca da forma como investir o capital monetário?

R.: Da Direção Regional da Cultura... não é de acordo com o plano de atividades, temos depois de fazer relatórios etc. ... portanto o dinheiro é para o que apresentamos.

104. O Governo Regional é responsável por qual percentagem do orçamento?

R.: 100%, se bem que o orçamento das nossas atividades ultrapassa sempre os 50mil euros graças aos nossos acordos...

105. O Mecenato ou patrocínio surge naturalmente ou é o Museu que propõe?

R.: O Museu é que propõe e procura. A sociedade não está ainda vocacionada para procurar-nos...

106. Qual é a percentagem do orçamento que advém do mecenato? O restante?

R.: Não sei só fazendo contas, por exemplo a SATA dá-nos 12 passagens, oferece-nos a carga. As seguradoras dependendo das exposições às vezes oferecem o serviço, o BCA [atual Banif Açores] à pouco tempo financiou-nos a conservação de uma obra no valor de 15 000 euros. Isto tudo porque o Museu se mexeu... fui ter com essas pessoas, porque se estivesse parado não conseguia nada...

107. Considera que esta forma de financiamento é a mais adequada?

R.: Não... isso nem se pergunta...

108. Acha que esta política orçamental do equipamento permitirá que este sobreviva durante muitos mais anos? Que mudanças acha que devem surgir e de que forma?

R.: Não sei como... nós vamos respirando de uma forma agónica. Perante o cenário e perante a realidade vamos respirando.

109. Os apoios que recebem são apenas monetários?

R.: Na área do mecenato este traduz-se mais em serviços. . Por exemplo eu vou à Secretaria de Habitação e Obras Públicas quando preciso de mestres para as museografias, para as molduras, madeiras, eles também vem cá, percebe...

110. O Governo Regional é patrono, patrocinador ou patrão?

R.: É tudo... é tudo isso.

111. Da União Europeia vêm alguns apoios? Como? Quais? Para quê?

R.: Sim para a questão dos equipamentos, dos edifícios. a restauração e recuperação é cofinanciada pela União...

112. Em média quanto rende a qual é a percentagem do orçamento que advém das entradas dos visitantes?

R.: No verão é maior sem dúvida, as pessoas estão mais livres, há mais turismo. Em média apontamos € 630, mas este valor não reflete o n.º de entradas porque a maior parte dos nossos visitantes têm entrada gratuita.

113. Na sua opinião os ingressos deviam custar menos ou mais? Quais as implicações que deste processo surgiriam? (46:20)

R.: Olhe é assim... eu ainda no outro dia teve aí um barco de turismo [cruzeiro] e houve turistas que estiveram na entrada do Museu quando foi para pagar não compraram bilhete, €2, e isso acontece com muita frequência... no núcleo de arte sacra.

114. Quais são as metas para 2011 ao nível do investimento? Mais materiais, novos projetos, aumentar o n.º de exposições?

R.: São as exposições que já referi que vamos ter, e depois são as outras atividades que vamos fazendo mas sem custo.

115. Desde o seu primeiro dia no desempenho destas funções até hoje como tem sido o orçamento do Museu Carlos Machado? Aumentou, diminuiu? Porquê? E com um maior n.º de visitantes haveriam implicações no orçamento?

R.: Este ano o orçamento foi diminuindo, antes era estável mas também não era mais do que atualmente temos... era 60mil euros...

116. Existe algum programa de assinaturas/ visitante frequente? Porquê? Quantos inscritos?

R.: Não.

117. Quais são as vantagens e desvantagens de ter 3 polos?

R.: Pode criar sinergias muito interessantes ao nível da cidade e pode contribuir para contrariar esta cultura ruidosa.

118. Qual o balanço que faz do investimento realizado no Museu Carlos Machado nomeadamente, financeiro, de infraestruturas e humano nos últimos 10 anos?

R.: Ao nível de infraestruturas houve grandes melhorias, foi a criação no Núcleo de arte sacra. Todas aquelas obras na igreja do colégio, naquela igreja monumento; o Núcleo de Sta. Bárbara e agora será no Santo André. A nível de pessoal agora é que vamos ter gente nova e é porque saíram duas pessoas, foram para a reforma.

Serviço Educativo

119. Qual é o objetivo do serviço educativo do Museu Carlos Machado?

R.: Tem a ver com tudo o que já dissemos, aproximar as pessoas do Museu, descomplicar linguagens, torna-las acessíveis e facilitadoras, envolver as comunidades nesta sementeira do conhecimento, não é um serviço só para escolas, também trabalhamos com idosos.

120. Quais os critérios para o agendamento das propostas deste serviço? Porquê?

R.: Há sempre atividades. As escolas solicitam, fazem o agendamento com o serviço educativo, programam visitas, e também quando a carrinha sai também tem o seu objectivo e agenda.

121. Qual é o Público-alvo deste serviço? Porquê?

R.: Escolas, população das freguesias rurais...

122. Quem é o responsável pelo serviço? Porquê? Quem foi o responsável pela nomeação?

R.: É a Dra. Maria Manuel Albergaria, mas que neste momento não está cá por se encontrar doente; fui eu que a nomeei para o cargo.

123. Como está organizado o serviço educativo do Museu? Por polos? Ou um único serviço? Vantagens? Desvantagens? Como é gerido este serviço?

R.: É um serviço único mas que se adapta a todos os polos. As vantagens são o facto de as pessoas tem de ser sempre criativas, flexíveis e não se acomodam, a desvantagem é que sentimos que por vezes somos poucos para as solicitações que temos. Gostaríamos de sair mais com o Museu móvel e não saímos porque não temos mais pessoas para este serviço...

124. Qual é o balanço que faz do projeto “professor representante do Museu” nas escolas que o acolheram? Porquê?

R.: Muito bom. Há um contacto maior com as escolas, aumentamos as nossas visitas....

125. Há cuidado em seguir o programa escolar? De que forma?

R.: Quem faz isso são os professores responsáveis nas escolas. No início do ano nós reunimo-nos com esses professores embaixadores do Museu.

126. Durante o ano escolar quantas vezes contactam as escolas?

R.: Costumamos contactar no início do ano e no final. Temos o nosso professor responsável, não é, e inclusive o ano passado fizemos uma formação cá com este professor.

127. Em 2008 a APOM distinguiu o Museu Carlos Machado com o prémio Melhor serviço de extensão cultural. Quer comentar?

R.: É isso foi por isso tudo que fizemos e que já lhe disse...

128. Desde 2008 até aos dias de hoje existe alguma alteração ou inovação neste campo? Qual? Porquê?

R.: Existe... por exemplo, nos já fizemos um filme sobre os moinhos, que já ganhou um prémio. Fizemos um filme sobre os Romeiros, fizemos um filme que está a ser terminado sobre a matança do porco, do início ao fim, isto tudo foi o Museu Móvel que proporcionou, e agora vamos fazer outro relacionado com o pão. E isto tem a ver com todos esses saberes ancestrais que se mantêm mas que utilizam outro tipo de utensílios. Os materiais são diferentes mas os saberes são os mesmo, é interessantíssimo.

129. Considera o serviço educativo oferecido pelo seu equipamento adequado à realidade do quotidiano açoriano? Porquê?

R.: Parece-me que vamos adequando não é... não está adequado, vai-se adequando....

130. Considera que o serviço de extensão cultural do seu equipamento contribuiu para dinamizar o n.º de visitantes do museu? Em que medida?

R.: Sim, porque temos aumentado público da ruralidade neste sentido.

131. Considera possível renovar os públicos da cultura através do serviço educativo? De que forma?

R.: Primeiramente tendo as estratégias adequadas às próprias realidades e circunstâncias. E é isso que tem sido o serviço educativo, estar atento aos públicos e aos contextos. O que vai dando aqui uma mais valia neste sentido

132. Acha que existem competição entre os equipamentos culturais em Ponta Delgada? Acha que é ou seria benéfico para a cultura em S. Miguel e nos Açores?

R.: Sim, mas o Museu procura é contrariar e não competir. Há muitas coisas aqui à volta, há o Teatro Micaelense, há o Coliseu, há as Portas do Mar, há uma galeria de arte aqui ao pé, há aqui um conjunto de equipamentos culturais e o museu situa-se neste território e o produto que apresenta é um produto diferente e específico. Mas há muitos Museus com nome de Museus mas que não são, são lugares que albergam coleções, mas faltam-lhes depois as outras coisas mas chamam Museus a tudo...

133. Será possível, na sua opinião haver um serviço educativo comum a mais do que um equipamento cultural e Ponta Delgada, ou S. Miguel ou mesmo Açores? Porquê?

R.: Sim, eu acho que sim, isto é uma cidade pequenina com muita gente a querer oferecer tudo e depois as pessoas não valorizam. Porque não fazer uma agenda cultural para a cidade. Chegamos a tentar fazer isso mas a reunião que houve foi inconsequente.

134. Aceitaria de bom grado que o equipamento que representa fizesse parte de um projeto comum na área do serviço educativo com o Teatro Micaelense e a Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada? Que benefícios acha que haveriam? Porquê?

R.: Sim, perfeitamente, porque os Museus sempre estiveram ligados às bibliotecas, é a questão do objecto e da palavra não é, depois há aqui o teatro. Estes três polos podiam perfeitamente mas isto são políticas...

Entrevista 3

Equipamento: Teatro Micaelense

Entrevistado(a): Dra. Ana Maria Decq Mota Teixeira da Silva

Cargo: Presidente do Conselho de Administração | Direção artística e programação

24. Gostaria que fizesse uma breve apresentação sua enfatizando o seu percurso até chegar ao Teatro Micaelense.

R.: Nasci há 60 anos, em Ponta Delgada, na freguesia de São Pedro, mesmo à beirinha da velha e saudosa Calheta de Pêro de Teve onde, há bastante mais anos, nasceu a minha cidade. Naquele tempo, Ponta Delgada era uma pacata cidade de província, onde os automóveis se contavam pelos dedos e quase toda a gente andava a pé. Toda a gente conhecia toda a gente, ou pelo menos estava convencida disso. Todas as casas da baixa eram habitadas. Tinham rostos que vinham à janela, a quem dizíamos adeus e com quem trocávamos algumas palavras. Essa sensação de vizinhança era muito boa! Perdeu-se completamente... Fiz todo o meu percurso escolar em Ponta Delgada, primeiro no Colégio de São Francisco Xavier e depois no Liceu Antero de Quental, findo o qual rumei até à Faculdade de Letras de Lisboa, onde me licenciiei em Filologia Germânica. Durante o meu percurso em Ponta Delgada, estive sempre envolvida com o teatro e a declamação. No Liceu nós ensaiávamos na biblioteca e depois, imagine, apresentava-mos o trabalho aqui no Teatro Micaelense. Comecei a trabalhar cedo, como professora, aos 21 anos, depois de concluído o bacharelato. Lecionei em várias escolas da Grande Lisboa, onde vivi durante 20 anos. Cansei-me e em 1983 regressei definitivamente à minha terra, ingressando no quadro da escola Canto da Maia. Exerci todos os cargos e funções possíveis dentro da unidade orgânica que é uma escola, nomeadamente ao nível da sua gestão, tendo presidido a vários Conselhos Executivos. Fui professora/formadora por vocação e paixão. Sempre. Ensinei português e, sobretudo, inglês e fiz muitas centenas de Amigos nos meus queridos alunos. Bem hajam! ... As minhas ligações à cultura começaram muito cedo, particularmente pela mão do meu pai e da minha avó paterna, que despertaram

em mim, desde muito pequenina, o gosto pela poesia, pelo teatro, pela leitura em geral. Depois tive outros mestres. Professores que recordo com muita saudade (Dr. Armando de Medeiros, Professores Almeida Pavão e Lindley Cintra, Dr. João Bernardo Oliveira Rodrigues - para citar aqueles que mais me marcaram em termos culturais), um grande mestre de Teatro (Senhor António Roberto de Oliveira Rodrigues) e todos aqueles e aquelas com quem contracenei. Fui sendo amadora toda a vida e na escola, enquanto professora, procurei sempre despertar nos meus alunos o gosto pela arte. Sempre acreditei que ela não só rasga horizontes, remetendo para outras realidades, como permite ao indivíduo descobrir-se a si próprio e às suas singularidades em confronto com os seus pares, ajudando-o a desenvolver competências fundamentais para o exercício de uma cidadania ativa e plena. Em 2004 fui convidada para presidir ao Conselho de Administração do Teatro Micaelense, com funções executivas, a tempo inteiro, acumulando com a Direção Artística e a Programação. O Teatro Micaelense sempre fizera parte do meu imaginário e dos meus afectos. Por isso, fundamentalmente, aceitei quase de imediato. Tem sido para mim um enorme desafio e uma honra, a que tenho procurado responder com toda a minha energia e entusiasmo, procurando fazer o melhor que posso e sei.

25. Qual é a sua função neste equipamento? O seu trabalho traduz-se em quê?

R.: Não sou apenas a administradora deste teatro, também sou a responsável pela programação, a direção artística. Enquanto Presidente do Conselho de Administração sou responsável pela gestão de tudo, desde pessoal, a departamentos. Sou também responsável pela programação e direção artística, contudo, não tomo decisões sem consultar o conselho de administração onde há um representante da Fundação dos Botelhos local onde é aprovada a programação.

26. Há quanto tempo exerce essa função?

R.: Há 6 anos.

27. Qual é o enquadramento do Teatro Micaelense no nosso panorama cultural local e/ou regional? Porquê?

R.: Sem dúvida que é um equipamento de referência não só a nível local como regional e até Nacional. Só para perceber o ano passado o Teatro Municipal S.

Luís convidou-nos para realizar uma semana de cultura açoriana em Lisboa e este ano há uma produção nossa que vão comprar, portanto é um forte sinal de qualidade e confiança.

28. Como se encontra organizado o funcionamento deste equipamento?

Porquê?

R.: Portanto, no piso térreo temos o auditório, a bilheteira, sanitário, no primeiro andar existe o nosso salão nobre, cafeteira, salas polivalentes, onde podem ser realizados congressos exposições, etc. No piso dois temos todos os gabinetes técnicos, ou seja produção, projeção de filmes tradução simultânea e o piso 3 é onde estão todos os gabinetes de trabalho, uma sala de espera e a recepção, o gabinete de Comunicação e imagem, o gabinete da contabilidade, do serviço educativo e produção.

29. Quantos funcionários atualmente trabalham nestas instalações?

Divididos em quantas áreas?

R.: Seguindo o organigrama do teatro temos, o Conselho de Administração do qual sou presidente, o serviço educativo, que trabalha diretamente comigo tem uma pessoa; temos uma secretária da administração e uma pessoa encarregue pela contabilidade. Existem depois três divisões: a divisão técnica, que comporta 5 funcionários; a divisão de produção que comporta 2 funcionários; e a divisão de relações públicas e imagem com mais duas pessoas; para além destes existem duas funcionárias de limpeza e no Cineteatro Miramar temos mais dois funcionários. No total temos 17 trabalhadores no quadro de pessoal do Teatro.

30. Qual a sua formação?

R.: Todos têm formação para as tarefas que desempenham.

31. Acha que o número de funcionários é o suficiente? Porquê?

R.: Somos poucos, mais alguns não seria mau, contudo não tenho verba para mais, neste momento aumentar o numero de funcionário significaria reduzir na programação e isso não quero.

32. Costumam a contratar mais alguns em determinados momento/espetáculos? Porquê?

R.: Sim, são necessidades momentâneas relacionadas com espetáculos, de resto passa-se o mesmo em outros equipamentos do género pelo mundo inteiro. Temos o mínimo de recursos humanos para funcionar.

33. Os estatutos do Teatro Micaelense são públicos?

R.: Sim, claro que sim!

34. Onde podem ser consultados?

R.: Olhe, aqui mesmo! O Teatro é uma empresa pública, uma sociedade anónima maioritariamente pública.

35. Em que medida são executados estes estatutos?

R.: Com tudo o que executamos.

36. Relativamente ao Teatro Miramar, qual o seu enquadramento no âmbito do trabalho desenvolvido no Teatro Micaelense?

R.: O teatro miramar é a nossa extensão social, o nosso projeto social, de inserção social, lá temos a funcionar uma Academia de música que tem dois coros infantis, uma orquestra ligeira e no todo a orquestra Oi.Jazz. O objectivo da academia é tirar aqueles meninos de Rabo de Peixe das ruas, dar-lhes uma nova oportunidade. Muitas vezes trazemos espetáculos que têm workshops pré espetáculos e alguns desenvolvem-se lá no Miramar com o objectivo de envolver aquela comunidade.

37. Porque razão a tutela daquele equipamento foi-vos delegada?

R.: Não sei ao certo porque também nunca perguntei, contudo, eu acho que está relacionado com o facto de com os meios do Teatro Micaelense é possível manter aquele equipamento vivo não havendo necessidade de duplicar os meios, há uma economia de meios.

38. Qual é o vosso objectivo para aquele equipamento? Porquê?

R.: Como já disse, queremos dar uma oportunidade àquelas crianças, tira-las das ruas... é o nosso projeto social.

Programação e Público Alvo

135. Qual é o público-alvo do Teatro Micaelense? Porquê?

R.: Todos.

136. A programação do equipamento vai de encontro às afinidades deste público? De que forma?

R.: Olhe se não fosse não teríamos em todos os espetáculos sala muito boas. A nossa afluência de públicos relativamente ao nosso universo é fantástica comparando com outros equipamentos.

137. Existe algum estudo de públicos?

R.: Não. Contudo temos algumas informações que nos são fornecidas pelo programa de espetador frequente... não temos um estudo sistematizado.

138. Existe o habito de realizar questionários de satisfação aos espectadores dos vossos eventos? De que forma?

R.: Já pensamos nisso, vamos trabalhar neste sentido, mas atualmente, à exceção dos congressos onde realizamos questionários não efetuamos em outros eventos. Contudo aceitamos sugestões, agora estamos no Facebook também é um bom meio de comunicação.

139. Como caracteriza o público efetivo que frequenta este equipamento?

R.: Diversificado, de várias idades com necessidade de assistir a bons espetáculos.

140. Existe um público “fixo/educado” para toda a programação ou apenas para determinadas áreas? Como chegaram a essa conclusão?(Porque razão não dispõem desta informação?)

R.: Sim, há pelo menos um casal mais crescido que eu que vem a todos os eventos, e digo isto porque os vejo sempre, sempre, sempre.

141. Quais são as vossas linhas de programação? Porquê?

R.: Eu sou a responsável pela programação, contudo esta é . Pretendemos fazer uma programação de qualidade sem cair num extremo que seja tão elitista que não seja capaz de responder aos diversos públicos, nunca cedendo à facilidade. Procuramos ter uma programação diversificada, que procura ir ao encontro das necessidades dos públicos e que seja capaz de responder a vários públicos quer em termos de formação, nível etário, gostos pessoais. As artes de palco são privilegiadas em relação ao cinema, visto que em S. Miguel há oferta nesta área ao contrario de, por exemplo, casas que consiga fazer dança, teatro, as artes de palco. Procuramos mostrar o que se faz com qualidade no nosso pais e não só,

nas várias artes par o público de s. Miguel. É com muito satisfação que ouço muita gente dizer que agora já não é preciso sair da nossa terra para assistir a bons espetáculos. Isto é muito bom, cumprimos a nossa missão.

142. Porque não programar de outra forma tendo em conta outros aspectos?

R.: Porque é da forma como o fazemos que acho ser a mais correta.

143. Quais são os principais critérios e preocupações que têm em conta quando programam?

R.: Orçamento...

144. No que diz respeito aos públicos, existe alguma estratégia para dinamizar, renovar ou fidelizar um público específico ou geral?

R.: Sim existe, criamos o cartão do espectador que dá várias vantagens. Atualmente à exceção do serviço educativo que trabalha em especial com escolas e onde eu acho que lançamos sempre deixamos sempre uma semente não temos. Contudo é outro aspecto que vamos trabalhar em breve.

145. Qual é o público que gostava que de frequentasse o seu equipamento de uma forma mais expressiva?

R.: Os jovens universitários... gostava de ver mais jovens universitários a participarem nos nossos eventos. Fizemos parceria com a associação de estudantes, todos têm um desconto de 20% e na sede da associação existe cartazes com a nossa programação.

146. Qual é a percentagem de produção própria agendada na temporada anterior? Porquê?

R.: Olhe não sou boa com percentagens, mas em 2010 tivemos 3 eventos, espetáculos produzidos por nós ou coproduzidos. Este ano temos muitos mais.

147. No futuro, há algum objectivo nesta área?

R.: sim queremos manter um numero significativo de produção própria, acho que é também um sinal de maturidade e credibilidade.

148. Baseia-se em alguma agenda de outro equipamento, em alguma fonte de difusão cultural ou uma fonte informativa para programar? Porquê?

R.: Não diretamente, é claro que analiso as agendas de outros equipamentos para além de participar em reuniões informais de programadores onde discutimos

muitos assuntos, nomeadamente os públicos e também onde trocamos experiências...

149. Quais são as limitações de programação que tem de ter sempre em conta? Porquê?

R.: Orçamentais

150. Há quanto tempo existe o programa “espectador Freqüente”?

R.: Desde 2006.

151. Qual é o balanço que faz a este programa?

R.: Muito positivo, foi uma forma de acarinhar aquele público “fiel” porque fazer parte do programa não tem qualquer custo e além disso ainda garante a possibilidade de ter bilhetes gratuitos para espetáculos.

152. Qual é o impacto que este programa tem na afluência de públicos?

R.: Embora o cliente com Cartão de Espectador Freqüente seja beneficiado com descontos na maioria dos espetáculos que se realizam no Teatro Micaelense, penso que o impacto na afluência de público é diminuto, uma vez que as pessoas vêm assistir aos espetáculos com ou sem descontos, se estiverem realmente interessadas.

153. Qual é a faixa etária que tem maior n.º de filiados neste programa?

R.: O Cartão de Espectador Freqüente é o melhor meio de obter desconto para quem está na faixa etária entre os 26 e os 64 anos. Dentro dessa faixa, encontra-se a larga maioria dos aderentes ao Cartão. Especificamente dentro dessa faixa, a maioria concentra-se entre os 30 e os 55 anos, com maior domínio do sexo feminino.

154. Quantos espectadores fazem parte deste programa?

R.: 2225.

155. Quantos espetadores realmente o “utilizam”? Porquê?

R.: O número de espectadores regulares (com 3-4 vindas ou mais por ano) situa-se na casa dos 400. Devido á inscrição ser gratuita (até Junho de 2010), houve muitas inscrições de pessoas que não são clientes regulares do Teatro Micaelense, embora tenham o Cartão de Espectador Freqüente.

156. Que impacto tem este programa no orçamento do Teatro Micaelense?

R.: O único impacto que o programa do Cartão de Espectador Freqüente tem no orçamento do TM é a redução nas receitas de bilheteira, por via dos descontos aplicados. Neste momento o programa não tem mais custos, uma vez que os cartões já foram produzidos e pagos. No entanto, como a adesão tem o preço de 10€, há sempre uma redução ligeira do impacto, por via de novas adesões.

157. Este programa traduz o público "fixo" do equipamento? Existem estudos sobre este projeto?

R.: Graças às anteriores regras do Cartão, que premiavam mais a fidelidade, o programa representa o público fiel dos últimos anos. Com as novas regras, não existem benefícios para quem seja mais regular, o desconto é fixo. Podemos considerar que grande parte, senão a maioria do público "fixo" é portadora do Cartão de Espectador Freqüente. Não temos estudos detalhados, apenas uma análise pontual da situação do programa.

158. A vossa sala de espetáculos pode ser alugada? Por quem?

R.: Sim por quem quiser pagar.

159. Com que frequência são solicitadas as vossas instalações por organismos ou associações culturais locais?

R.: Muito, normalmente na nossa programação temos sempre os grupos de dança locais, os coros locais, etc.

Mecanismos de Divulgação

160. Quais são os meios de divulgação utilizados na promoção dos vossos eventos?

R.: utilizamos a newsletter, serviço de SMS, spot na rádio – RDP; TSF – inserções de rodapé nos jornais, dois outdoors que acho que funcionam muito bem, alguns cartazes, normalmente 30; temos a nossa agenda e estamos no Facebook.

161. Considera-os suficientes? Porquê?

R.: sim, e foram reduzidos. Antigamente tínhamos um outdoor por evento atualmente são três, colocamos agora de um e os outros são nomeados.

162. Há algum objectivo de acrescentar mais algum meio de divulgação?

R.: não.

163. Em média qual é o orçamento disponível para divulgar um evento?

R.: estamos a reduzir estes custos todos, talvez à volta de 1700 euros porque não tenho o número certo.

164. Há distinção na divulgação de eventos? Porquê?

R.: De uma maneira geral todos têm a mesma divulgação.

165. Quais os mecanismos de divulgação que têm um efeito mais imediato para com o vosso público-alvo? Porquê?

R.: Não sei, para o público mais jovem talvez as Newsletters e as redes sociais.

166. Têm acordos de divulgação? Quantos? Com quem?

R.: Sim, eles fazem-nos preços favoráveis e são nossos apoiantes.

167. Quantas pessoas visitam o vosso *site* diariamente?

R.: Não dispomos desta informação.

168. Quantos utilizadores estão inscritos para receber a vossa *newsletter*?

R.: 4800.

Investimento/ receita

169. Qual é o orçamento do Teatro Micaelense para o ano de 2010?

R.: -----

170. Qual é a origem do capital? Existem indicações acerca da forma como investir o capital monetário?

R.: -----

171. O Governo Regional é responsável por qual percentagem do orçamento do Teatro Micaelense?

R.: ----

172. O Mecenato ou patrocínio surge naturalmente ou é a sua equipa que costuma propor?

R.: Nos exploramos desde o início parcerias com os privados, com o tecido empresarial explorando a lei do mecenato, os patrocínios. No fundo procuramos usufruir da consciência social que as empresas têm ou dizem que têm e procurar oferecer-lhe uma relação de parceria. E aqui conseguimos boas parcerias com este tecido. Os apoios nem sempre são monetários as vezes são também serviços.

173. Qual é a percentagem do orçamento que advém do mecenato? O restante?

R.: ----

174. Considera que esta forma de financiamento é a mais adequada?

R.: -----

175. Acha que esta política orçamental do equipamento permitirá que este sobreviva durante muitos mais anos? Que mudanças acha que devem surgir e de que forma?

R.:----

176. Os apoios que recebem são apenas monetários? (mecenato)

R.: não, temos para além destes também temos em serviços, isto com a crise...

177. O Governo Regional é patrono, patrocinador ou patrão?

R.: Patrão não é. Temos inteira liberdade de programação e nunca nos foi exigido nada nesta área. Nos somos o único equipamento cultural que é regional. Temos a nível nacional equipamentos nacionais, financiadas pelo orçamento do estados, dona maria etc.,. O Governo regional realiza com o teatro um contracto de interesse económico e cultural através deste contracto que depois é objectivado com programações anuais, nós todos anos temos um a verba que vem orçamento regional.

178. Em média quanto rende a bilheteira em cada espetáculo produzido por vós?

R.: -----

179. Na sua opinião os ingressos deviam custar menos, mais ou serem fixos? Quais as implicações que deste processo surgiriam?

R.: -----

180. Quais são as metas para 2011 ao nível do investimento? Mais materiais, eventos, produção própria, reforço no pessoal?

R.: ----

181. Desde o seu primeiro dia no desempenho destas funções até hoje como tem sido o orçamento do Teatro Micaelense? Aumentou, diminuiu? Porquê?

R.: -----

182. Existe algum programa de assinaturas de lugares? Porquê? Quantos inscritos?

R.: -----

Serviço Educativo

183. Qual é o Objetivo do serviço educativo do Teatro Micaelense?

R.: Desde o primeiro momento em que fui convidada para coordenar este projeto que disse que iria fazer um serviço educativo. A primeira resposta foi, isto é com as escolas, mas o que é isso... a verdade é que hoje temos um serviço educativo que tem vindo a crescer, a afirmar-se cada vez mais e que tem feito um trabalho muito importante na formação e públicos e no lançamento de sementes que tem conseguido ampliar a nossa ação de trazer espetáculos. Temos um oferta permanente que parte do próprio edifício que já de si é encantatório...

184. Quais os critérios para o agendamento das propostas apresentadas no vosso site? Porquê?

R.: Há umas atividades que são permanentes e que têm a ver com os nossos recursos, o próprio edifício, a nossa coordenadora que realiza visitas guiadas e depois escolhem um atelier para concluir a atividade. São atividades de 60 minutos que complementam a visita.

185. Qual é o Público-alvo deste serviço? Porquê?

R.: Trabalhamos com todos os públicos contudo não haja dúvida que elegemos as crianças e jovens como público alvo deste serviço.

186. Quem é o responsável pelo serviço? Porquê?

R.: Dra. Ana Almeida, é licenciada em filosofia e tem formação na área sociocultural e educação pela arte.

187. Há contactos com as escolas? Quando? Porquê?

R.: Sim com escolas, com ATLS, com instituições que acolhem jovens, temos é pena de ter tanta oferta como gostaríamos.

188. De um modo geral a iniciativa do contacto surge do Teatro Micaelense ou das escolas?

R.: Do teatro.

189. Há cuidado em seguir o programa escolar? De que forma?

R.: Sim, adaptamos a oferta ao programa escolar.

190. Quais são as escolas que contactam? Porquê?

R.: Todos, somos um serviço publico e queremos chegar a todos.

191. Durante o ano escolar quantas vezes contactam as escolas?

R.: Diversas vezes.

192. Considera o serviço educativo oferecido pelo seu equipamento adequado à realidade do quotidiano açoriano? Porquê?

R.: Sim.

193. Qual é a sua opinião acerca dos serviços de extensão cultural?

R.: Seria benéfico. Contudo não posso deixar de referir que temos programas para famílias, procuramos chegar a públicos com deficiências...

194. Considera que um serviço de extensão cultural no Teatro Micaelense poderia aumentar o n.º de espectadores? Ou a sua própria renovação?

R.: Sim, mas isso é algo que já realizamos com o Serviço educativo.

195. Considera possível renovar os públicos da cultura através do serviço educativo? De que forma?

R.: Considero que o S.E: é fundamental para fazer um trabalho de mediação com os públicos. Neste sentido ele é imprescindível. Não há dúvida nenhuma que contribui para a criação de novos públicos e tenho a certeza que aqueles que foram atingidos naquele momento saíram mais enriquecidos.

196. Existem competição entre os equipamentos culturais em Ponta Delgada? Acha que é benéfico para a cultura?

R.: Eu acho que não. Nos temos a nossa linha de programação que seguimos. Inicialmente tentei fazer uma articulação com o Coliseu no sentido de não coincidir espetáculos semelhantes na mesma altura porque temos um número reduzido de espetadores e estes muitas vezes querem ir a ambos e não conseguem. Isto nem sempre é possível. Primeiro porque centramos a nossa oferta nos fins-de-semana, tenho a questão das agendas dos artistas, e depois porque também há a percepção que é bom haver uma oferta diferenciada concomitante e depois as pessoas podem escolher aquela que querem. Eu não concordo porque somos muito poucos, se fossemos uma metrópole isso era possível.

197. Será possível, na sua opinião haver um serviço educativo comum a mais do que um equipamento cultural em Ponta Delgada, ou S. Miguel ou mesmo Açores? Porquê?

R.: Eu acho que cada instituição tem de ter o seu, porque ele tem de fazer sentido naquele equipamento. A minha convicção é que haja em todos os equipamentos, tem de estar relacionado com a programação da seu equipamento.

198. Aceitaria de bom grado que o equipamento que representa fizesse parte de um projeto comum na área do serviço educativo com o Museu Carlos Machado e a Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada? Que benefícios acha que haveriam? Porquê?

R.: Um serviço educativo único para tudo acho que não é viável, agora fazer parcerias com outras instituições isso é perfeitamente possível e já o fizemos.